

uma segunda resolução pela qual fez profissão de atheismo e convidou os democratas socialistas a oppõem-se áquelles que não têm outra preocupação senão erguer novas egrejas (allusão ao imperador). Em Rixford celebrou-se outra reunião que adoptou resoluções quasi identicas.

Depois d'isto outros movimentos anarchistas de menos importancia se têm operado na Allemanha, onde a policia e o rigor das leis perseguem de continuo um grande fermento revolucionario. A chancelaria de Berlim tem procurado chegar a um accordo com outras portencias para a adopção de medidas communs contra os anarchistas, mas os seus esforços têm encontrado obstaculo até hoje insuperaveis.

A Belgica é ha muitos annos um dos paizes da Europa mais agitados pelo movimento revolucionario. A Internacional encontrou lá desde os seus principios um grande numero de adeptos, que em 1869 não eram menos de 70:000. O jornal *Tribune du peuple* poz-se desde 1867 ao serviço d'essa terrivel sociedade revolucionaria, e foi em Bruxellas que de 5 a 11 de setembro se celebrou um dos seus mais notaveis congressos.

Foi n'essa reunião que começou uma forte scisão dos internacionalistas, separando-se do partido o grupo anarchista. No congresso de Gand de 9 a 16 de setembro de 1877 tentou-se debalde acabar com a scisão, que se manifestou radicalmente no congresso celebrado em Bruxellas em 1880. Desde então ficaram existindo dois partidos distinctos: o partido operario socialista e o partido anarchista, sendo o primeiro influenciado pelos socialistas allemães, e o segundo composto de elementos diversos, como os amigos de Bakounine, os revolucionarios independentes dos *Circulos reunidos* e os anarchistas de Bruxellas.

Estas tres fracções reunidas formaram a *União revolucionaria*, que celebrou frequentes congressos em Bruxellas, Verviers, Cuesmes, etc., fundou um semanario intitulado *Les Droits du peuple*, redigido por Crié e Chauvière, e promoveu diversos comicios e conferencias revolucionarias em toda

a Belgica, principalmente em Bruxellas, Liège, Ensival, Jemmapes, Frameries, Cuesmes, etc.

Os resultados não se fizeram esperar. Ainda em 1880 davam-se serios tumultos nas ruas de Bruxellas, vendo-se a policia obrigada a empregar a força para dispersar os desordeiros. Em 23 de março de 1881, por occasião de um congresso celebrado em Cuesmes, arvorou-se alli a bandeira vermelha e formou-se um cortejo de cêrca de 3:000 operarios cantando a *Carmagnole* e dando vivas á Communa, notando-se que a este movimento não eram estranhos alguns revolucionarios estrangeiros, que foram expulsos pelo governo belga.

Os anarchistas de Verviers fundaram um jornal, a *Persévérance*, que acabou em 1882, e foi substituido em 1885 pelo *Insurgé*, que começou de publicar-se em Bruxellas em março de 1885, e que por sua vez foi substituido por um outro jornal intitulado *Ni Dieu ni maître*.

Actualmente, os principaes centros anarchistas da Belgica são em Bruxellas, Liège, Verviers, Cuesmes, Gand, Schaerbech, Etterbeck, Anvers e Saint-Josse-ten-Noode. Os anarchistas belgas procuram ganhar terreno entre a classe operaria, e acompanham o movimento revolucionario do estrangeiro. Ainda em 28 de fevereiro de 1892 se reuniram para protestar contra a execução dos anarchistas de Jerez, a que logo nos referiremos.

Na Italia, só depois do attentado de Passamante contra o rei Humberto, em 16 de novembro de 1878, é que começou a manifestar-se o movimento anarchista. Mas já em 1877, em Benevente, 27 revolucionarios armados e commandados por Carlo Cafiero atacaram varias communas, apoderaram-se do dinheiro encontrado nos cofres municipaes, o qual foi distribuido pelo povo, e incendiaram os papeis que encontraram nas repartições publicas. As tropas obrigaram-n'os a depôr as armas e os tribunaes condemnaram-n'os a penas de prisão.

Depois de um congresso anarchista celebrado em Londres em 1881 constituiram-se grupos anarchistas em diversas

idades da Italia, como Roma, Bolonha, Milão, Napoles, Ravenna, Forli, etc. Em 1883 celebrava-se em Chiasso um congresso anarchista italiano, e logo depois começaram a manifestar-se os seus effeitos com tumultos na Romagna e n'outros pontos. Em Napoles foi preso o advogado Merlino e em Florença Henrique Malatesta, sendo ambos condemnados em Roma, no dia 1 de fevereiro de 1884, a tres annos de prisão. O jornal mais celebre dos anarchistas communistas italianos foi o *Proximus tuus*, de Milão. Na Italia ha um grande numero de associações socialistas collectivistas que se approximam bastante do anarchismo communista.

Na Russia, o socialismo revolucionario apparece-nos sob a feição especial do nihilismo, dividido em dois grupos: *popularistas* e *terroristas*. Embora o nihilismo não entre perfeitamente no quadro do presente estudo, daremos d'elle uma breve noticia.

O nihilismo, que é um producto especial das circumstancias politicas da Russia, apresenta diversos aspectos conforme os fundadores e corypheus do partido. Encontramos em Herzen o nihilismo doutrinario, em Tchernychevski o nihilismo scientifico; Bakounine deu-lhe a feição revolucionaria que os nossos leitores já conhecem e que foi levada ao requinte da ferocidade pelo partido terrorista. Bakounine foi o homem que exerceu maior influencia no desenvolvimento d'esse partido destruidor.

Em um relatorio feito pela redacção do *Democrata-socialista*, e assignado pelos revolucionarios G. Plekhanoff e V. Zassoulitch, falla-se da situação dos operarios russos, do despotismo dos czares confrontado com o absolutismo occidental, e, não se julgando sufficiente o partido revolucionario *popularista*, conclue-se pela formação do partido *terrorista*. «Um partido (o *popularista*) que se recrutava, principalmente, entre «*peçoas de intelligencia*», não podia derribar o czarismo. Não era mesmo assaz forte para o poder atacar n'um combate decisivo. A lucta, chamada terrorista, lucta de *guerilhas*, impunha-se-lhe de um modo inevitavel. A entrada em campo do proletariado industrial permittir-nos-ha ir mais lon-

ge. De hoje em diante o ameaçado não será o individuo que se senta no throno dos czares, será o proprio throno». Tal é o programma do partido terrorista.

O mais notavel attentado dos nihilistas é o assassinato do czar, Alexandre II. No primeiro de março de 1881, quando o czar regressava ao palacio depois de passar revista ás tropas, um rapaz atirou uma bomba contra a carruagem matando um cossaco. Alexandre II apeou-se, e instantes depois rebentava-lhe aos pés uma outra bomba que lhe despedaçou horriavelmente o corpo. O assassino, Grinievitski, tambem morreu da explosão.

Para concluirmos esta noticia ácerca do nihilismo, transcrevemos os seguintes trechos de uma carta dirigida por Pedro Lavroff ao congresso internacional de Bruxellas:

«Os socialistas revolucionarios russos, com orgulho o confessam, teem encontrado na sua lucta sympathias effectivas, por parte dos seus irmãos dos outros paizes e até entre as classes que no movimento russo não pretendem ver senão os antigos elementos das revoluções politicas. Estas sympathias affirmaram-se mesmo na occasião em que só accidentalmente poderiam relacionar-se com o verdadeiro movimento do nosso paiz. Alguns jovens russos refugiados foram accusados de ter preparado machinas explosivas em Paris; elles negaram o facto e foram condemnados á pena de prisão, apenas por presumpções, muito insufficientes. Os presos foram soccorridos não só pelos socialistas (entre outros pelos do congresso de Halle) senão tambem pelos individuos e agrupamentos liberaes dos differentes paizes. Um antigo policia russo foi assassinado em Paris; e, apesar das pesquisas officiaes, apesar do enthusiasmo patriotico que embriaga os partidos politicos francezes, na perspectiva de uma alliança possivel, o facto encontrou sympathias inesperadas na sociedade e na imprensa franceza. Alem do oceano houve um Kennan que defendeu, alta e publicamente, os revolucionarios russos com discursos ardentes e obras litterarias magistraes. Na Inglaterra e na America organisaram-se numerosas commissões para coadjuvar o movimento revolucionario na

Russia. Por sem duvida os socialistas russos não teem senão a exprimir o seu reconhecimento mais caloroso e sincero, a todos os que, por qualquer motivo, sympathisam com a sua causa. Mas não occultam que a sua bandeira, e unica, é a bandeira vermelha do socialismo internacional; que luctam contra o despotismo; porque esse despotismo na Russia representa um impedimento funesto á propaganda do socialismo scientifico; que é apenas na qualidade de socialistas, que se affirmam como verdadeiros continuadores de todas as luctas anteriores pelo progresso humano, luctas travadas tanto na Russia como nos outros paizes; que não foi ainda senão como socialistas que se organisaram outr'ora e esperam organisar-se de novo para constituir o núcleo de um partido politico com influencia; que, emfim, é para as fileiras d'este partido que elles clamam todos os inimigos do despotismo, a fim de derrubar, talvez dentro de pouco tempo, o regimen reaccionario russo actual».

Os socialistas revolucionarios da Austria Hungria pretenderam a principio conservar-se em partido distincto tanto da escola moderada de Liebknecht, como dos anarchistas de Most, e fizeram até uma declaração n'esse sentido no congresso de Juliefeld, perto de Brünn, em 1880. Conservaram essa especie de neutralidade n'um congresso celebrado em Pesth em 1880. Mas, diz A. Crié, que vimos seguindo de perto, — não tardaram a manifestar-se symptomas de uma scisão proxima.

Em 4 de dezembro de 1881, a policia foi repellida quando procurava dissolver uma reunião anarchista, e o commissario Kladech foi ferido. Os tumultos começaram a multiplicar-se por toda a parte. Em julho de 1882, em Merstallinger, atacaram e roubaram uma casa á mão armada, e este facto motivou a separação entre socialistas moderados e anarchistas, no congresso celebrado em Brünn em 15 e 16 de outubro de 1882. Os tumultos e as violencias repetiram-se, tanto na capital como nos outros centros operarios. Em Vienna houve graves desordens em 10 de agosto, 2 e 10 de setembro de 1883. Em 26 e 27 d'esse mez e anno reunia-se um congresso anar-

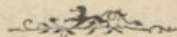
chista em Lang-Enzersdorf, perto de Vienna. Em 20 de novembro de 1883 foi assassinado em Florirsdorf o commissario de policia Hlubeck, em 15 de dezembro foi assassinado em Vienna um agente de policia, e outro agente na mesma cidade em 24 de janeiro de 1884.

O governo tomou as providencias mais rigorosas para acabar com tão odiosos attentados; muitos revolucionarios foram presos, e um, Hermann Stellmacher, foi condemnado á morte e executado; supprimiram-se muitos jornaes, e a policia usou da mais constante vigilancia. Isso, porém, não obistou a que se formassem muitos grupos anarchistas, sedentos de carnificina e destruição, em Vienna, Budapesth, Agram, Cracovia, Presburg, na Carinthia, na Bohemia, na Galicia, na Carniola e na Styria.

A propaganda anarchista na Austria-Hungria tem-se feito por varios jornaes. É alli distribuido um grande numero de exemplares da *Freiheit*, de Most. Em Vienna publicou-se o *Zukunft*, dirigido pelo pintor Peukert; mas esse jornal foi suprimido pelo governo, e os anarchistas ficaram só com o *Radical*, publicado em Pesth. Tambem são publicados muitos folhetos com o titulo de *Ultima imprensa livre da Cisleithania*.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

(Continúa).



BIBLIOGRAPHIA

Institutiones theologiae dogmatico-polemicae, pelo Dr. Bernardo Augusto de Madureira, lente de Vespera da faculdade de theologia ¹⁾. Já foram adoptados para texto nas cadeiras de Dogmatica do 2.º e 3.º anno da faculdade de theologia, e em quasi todos os seminarios da nação. O 3.º volume que ainda foi concluido em setembro ultimo, tem por objecto os sacramentos e os novissimos do homem. Esta obra, formando um quadro completo de dogmatica especial, honra o auctor, a faculdade e o paiz.

Não ha dogma catholico que o racionalismo no decorrer dos tempos se não tenha empenhado tenazmente em atacar, architectando systemas sobre systemas que a theologia vê todós despedaçar a seus pés como estatuas de barro.

São as conclusões que se tiram da leitura completa da obra do Sr. Dr. Madureira.

Ao valor scientifico da obra accresce uma circumstancia que a caracteriza e torna genuinamente nacional. Theologos distinctissimos, cujas obras abrilhantam a historia patria da theologia, jaziam até hoje no mais completo abandono. E a razão é que, servindo-nos de livros estrangeiros, os seus auctores não conhecem, ou fingem não conhecer, as cousas de Portugal. Porém o illustre cathedratico, enlaçando a sciencia com o sentimento patriotico, evocou dos nossos melhores theologos testemunhos e provas de subido quilate.

Aliás a obra do Sr. Dr. Madureira é hoje sufficientemente conhecida para dispensar largas considerações.

F. A.

¹⁾ Conimbricæ — Typis Academicis. — Tres grossos volumes in 8.º

Summa syntaxica cum thematis ad exercendum,
Auctore Mario Laplana, Societatis Jesu Sacerdote ¹⁾ — Do conhecido editor allemão B. Herder acabamos de receber esta obra, que é bem digna de ser consultada por todos os que se entregam ao estudo da lingua latina. Não se tracta de um livro elementar, porque a *Summa syntaxica* é um estudo profundo e revela um minucioso conhecimento dos melhores classicos latinos. Muito importante seria que em Portugal se vulgarissem obras d'este valor, visto que entre nós o estudo da lingua latina se acha infelizmente abandonado.

A *Summa syntaxica* está dividida em duas partes, occupando um volume cada uma: a primeira apresenta as regras da construcção das orações e dos elementos da sua formação, segundo os melhores classicos, cujos exemplos o auctor cita cuidadosamente; a segunda parte é uma collecção de themas graduados em tres partes e extrahidos dos melhores auctores latinos.

Aos professores de latim e a todos os que se entregam ao estudo da famosa lingua de Cicero recommendamos o magnifico trabalho do padre Laplana.



¹⁾ Friburgi Brisgoviae. Sumptibus Herder. Typographi edictoris pontifici MDCCCXCIV, 2 vol. in 8.º de 176 e 352 pag. — Preço da obra, 5 fr.

CHRONICA CONTEMPORANEA

INTERIOR

Os acontecimentos parlamentares. — Obstruccionismo da maioria. — O golpe d'Estado. — Responsabilidades — Manifestos e comicios.

Exactamente quando fechavamos a chronica do numero anterior passavam-se no parlamento as scenas mais tumultuosas, de que então não podemos dar noticia, mas que agora passamos a registrar. As consequencias dos tumultos foram bastante graves, e o seu caracter é bem de molde a accentuar a decadencia do parlamentarismo, que entre nós ninguem pode encarar a serio e está pedindo uma reforma fundamental.

Na sessão de 26 de novembro, o deputado republicano sr. Eduardo Abreu quiz fallar antes da ordem do dia, e allegava para isso que assim lh'o promettera a presidencia. O presidente nega-lhe a palavra; o sr. Eduardo Abreu, acompanhado por varios deputados opposicionistas, protesta contra tal procedimento. O presidente dá a palavra ao sr. Villaça, que não pode fallar com o tumulto. Interrompeu-se a sessão por meia hora, mas quando se reabriu continuaram os tumultos. Gritos, protestos, murros nas carteiras, pateada, eis em que se resume a rhetorica dos srs. deputados. O sr. Beirão pede á maioria que transija e deixe fallar o sr. Abreu, para acabar o tumulto; mas a maioria não cede. N'isto surge o sr. João Arroyo, o parlamentar mais illustre do velho e do novo mundo, conhecido ha muito por provocador de tumultos parlamentares e outras cousas. Acerca-se da presidencia e começa a ler em voz alta, sem que ninguem ouvisse com o tumulto, a seguinte proposta.

«Proponho que a mesa d'esta camara seja auctorisada a formular, publicar ou fazer cumprir as disposições regimentaes necessarias para assegurar a ordem e regularidade dos trabalhos parlamentares. Essas disposições terão execução desde que por determinação da meza sejam publicadas no *Diario do Governo* e serão depois devidamente inseridas no Regimento».

A proposta foi votada como urgente e o sr. presidente levantou a

sessão no meio de grande tumulto. Note-se bem, que uma proposta que dava poderes discrecionarios à mesa para alterar o Regimento da camara em materia importante foi votada tumultuosamente, sem que muitos deputados soubessem mesmo do que se tractava!

Na sessão do dia 28, logo depois da leitura da acta, pedem a palavra varios deputados, entre os quaes o sr. Beirão. O *leader* progressista accentua as arbitrariedades committidas na sessão anterior, diz que tudo ainda tem remedio, recusando a approvação da acta, e jura pela Carta constitucional que não cumprirá o novo regimento, que n'esse dia fôra publicado no *Diario do Governo*. A presidencia interrompe e retira a palavra ao orador, concedendo-a ao sr. José d'Azevedo. Estabelece-se o tumulto. A presidencia ameaça, e interrompe a sessão. Mas logo que ella se reabriu, enquanto o sr. José d'Azevedo tomou a palavra, o sr. Beirão insiste em que não podem cortar-lhe a liberdade de fallar. O tumulto redobrou e o presidente levanta a sessão. No dia seguinte publicava o *Diario do Governo* um decreto encerrando a sessão das camaras legislativas e declarando que opportunamente serão convocadas.

Estes factos, que nos dispensamos de pormenorisar, são muito graves por qualquer lado que se considerem. O desprestigio da constituição e do parlamento, o descredito dos partidos, o odioso que sobre si acarretou o governo, um golpe mais ou menos profundamente vibrado na monarchia, a revelação de uma grande falta de senso governativo e de interesse pelos negocios nacionaes, — são factos de uma alta significação e que resultam de todos essas tristissimas scenas que o paiz contemplou com magua.

Fazer disturbios no parlamento, onde à porfia todos deviam cuidar dos interesses publicos; levar um deputado o capricho de fallar até fazer arruaça, e ter a maioria a velleidade igualmente condemnavel de não o deixar fallar; fazer tumultuariamente uma reforma do regimento, em vez de a estudar e discutir livremente; aconselhar o monarcha a encerrar a sessão legislativa contra todos os preceitos constitucionaes; — tudo isto é muito grave e tambem muito desconsolador.

As responsabilidades não cabem a um partido, mas a todos. Se a opposição fez disturbios, tambem os fez a maioria; se os progressistas e os republicanos foram precipitados, mais precipitadamente andou o governo. Ha no ministerio e na maioria da camara homens caprichosos que são verdadeiros elementos de discórdia, e que não podem de forma alguma auxiliar o bom andamento dos negocios governativos. Querem um governo de força? Tambem nós o queremos; mas a força não consiste em ser teimoso quando se deve condescender em practicar actos de violencia inutil quando a prudencia aconselha a moderação. Queremos um governo de força, porque assim o exigem as circumstancias do paiz, mas queremos ver a correção alliada com a energia.

Eis como estes factos são apreciados por um jornal estranho ás luctas partidarias:

«Tinha rebentado um conflicto parlamentar. As causas do pleito eram na realidade inconsistentes. As conveniencias da patria exigiam que a camara continuasse a funcionar com regularidade. Assim o comprehendiam perfeitamente os srs. Barros Gomes e Jeronymo Pimentel — um homem eminente do grupo progressista e um membro illustre do grupo regenerador. Trataram logo estes dois dignos pares de acalmar as ondas, sem quebrantamento da disciplina partidaria. O nobre empenho foi merecidamente coroado de triumpho.

«Mas pouco depois d'esta victoria estalava um novo conflicto. Era mais grave do que o primeiro — uma verdadeira tempestade. Ao mesmo tempo dava-se um facto que augmentava os prenuncios da trovoadá. A

presidencia da camara ficava armada, no meio do cahos, com o direito de alterar o regimento, para d'ahi a pouco ter na sua mão o raio.

«... A anarchia obteve um verdadeiro triumpho. Todos venceram, todos foram derrotados, todos viram partir o raio e ser menos efficaz do que o ataque impetuoso e reciproco dos ventos...

«Mas o encerramento das côrtes era um acto de omnipotencia contra o direito. Saltava-se por cima da constituição do paiz. Isto não era tudo. Os ministros inventaram tambem um quinto poder, o poder encerrador, sem o voto do Conselho de Estado. O gabinete, chamando a si a questão, deitava por terra o edificio do direito publico portuguez. Pleiteavam antes, de um lado a minoria, do outro a maioria com a presidencia da camara. Mas os segundos litigantes, eram por fim substituidos pelo governo, com a circumstancia de ser este o auctor da mudança e de se haver avolumado o objecto do conflicto.

«Em favor dos progressistas ha o amor de um grande principio e contra elles milita o facto de exaltações que deviam ser contidas. Em defeza dos regeneradores avulta o respeito de um principio igualmente grande e contra elles se destacam abusos que são para lamentar. Dir-se-hia que, em virtude das circumstancias dos tempos e do estado dos espiritos, duas correntes que se dirigiam a bons fins desviaram-se dos seus leitos para se chocarem.

«Os progressistas teem pugnado acima de tudo pelo principio da lei. Garantia esta a liberdade de palavra, o direito de erguerem a voz as minorias, a facultade de combater uma votação problematica e tumultuaria, a prerogativa juridica de protestar contra a violação da carta constitucional e contra a invenção ministerial do poder encerrador. Mas é tambem fóra de toda a duvida que o movimento dos animos e o curso das cousas os levaram além da sua linha de fronteira e a excitações verdadeiramente lamentaveis. Na camara é mesmo possivel ver-se a offensa ao principio da auctoridade presidencial.

«Os regeneradores, por seu turno, têm precisamente em seu favor o principio da auctoridade, que não devia naufragar e que procuram defender. Mas ainda o estado dos espiritos e a corrente dos factos vieram impellil-os por um caminho que ficou cheio de graves responsabilidades.

«A maioria e a presidencia da camara podiam ter evitado a tormenta do segundo dia de conflicto. Assim nos teem fallado membros illustres do partido regenerador. Estava feita a paz com os progressistas. O sr. Eduardo Abreu queria descompol-os por esse facto. Sabia-se isto, comprehendia-se que o desabafo era obra de um momento, via-se bem que d'ahi não viria mal ao mundo e muito menos aos regeneradores. E no entretanto foi-lhe negada, contra o direito, a palavra, com a previsão facil de que a tempestade troaria de novo.

«N'esse mesmo dia os regeneradores tomaram tambem sobre si a responsabilidade de uma votação tumultuaria, para alterar o regimento sem consultarem as minorias. A votação nessas condições não podia ser fonte de lei, porque o direito não pode nascer de uma trovoadá parlamentar em que a luz dos relampagos não foi sufficiente para mostrar que houve a decisão do maior numero. Não se podia tambem, por outro lado, em assumpto de tamanha importancia, passar por cima do direito que a minoria tinha a ser ouvida. No animo d'ella estava, de mais a mais, a convicção antiga de que devia ser alterado o regimento. Lançar mão da força para impor essa alteração, sem attender ao criterio alheio, era evidentemente um abuso.

«Abuso foi tambem a providencia extrema de que o governo tomou a responsabilidade. O ministerio, inventando o poder encerrador, desconjunctou a cidadella da lei».

Depois de encerrado o parlamento, os grupos opposicionistas colligados continuaram cá fóra a sua campanha contra o governo. Publicaram-se até agora dois manifestos, bastante violentos, e fizeram-se dois comicios, um em Lisboa e outro no Porto, pronunciando-se discursos igualmente violentos. O azedume de animos exacerba-se, a lucta promette continuar, — lucta ingloria a que o povo mal pode ligar-se, porque nenhum partido lhe dá esperanças seguras de boa administração.

Notou-se no meio d'esta guerra aberta que entre as opposições nem sempre havia um accordo completo. O sr. Dias Ferreira não assignou os manifestos; o sr. Francisco Mattoso, irmão do respeitavel chefe do partido progressista, adoptou a mesma norma de procedimento. Somos inclinados a crer que o sr. Dias Ferreira não procedeu assim por mero capricho; talvez obedecesse a sentimentos do paço e a conveniencias do seu futuro politico.

Que haverá no parlamento quando elle se reabrir? O tempo o dirá; mas que se acalme o conflicto aberto não nos parece muito provavel.



A MISSÃO SCIENTIFICA DA EGREJA

(Continuação da pag. 111)

O hygrometro foi inventado, segundo Liles, pelo cardinal de Cusa; o padre Chappe é o inventor de um dos apparatus mais surprehendentes dos nossos dias, o telegrapho; o pan-telegrapho deve-se ao padre Casselli.

Quem senão o padre Bartear descobriu o pára-raios, antes de Franklin, como consta das Memorias da Academia de Vienna? O padre Berando foi o primeiro que estudou a explosão electrica.

Seria longo trabalho se quizeramos citar os nomes dos innumeraveis sacerdotes que teem um nome illustre na historia da physica e da chimica. Concluimos pois esta succinta relação com dizer que foi o padre Courtois o inventor do freio instantaneo para fazer parar os trens; o padre Embriaco, o do engenhoso relógio d'agua; o beneditino Valentin, o da applicação da chimica á medicina. Em mineralogia tornaram-se celebres os padres Binon, Bertholon, Poncelet, Panbian e outros.

No seculo XIV, o bispo de Salzburg, Virgilio, o padre Vicente de Beauvais e o padre João de Ribalta, ainda que o systema de Ptolomen estava em voga, ensinavam a redondeza da terra, a existencia dos antipodas e a força centripeta. É devido a sacerdotes catholicos o actual systema planetario. O cardinal Cusa foi o primeiro que descobriu o movimento da

terra. O conego Copernico demonstrou mathematicamente este facto, sendo efficazmente apoiado pelos franciscanos Foscarini e Diogo de Zuniga. São muito conhecidos os trabalhos astronomicos de Regiomontano, especialmente na correcção do calendario. Em sciencias astronomicas são tambem muito notaveis muitos padres da Companhia de Jesus. Bamberg e Graci conheceram os eclipses e os cometas; Scheiner descobriu as manchas do sol; foram padres d'aquella Companhia que substituiram os sabios chins na direcção dos observatorios astronomicos do Celeste Imperio. Desde 1620 distiguiram-se n'aquella direcção, entre outros, os padres Schall, Sumbil, Guldin e os irmãos Terencio e Verbiat. Foram ainda aquelles padres que na Europa deram impulso ao estabelecimento de observatorios, avultando, entre os mais, os padres Flamsteed, Graindwge, e o conego Gassendi.

A Academia de Sciencias, de Paris, commissionou para diversos trabalhos astronomicos os sacerdotes Cotte, Guérin, Piazzini, descobridor do planeta Ceres, Hodierna, La Caille, a quem Laland chama grande astronomo. Não se podem esquecer os nomes illustres de Orioli, Caraffa, Picardi, o primeiro que mediu exactamente o meridiano da terra, Cezaris e Oriani, directores da Academia de Sciencias, de Milão.

Tanto na geologia como na paleontologia prehistorica, sciencia recente, ha eruditissimos sacerdotes catholicos. O padre Cesi e Kircher illuminaram com o seu profundo saber o berço d'aquellas sciencias, e em nossos dias figuram entre os sabios consagrados a ellas os padres Bourgeois, Delaunay, Valroger, Maillard, Croiset, Lambert, Hami e Almera.

Nos estudos prehistoricos derramaram immensa luz os trabalhos dos padres Ducrot e Marchand; ácerca da paleontologia escreveram bellos tractados os eruditos Meignan, Pianciani, Gagnet, Choyer e outros. O padre André de Gy, modesto capuchinho, é conhecido dos sabios pela sua *theoria da terra* que Cuvier glorificou no Instituto de França.

Ao contemplar esta phalange de sabios sacerdotes, deante dos quaes deve inclinar a cabeça todo aquelle que tiver uma centelha de amor á sciencia, e para os quaes se abrem de

par em par as portas de todas as Academias, Observatorios e demais templos da sciencia, não podemos deixar de concluir com as palavras do erudito Madrolle: «As sciencias exactas e as bellas artes, a astronomia, a physica, a chimica, a navegação, as sciencias geographicas, e até a architectura, a pintura e a musica, devem ao sacerdocio catholico os seus mais felizes descobrimentos e até os seus prodigios.»

Eis como a Igreja sempre e em todos os tempos mostrou d'um modo esplendido a sua missão scientifica, o seu amor e protecção a todos os que se dedicaram ao cultivo e aperfeiçoamento das letras divinas e humanas.



Esta missão scientifica provém de ser a Igreja a depositaria incorruptivel da verdade, e a verdade é o ideal de toda a sciencia. A Igreja recebeu do seu divino fundador a missão de annunciar o Evangelho a todos os povos da terra, e para cumprir esta missão sublime, verdadeiramente divina, manda a todos os climas, a todos os pontos do globo, ainda aos mais inhospitos e inacessiveis, os mais arrojados exploradores, apóstolos illustrados que, se resgatam immensas almas para o reinado de Jesus Christo, se dilatam o imperio da Igreja catholica, enriquecem as sciencias com maravilhosos inventos e inestimaveis thesouros. O padre Werner, um dos sacerdotes mais illustrados da moderna Allemanha, escreve: «Se o bello, como excellentemente disse Santo Agostinho, não é mais do que a variedade na unidade, nada ha em todo o universo que exceda em belleza a Santa Igreja catholica, que reune na unidade da mesma fé, na communitade d'uma mesma religião, a diversidade das raças e a multiplicidade dos povos. E não é pela força da espada, nem pela relaxação da moral, mas pela conversão das almas, que a Igreja catholica romana realisa a sua maravilhosa grandeza.

«A immensidade do globo, a universalidade do genero humano, eis o auditorio assignado pelo Mestre aos seus discipulos. Assim em todos os seculos, desde o começo da era

christã, milhares e milhares de heroicos apóstolos teem respondido ao chamamento divino. Todos os dias surgem novos apóstolos e atravessam mares, e dispersam-se em imperios sem fim, e instalam-se em remotas plagas, e não se poupam a sacrificios para dilatarem as fronteiras do reino de Deus. É assim que a Igreja universal realisa admiravelmente a parábola evangelica da arvore nascida do grão da mostarda, semeada pela mão de Christo e desenvolvendo-se pouco a pouco até cobrir com os seus poderosos ramos toda a superficie da terra ¹⁾.»

Á sombra d'esta arvore frondosa nascem, vivem e progridem admiravelmente as sciencias e as letras; e as mesmas artes ostentam em esplendidas formas, em primores de inexcédível belleza, o ideal e a inspiração christã. São da Igreja os sabios illustres que actualmente abrilhantam as mais famosas universidades e academias, especialmente da Europa, são ainda da Igreja as mais illustres obras que a antiguidade nos legou e que os sabios modernos estudam com proveito e admiração.

Em 1887 realisou-se em Paris o primeiro *Congresso Internacional de sabios catholicos*, onde foram larga e proficientemente discutidas as mais transcendentés questões de todos os ramos dos conhecimentos humanos. Os homens que constituíam as differentes secções do congresso eram outras tantas glorias da Igreja e da sciencia. Em sciencias philosophicas apparecem os nomes do Mgr. Hulst, reitor do Instituto catholico de Paris, e dos padres Forbes, Guien e Vauroux, tres philosophos de primeira plana; em sciencias historicas, alem dos padres Broglie e Fouard, professor da faculdade de Theologia de Rouen, estava o padre Smedt, o illustre decano dos bollandistas, o sabio que personifica «a alta sinceridade critica, o trabalho infatigavel pela gloria de Deus, da Igreja e dos santos»; em sciencias naturaes avultam, entre outros, o marquez de Nadaillac, E. Niel e o padre Lefèvre.

O Congresso, que foi mais uma eloquente demonstração

¹⁾ *Atlas des Missions Catholiques* por le R. P. O. WERNER, de la Compagnie de Jesus, 1886.

de que a fé catholica se allia com a mais transcendente sciencia, e de que a Igreja é a primeira escola, a primeira incitadora e a luz brilhantissima da sciencia, tractou com assombro e admiração do mundo sabio os mais altos problemas de theodicea, da metaphysica geral, da cosmologia, da psychologia, da psycho-physiologia, do direito natural, da economia politica e social, das mathematicas, da astronomia e da mechanica, da physica e chimica, da biologia, da geologia e paleontologia, da anthropologia, ethmographia e philologia, da historia biblica nas suas relações com a historia do antigo Oriente, das origens do christianismo, da historia comparada das religiões, da archeologia christã, etc., etc.

A este memoravel Congresso, em cujas commissões organisadoras predomina o elemento ecclesiastico, acudiram os sabios catholicos de todo o mundo, os mais illustres professores das universidades e institutos catholicos, e mostrou praticamente que á Igreja pertence a direcção do pensamento humano, que no seio da Igreja estão depositados os germens da sciencia, os elementos inspiradores de todas as obras de merecimento scientifico real.

Ainda hoje temos a invejavel gloria de contar entre o clero catholico sabios tão illustres como Carnoy, professor de botanica e biologia comparada na Universidade catholica de Louvain, e cujos estudos sobre biologia cellular teem merecido, diz *Le Museon*, o elogio dos sabios mais distinctos dos dous mundos; Hamard, a quem se devem notaveis estudos sobre a hypothese do homem terciario; Carbonelle, um dos illustres fundadores da *Sociedade Scientifica*, da Belgica, altamente reputada em todo o mundo sabio; Vigouroux, o escriptor eminente que melhor tem combatido a antigenese de Darwin e Hœckel; Ferrari, o famoso continuador das maravilhas astronomicas do padre Secchi; Leconte, director da Escola normal de Mons e anthropologista distincto; Van Tricht, physico notavel; Thirion, festejado auctor de excellentes estudos sobre movimentos molleculares; Lanney, benedictino, cuja obra sobre os satelites de Marte é muito considerada entre os sabios; Hahn, jesuita eruditissimo que escre-

veu na *Revue des Questions Scientifiques* importantes artigos, no dizer dos competentes, sobre Claude Bernard e seus famosos descobrimentos na physiologia; Aoust, professor de calculo integral e differencial na faculdade de sciencias de Marselha; Delattre, orientalista de primeira ordem; Charles de Harlez, director da excellente revista *Le Museon*, e uma das glorias da Universidade de Louvain, onde ensinou as linguas e litteraturas sanskrita e zende; Renard, do Museu de geologia de Bruxellas e geologo illustre; Boulay, botanico eminente; Regnon, um dos mais conscienciosos cultivadores da physica e chimica modernas; e, finalmente, um sem numero de benemeritos sacerdotes pelos relevantes serviços que prestaram e estão prestando á sciencia e á civilização ¹⁾.

Gloria ao clero catholico, gloria eterna aos benemeritos da sciencia e da Igreja que tão eloquentemente teem demonstrado como a fé se harmonisa com a razão, como a luz da revelação divina illumina com os seus vividos clarões os vastos dominios do saber humano.

* * *

Na historia da eloquencia, das humanidades, das bellas artes e até das grandes invenções industriaes, o clero catholico occupa tambem uma pagina brilhante. Respiguemos alguns factos em demonstração d'esta verdade. Pertencem ao clero os mais abalisados *lexicographos*, especialmente latinos; em ethnographia e historia especial de paizes pouco conhecidos avultam Duhalde, Le-Conte, Muratori, Bartoli e Ganbil; o cardinal Mezzofanti e o padre Bollig são os mais notaveis polyglotas de que ha memoria; Rossini e Donizetti foram discipulos do padre Mattei; La Luzerne, Lacordaire, Felix e Monsabré, dignos successores de Massillon e Bossuet, são o genio da eloquencia christã ²⁾.

¹⁾ Alguns dos sabios acima indicados já não pertencem ao numero dos vivos. Do sabio Denza, ultimamente fallecido, falamos n'outro logar d'este numero.

²⁾ Não podemos deixar de mencionar o padre Ciasca, agostinho. Foi encarregado por Pio IX de traçar um plano de correção da Biblia grega. Leão XIII nomeou-o interprete pontificio. Conhece perfeitamente o hebreu, o arabe, o syro, o

Delorme foi o architecto das Tulherias; o arcebispo Mauricio de Sully, o da grandiosa egreja de N. Senhora das Victorias, de Paris; Whicham, bispo de Winchester, da cathedral de Windsor; Azone, da basilica de Seez e o beneditino Helduart, da grande Torre de Chartres.

S. Romualdo deu o risco do soberbo portico da cathedral de Reims, e um bispo de Costaniza levantou aquella abobada maravilhosa que fez dizer a Vauban: «Que braço sublime a levantou ao ceu?»

A magnifica Egreja de Dunes, na Belgica, foi edificada por monges, sob a direcção do seu abbade.

A arte imitadora da natureza conta entre os mais illustres pintores o B. Angelico, dominico, e o padre Pozzo, jesuita.

A ethnographia é creação do diacono Pierre, monge beneditino; o padre Etroncolle, missionario da China, divulgou na Europa o segredo da fabricação da porcelana; o padre Coeur-Dax deu-nos as primeiras noticias sobre varias tintas indianas, que actualmente se usam na Europa; o padre Mergoux construiu a machina da panificação das batatas, verdadeiro supplemento do trigo.

A quem, se não ao clero, se deve a origem da relojoaria? A arte de trabalhar em pedras preciosas foi restaurada na Europa por Bernelin e Bermin, conegos de Sens. Util e maravilhosa sobre todas é a arte de restituir a linguagem aos surdos mudos; esta invenção nasceu tambem do sacerdocio catholico. Attribute-se a idea primitiva ao padre Ponce, beneditino, morto em 1584, e que mais tarde foi aperfeiçoada pelos padres L'Epée e Sicard.

Que arte mais extranha ao clero do que a militar e a nautica? E todavia o padre Borgo, jesuita, escreveu um tractado, classico por muito tempo, sobre fortificações, e o padre

chaldeu, o etyope, o samaritano, o assyrio, o grego, o armenio, o copto, o georgiano ou a lingua do Caucaso, o sanskrito, o malabar, o albanense, a lingua do Epiro e o bulgaro! Das linguas occidentaes conhece o allemão, o inglez, o francez e o hespanhol.

Da elegancia com que escreve o latim dá testemunho o seu profundo trabalho sobre a primeira *Constituição do Vaticano*.

Gugliemotti, dominico, publicou em nossos dias trabalhos apreciadissimos de marinha ¹⁾).

Esta brilhante, ainda que resumida, galeria de pensadores, duas vezes coroados com o diadema real do sacerdocio e com o diadema esplendido da sciencia, teve sempre no Papado incitamento, protecção e benção para os seus grandiosos commettimentos.

«Os germens do progresso scientifico, artistico e social, diz um escriptor hespanhol, existiam na doutrina do Salvador, o desenvolvimento d'esses germens, o seu augmento, a sua florescia, os seus fructos devem procurar-se no campo da historia, á luz pura e serena que se irradia da cadeira de S. Pedro ²⁾». Assim é.

Se a idéa christã foi, desde o seu apparecimento sobre a terra, o principio informante da actividade humana, se o Papado é a concretisação d'aquella idéa, o elemento divinamente instituido para conservar a sua pureza e unidade, o Papado devia, pela sua mesma indole e missão, exercer benefico influxo no desenvolvimento intellectual dos povos, na sua constituição definitiva, na sua historia, nas suas leis, na sua civilisação, em tudo, finalmente, que constitue a vida e o esplendor das nações.

E a historia apresenta-nos, com effeito, o Papado realisando todos aquelles factos.

(Continúa.)

DR. SILVA RAMOS.



¹⁾ Vid. *Ciudad Cult*, serie XII, vol. X, caderno 834. pag. 275.

²⁾ Catalina — *La Verdad del Progreso*.

MISSIONARIOS PORTUGUEZES NO BRAZIL

Havia meio seculo que Pedro Alvares Cabral descobrira as terras a que deu o nome de Santa Cruz, e ainda as atenções de Portugal, voltadas para as maravilhas do oriente, se não tinham fixado n'aquelle vasto imperio, — novo e riquissimo florão ganho para a patria. Finalmente, D. João III, cujo vulto espiritos menos reflectidos se comprazem a phantasiar carregado e sinistro, envolto pelos fogos da Inquisição e adormecido na roupeta dos padres jesuitas, — D. João III, a quem devemos tantas emprezas illustres e tantas iniciativas fecundas, resolveu colonisar e civilisar o Brazil, iniciando lá a grande obra humanitaria que já começara no oriente.

Era em 1549, e já o grande Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, alcançara alguns dos seus mais gloriosos trophes, ganhando para a fé e para a patria povos das mais affastadas regiões. Comprehendia-se que a espada do guerreiro não era mais fecunda que a fervorosa prégação do missionario, e que a conquista pela força, desfazendo a resistencia dos indigenas, não era mais copiosa de fructos que a conquista pela evangelisação, desbravando aquelles espiritos rudes e insuflando-lhes a fé christã.

Os resultados colhidos no oriente eram bem de molde a persuadir egual empreza na America, quando no animo do monarcha não estivesse bem firme o proposito de propagar a fé em todos os vastos dominios de Portugal. E depois, era tão ardente o zelo dos missionarios, tão desprendidos se

achavam dos confortos da civilisação, tão grande era o seu desejo de trocarem os commodos da Europa pelos soffrimentos do sertão, a fim de conquistarem almas para o céo, — que elles proprios instavam com D. João III e aplanavam-lhe todas as difficuldades. Os primeiros padres partiram em 1549.

* * *

As missões do Brazil, feitas e dirigidas desde o principio por padres da Companhia, apóstolos da raça de S. Francisco Xavier, como era o padre Manuel da Nobrega, o padre José d'Anchieta e o padre João d'Aspilcueta, — produziram optimos fructos, tanto na ordem puramente espirital e religiosa, como na ordem social e civil. A cruz do missionario, além de ser um symbolo de fé, era tambem um estandarte de civilisação, e andava unida, como que identificada com o nome portuguez. Os que phantasiavam missões mais ou menos repassadas de fervor religioso, sem mais fructo algum para os povos missionados que não fossem os da catechese — o que aliás já não seria pouco — erram gravemente. A missão tinha ao mesmo tempo um character profundamente religioso, civilizador e patriotico. E quantas vezes os missionarios tinham de civilisar tambem, e com mais difficuldade que os indigenas, os proprios governadores e demais auctoridades que iam de Portugal!

Este caso dava-se precisamente na questão do trafico dos indios, a que em especial nos referiremos agora. Intendiam os portuguezes que, em remuneração de seus trabalhos e como fructo dos descobrimentos, tinham o direito de fazer captivos e escravos todos os indios que podessem e lhes aprouvesse. Eram as idéas do tempo; idéas barbaras, é verdade, mas que não podem ser apreciadas á luz da civilisação e dos costumes do nosso seculo, e que não poderam logo ser destruidas, nem pela intervenção directa da auctoridade do Pontifice, nem pelo zelo e dedicação dos mais ardentes missionarios. Forçoso é dizer, entretanto, que não é sobre o nome portuguez que recae o maior odioso n'esta materia; pelo contrario,

a nossa historia regista uma geral moderação e até rasgos de generosidade para com os pobres captivos.

Não podendo extirpar completamente um vicio tão radicado na sociedade do seu tempo, e que trazia a sua origem desde a antiguidade pagã, os missionarios procuravam diminuir-lhe os perniciosos effeitos e mitigar-lhe a revoltante crueldade. Não se podia esperar uma reforma completa, radical, não só porque é impossivel operar rapidamente uma mudança em materia que implica tão fundo com os interesses economicos dos povos, mas porque a acção civilisadora do christianismo n'este ponto sentia-se abandonada e por vezes contrariada pelo poder civil. Mas ao menos cabe aos jesuitas que missionaram no Brazil a inolvidavel e invejavel gloria de cooperarem dedicadamente n'essa obra anti-escravista, que o seculo XIX vê finalmente realisada, graças á acção lenta, mas perseverante, da Igreja catholica. A este respeito pré-gavam constantemente a caridade e a fraternidade christã, influíam junto dos governadores para a correcção dos abusos e inspi-ravam ao poder central medidas acertadas e justas, para que se respeitasse quanto possivel a liberdade dos indios.

* * *

Entre os primeiros que da Companhia foram mandados á evangelisação do Brazil figura o padre Leonardo Nunes, que foi tambem um dos que mais se distinguiram n'esta nobilissima cruzada a favor da liberdade dos indios. Humilde, prudente, paciente, inteiramente desprendido das cousas do mundo, o padre Leonardo reforçava a efficacia da sua palavra com o prestigio do seu exemplo. A sua vida era de uma austeridade inquebrantavel, andando sempre mais preocupado com a obra da sua missão que com as commoçdidades da existencia. Animado de um zelo verdadeiramente apostolico, percorria todos os logares onde urgia levar os soccorros do seu ministerio, supprindo com uma diligencia incansavel a falta de sacerdotes. A sua ardente caridade, o seu zelo fervoroso e a fama de suas virtudes aureolaram-lhe o nome de tal

prestígio que o compararam aos mais conspícuos varões dos primeiros tempos do christianismo.

Pouco depois de chegar á Bahia com os outros religiosos, foi o padre Leonardo encarregado de uma missão especial na capitania de S. Vicente, levando por companheiro o irmão Diogo Jacome. Em S. Vicente não havia quem se occupasse dos interesses moraes da população. Os portuguezes que lá viviam tornavam-se semelhantes aos indios ou peores que elles, Completamente esquecidos dos seus deveres religiosos, entregues á devassidão e a todos os vicios, exerciam sobre os pobres indigenas uma crueldade revoltante, raptando-os para escravos. O padre Leonardo ia encarregado de remediar todos estes males, e recebera do governador Thomé de Sousa poderes e recommendações especiaes para defender os indios opprimidos e restituil-os á liberdade.

Foi em fins de 1540 que o padre Leonardo Nunes começou a sua missão em S. Vicente, e logo começaram tambem a sentir-se fructos de benção. Com boas razões persuadia os portuguezes a quê dessem a liberdade aos naturaes, dizendo-lhes que isso interessava ao bem das suas consciencias. Muitos obedeceram logo, avivando-se-lhes na alma o espirito da caridade e da paternidade christã.

A este primeiro impulso de generosidade seguiu-se, porém um movimento contrario. Vendo-se feridos nos seus interesses começaram a murmurar e a maldizer os dois religiosos, que, diziam, em vez de cuidarem só do bem das almas, pretendiam despojal-os dos indios e egualal-os aos naturaes da terra. A essas queixas respondia o padre Leonardo: « Não vejo eu, senhores, cousa mais tocante a vossas almas, e a meu instituto, que esta de tirar-vos os indios mal havidos de casa. Algum dia o entendeis vós assi, quando podia comvosco mais a graça pera remediar vossas almas, que a cobiça pera acudir a vossos corpos. Que variedade houve agora? Não julgastes então, que era obrigação vossa, e profissão minha, o tratar de repor estes indios em sua liberdade? Ninguem pode salvar-se sem restituir o alheio: pois se estes indios são seus por natural direito, sem que sejam restituídos a si mes-

mos como podereis salvar-vos? Que titulo houve, que os fizesse vossos? O querer que o sejam, o catival-os contra sua vontade, sem agravo algum precedente? Não toca isto a vossas almas? E não toca a meu instituto fazer comvosco que restituaes o que não he vosso, e trabalhar, que os que são roubados, tornem a ser seus? He tanto de meu instituto, tanto de direito divino, natural e humano, e tão digna empenza de religiosos peitos, que só por esta causa perderemos as vidas, eu, e meus companheiros, e cuidaremos que então as ganhamos. Se por esta nos faltarem vossos favores, e se occasionarem nossos trabalhos, afrontas, e descreditos, então nos teremos por ditosos. Huma só cousa sentiremos, e he a que toca a vossas consciencias; porque isto he tornar ao vomito, e dar por terra com o edificio, que até agora tinheis edificado. Consola-nos comtudo, que não são os mais, os que acendem este novo fogo, e que haveis de vir a conhecer, que procede todo de huma só cabeça, semeadora de cizania, e inimiga de todo vosso bem.» ¹⁾

Este discurso pode não ser litteralmente o mesmo de que se serviu o padre Leonardo Nunes, mas não ha duvida que traduz fielmente o santo zelo, que lhe abrasava a alma, de trabalhar pela liberdade dos indios até ao sacrificio da sua propria vida. E na verdade não faltaram occasiões em que viu desencadear-se contra si o odio e a perseguição, pelo empenho que mostrava em desafrontar a liberdade dos indios e levantar-lhes o nivel moral por meio da evangelisação.

Por outro lado era grande o prestigio e consideração de que gosava entre os naturaes, admiravel a influencia que n'elles exercia a sua palavra. Por aquelle tempo andavam os portuguezes em lucta com os indios tamoyos, que, tendo apresado algumas mulheres portuguezas, lhes reservavam uma sorte dolorosa e tristissima. O padre Leonardo, acompanhado do irmão Pedro Corrêa, implora o auxilio do céu e parte a resgatar as pobres victimas, sem outra arma que a sua palavra de apostolo, sem outra esperanza que não fosse

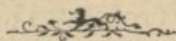
¹⁾ *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brazil*, liv. I, n.º 74.

a fé que o animava. A victoria foi completa e todos tomaram o feito por verdadeiro prodigio. Outra vez internou-se cem leguas pelo sertão, e só pela sua auctoridade e pelo prestigio da sua palavra conseguiu a vida e a liberdade para algumas familias de fidalgos castelhanos que se dirigiam ao Rio da Prata.

Quantas vezes os missionarios arriscavam assim a vida para salvar infelizes do perigo eminente, para prodigalisar soccorros, levar a esperança e a consolação onde havia desespero e dôr! É que, como dizia o padre Leonardo, elles seriam felizes em sacrificar-se nas suas benemeritas empresas, cuidavam que ganhariam as vidas quando as perdessem no desempenho da sua missão apostolica. E como seriam animados de outros sentimentos, elles que trocaram todos os commodos e todas as felicidades pelo desconforto do sertão inhospito, onde só deviam encontrar o soffrimento e porventura a morte?

(Continúa).

FORTUNATO DE ALMEIDA.



Uma pagina brilhante na historia da Universidade de Coimbra

(Continuação da pag. 89)

FORMA DO JURAMENTO

PRESTADO POR TODA A ACADEMIA CONIMBRICENSE
ACERCA DA OBSERVANCIA DA BULLA PONTIFICIA
DO N. SS. PADRE O PAPA CLEMENTE XI
QUE COMEÇA UNIGENITUS, ETC.

Eu Nuno da Silva Telles, dos Marquezes de Alegrete, dos Condes de Villar-Maior, do Conselho de S. Magestade, Juiz Extraordinario do Tribunal da S. Inquisição, Thesoureiro-Mór da Insigne Collegiada de Guimarães, Arcediago de Sobradello, Doutor nos S. Canones, me submetto em tudo á Constituição Apostolica do N. SS. Padre Clemente XI, Pontífice Maximo, que começa *Unigenitus Dei Filius*, datada dos 6 dos Idos de setembro de 1713, e rejeito, condemno e anathematiso, todas e cada uma das proposições n'ella condemnadas, e no sentido em que foram condemnadas. Juro-o, e assim Deus me ajude e estes Santos Evangelhos. E voltando ao seu lugar recebeu o juramento de todos os presentes por esta ordem. — Eu Fr. Martinho Pereira, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Dr. na S. Theologia, Jubilado da Academia è Professor Primario, sinto o mesmo e juro. Assign. por mão propria. — Eu Fr. Francisco Vieira,

da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia, Professor de Vespera da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Miguel de S. Bento, da Ordem Benedictina, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Gregorio do Espirito Santo, da Ordem Benedictina, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Angelo de Brito, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel de Santiago, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, Censor da S. Inquisição, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Nicolau Valerio, da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, Dr. na S. Theologia e Professor da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bernardo de Castro, da Ordem Cisterciense, Dom Abbade no seu Collegio, Censor da S. Inquisição, Examinador synodal da Diocese de Coimbra, Dr. na S. Theologia e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João do Valle, da Ordem de S. Jeronymo, Dr. na S. Theologia, Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Valerio de Moura, da Ordem dos Pregadores, Censor da S. Inquisição e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Ignacio de Atayde, da Ordem Benedictina, Dr. na S. Theologia e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Miguel de Tavora, da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho e Reitor no seu Collegio, Dr. na S. Theologia e Professor Extraordinario da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Luiz Nogueira Galvão, Mestre na Faculdade de Artes e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco de Torres, Conego Magistral na Sé Conimbricense, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu D. José de Jesus Maria, Conego

Regular de S. Agostinho, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bernardo Castello Branco, da Ordem de Cister, Historiador Mór de S. Majestade, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Pedro de Noronha da Ordem de S. Jeronymo e Reitor no seu Collegio, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Leonardo de Sá, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Martinho de S. Pedro, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu José dos Anjos, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Antonio Chichorro, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bartholomeu da Silva, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu D. José da Gloria, Conego Regular de S. Agostinho, Censor da S. Inquisição e Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Thomaz de Sampaio, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Ozorio, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Marcos da Silva, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José Fialho, da Ordem Cisterciense, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Feleciano dos Anjos, da Ordem dos Cavalleiros Militares, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco Tavares de Araujo, Dr. na S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

SENTIDO E ASSIGNATURAS

DOS REVD.^{mos} PADRES MESTRES DA S. THEOLOGIA
NOS COLLEGIOS PARTICULARES

COLLEGIO DE SANTO THOMAZ DA ORDEM DOS PREGADORES

Eu Fr. Christovão de S. Thomaz, Reitor do Collegio de S. Thomaz da Ordem dos Pregadores, Mestre Apresentado da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Varella, Censor da S. Inquisição e Apresentado na S. Theologia e Leitor Primario, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José de França, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Boaventura de S. Thomaz, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Coelho, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM CARMELITANA

Eu Fr. Aloysio Cesar de Menezes, Leitor da S. Theologia, Reitor do Collegio Carmelitano, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Diogo de S. Paio, Leitor da S. Theologia e Prefeito dos Estudos, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Antonio de Santo Angelo, Leitor Primario da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José de Mello, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João Paulino, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Gregorio de Carvalho e Mello, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José de Lima, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO

Eu Fr. Francisco da Assumpção, Leitor jubilado da S. Theologia e Dr. pela mesma faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João de Sotto-Maior, Leitor da S. Theologia e Dr. pela mesma Faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Jacintho de S. José, Leitor da S. Theologia e Dr. pela mesma Faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Norberto de Santo Antonio, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DE S. BOAVENTURA DA ORDEM DE S. FRANCISCO
DA PROVINCIA LUZITANA

Eu Fr. Antonio de S. Boaventura, Leitor Primario da S. Theologia e Guardiã do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José do Apocalypse, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de S. Caetano, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Luiz da Natividade, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA COMPANHIA DE JESUS

Eu João de Oliveira, da Companhia de Jesus, Reitor do nosso Collegio Conimbricenses das Artes, Censor da S. Inquisição, Examinador das Ordens Militares, antigo Leitor Primario da S. Theologia no Collegio Lisbonense, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Gaspar Ribeiro, da Companhia de Jesus, antigo Professor da S. Theologia no Real Collegio Conimbricense e decano do mesmo durante vinte annos, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco Salgueiro, da Companhia de Jesus, Dr. na S. Theologia, Leitor

..

Primario da mesma, Censor da Santa Inquisição e Examinador synodal, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Ignacio Freire, da Companhia de Jesus, decano de Theologia no Collegio Conimbricense, antigo Professor e Examinador synodal na Diocese Bracharensense, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Cypriano Ribeiro, da Companhia de Jesus, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Gregorio Barreto, da Companhia de Jesus, Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Antonio Simões, da Companhia de Jesus, Examinador das Ordens Militares e Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Marcellino da Costa, da Companhia de Jesus, Examinador synodal da Diocese Angrense, Interprete da S. Escripura, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Luiz Alvares, da Companhia de Jesus, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco Mendes, da Companhia de Jesus, Examinador synodal da Diocese Conimbricense e Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu João de Menezes, da Companhia de Jesus, examinador synodal da diocese de Coimbra, Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Gomes, da Companhia de Jesus, Examinador synodal da Diocese de Coimbra e antigo Professor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

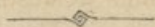
COLLEGIO DE S. JERONYMO

Eu Fr. Luiz da Purificação, Dr. na S. Theologia e Professor Jubilado de Vespera na Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Christovão da Cruz, Leitor da S. S. Theologia e Dr. na mesma Faculdade da Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Feleciano da Conceição, Leitor da S. Theologia sinto o mesmo e juro. A. m. p.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.

A ANARCHIA



II

A constituição do partido — O congresso de Haya — Bakonnine e Karl Marx — O programma anarchista — O movimento anarchista na Suissa, na França, na Alemanha, na Belgica, na Italia, na Russia, na Austria-Hungria, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Hespanha e em Portugal.

(Continuação de pag. 122)

Na Inglaterra ha diversos grupos communistas revolucionarios que não podem confundir-se com os anarchistas. Esses grupos existem em Londres, Manchester, Birmingham e em todos os grandes centros operarios; na Irlanda ha o grupo revolucionario nacionalista, e na Escossia os revolucionarios preoccupam-se principalmente com a questão agraria. Em Londres ha um grande numero de anarchistas estrangeiros, que tractam exclusivamente da propaganda nos seus respectivos paizes. Em 1885 e 1886 formaram-se em Londres alguns grupos de anarchistas inglezes, que tinham por órgão o jornal *The Anarchist*, que chegou a fazer uma tiragem importante. Ultimamente appareceram em diversos pontos da Inglaterra varios jornaes de character anarchista, aconselhando o incendio e outros crimes. O governo tem mandado proceder judicialmente contra esses jornaes, e tomou tambem algumas medidas relativamente aos anarchistas estrangeiros.

Como na Europa, as idéas anarchistas têm-se espalhado muito na America, onde costumam refugiar-se os revolucionarios europeus. Na America do sul têm apparecido diversos jornaes anarchistas, entre os quaes a *Revolução social*, em Santiágo (Chili), e a *Internacional*, em Montevideu. Ao norte, na republica mexicana, ha dois centros anarchistas, em Vera Cruz e Mexico, publicando-se n'esta ultima cidade um hebdomadario anarchista, a *Revolução social*.

Mas é nos Estados Unidos que o anarchismo tem feito maiores progressos, desde 1878. «No congresso de Albany, diz A. Crié, a maioria dos delegados, partidarios dos meios de propaganda pacifica, achou-se em presença de uma minoria radicalmente revolucionaria, cujo principal *leader* era um amigo de Most, Justus Schwab, de New-York, que tinha por orgão, em S. Luiz, o jornal *A Voç do povo* (tiragem 5:000 exemplares). O chefe dos moderados, Filippe de Patten, teve ainda de combater um outro grupo revolucionario, dirigido por Grotkau, que admittia a participação nas eleições, mas apenas como meio de propaganda, não esperando nenhuma resolução definitiva senão da força. O orgão dos amigos de Grotkau era a *Arbeiter-Zeitung* (*Gazeta dos trabalhadores*), cuja tiragem excedia 8:000 exemplares. No anno seguinte, no congresso de Alleghany (1879), fez-se a ruptura definitiva entre os moderados e as outras duas fracções socialistas; Grotkau foi expulso pelos moderados».

O grupo revolucionario começou a ganhar terreno. Em 15 de novembro de 1880 fundou-se em New-York o *Club socialista revolucionario*, que veio a adquirir uma certa influencia. Em Boston publicou-se o jornal anarchista intitulado *The Anarchist*, pouco depois substituido pela *Liberty*. Em 21 de março de 1881, um congresso que se reuniu em Chicago e ao qual assistiram dezenove delegados representantes de doze cidades, fundou alli o *Partido revolucionario dos Estados Unidos*. Em 18 de dezembro de 1882 chegava á America o anarchista allemão Most, que, como vimos, fôra condemnado em Inglaterra, e animou o movimento revolucionario americano. De 14 a 16 de outubro de 1883 reuniu-

se em Pittsburgo um congresso anarchista a que assistiram vinte e oito delegados representando vinte e duas cidades, e ahí se organisou definitivamente a *Federação americana da associação internacional dos trabalhadores*. Associações de operarios com character anarchista entregaram-se em Chicago publicamente ao exercicio das armas, e foi tão grande a concorrencia que o numero dos inscriptos chegou a ser de 3:000 em fins de 1884. Chicago é uma das cidades em que se encontra maior numero de anarchistas. Em 1886 houve lá alguns tumultos que logo foram apasiguados. Ultimamente houve graves attentados cujos auctores foram condemnados á morte.

Quando, no congresso de Haya, de 1872, se operou a scisão na *Internacional*, os revolucionarios hespanhoes collocaram-se ao lado de Bakounine e entraram na *Federação jurassiana*. A *Internacional* começára a espalhar-se na Hespanha depois da queda da rainha Isabel. Até então o movimento operario no reino visinho não tinha o character revolucionario, e limitava-se aos interesses economicos das classes trabalhadoras, tendo por órgão o jornal *El Obrero*.

Pouco depois de se estabelecer na Hespanha, o partido internacionalista fundou em Madrid uma secção central e diversas secções pelas provincias. No dia 2 de março de 1867 appareceu em Barcelona o jornal revolucionario *La Federacion*. Em Madrid publicou-se *La Solidaridad*, redigida por Morago e Francisco Mora. Em fins de 1869 havia em toda a Hespanha 195 secções com 20:000 membros, que se reuniam frequentemente para tractar dos negocios do partido. 1) Na Andaluzia havia muitas d'essas secções, e até se estabelecêra uma em Palma (ilha Maiorca), que tinha por órgão o jornal *La Justicia social*.

1) E. de Laveleye refere o seguinte pormenor: « Visitando a Hespanha em 1869 assisti a algumas sessões d'esses clubs socialistas. Realisavam-se ordinariamente em egrejas já profanadas. De cima do pulpito, os oradores atacavam tudo o que lá fôra exaltado: Deus, a religião, os padres, os ricos. Os discursos eram incendiarios, mas os assistentes conservavam-se tranquillos. No chão estavam assentadas muitas mulheres, trabalhando, amamentando os filhos e escutando attentamente, como se fôra um sermão. Era exactamente a imagem de 93.» *Le Socialisme contemporain* (Paris, 1890), nota á pag. 270.

Em fevereiro de 1872 o governo de Sagasta adoptou algumas medidas contra o desenvolvimento do partido internacionalista. Alguns revolucionarios foram perseguidos e refugiaram-se em Portugal, o que não obstou a que o movimento continuasse em Hespanha.

Depois do congresso de Haya, a que já nos referimos, os revolucionarios hespanhoes, dividiram-se em dois grupos: os partidarios de Karl Marx, que fundaram em Madrid a *Nova federação madrileña* e na sua acção não queriam passar alem da questão economica, — e os partidarios de Bakounine, que se uniram ao partido republicano para des-thronarem o rei Amadeu e proclamarem a republica. Os bakouninistas celebraram em dezembro de 1872, em Cordova, um congresso regional, onde se fundou uma federação que terminava por estas palavras um manifesto que publicou: « Viva a liquidação social! viva a *Internacional!* Salvè, solidariedade, anarchia e collectivismo! »

Em 1873 a *Internacional* tinha em Hespanha 270 federações regionaes com 300:000 associados, e alguns jornaes que defendiam o programma revolucionario. Esses jornaes eram: *La Solidaridad* e *La Federacion*, de Barcelona; *El Orden*, de Cordova; *El Obrero*, de Granada; *La Internacional*, de Malaga; *El Condenado*, *Los Decamisados* e *El Petroleo*, de Madrid; e *La Revista Social*, de Gracia. Todos atacavam a organização social, defendiam a anarchia ou o communalismo, e usavam para com a religião de uma violencia inaudita. ¹⁾

¹⁾ Extracto de *El Petroleo*: «E se nos faltar a força para attingir o nosso fim, que é assentar-nos por nossa vez ao banquete da vida, então virá o vingador temido pelos privilegiados, o petroleo, não para simplesmente realizar a obra de destruição, mas para executar um acto de santa e soberana justiça. O nivelamento em caso de necessidade pela acha e pelo fogo, eis o que exige a dignidade do proletario ha tanto tempo caleado aos pés.»

Extracto de *Los Decamisados*: «Libertemo'-nos emfim d'esse phantasma chamado Deus, bom para assustar crianças. As religiões são apenas industrias destinadas a engordar, á custa do povo, esses saltimbancos dos padres, como os chama Dupuis. Eis o nosso programma. Todavia, antes de o executar, será necessaria uma boa sangria, curta mas abundante. É preciso cortar os ramos pódres da arvore social para que ella se desenvolva. Tremei, burguezes engordados com o nosso suor. Dae logar aos *descamisados*. A vossa tyrannia vaé findar. A nossa bandeira negra está desfraldada e caminhará para a victoria. — Cit. por Laveleye, *Le socialisme contemporain*, pag. 272.

Em 1873 rebentaram em varios pontos da Hespanha insurreições socialistas. A primeira foi a de Barcelona, onde trinta mil operarios proclamaram, no dia 13 de fevereiro, a republica federal, a taxa dos salarios e a duração do dia de trabalho. No dia 8 de março rebentou a insurreição em Malaga, no dia 7 de julho em Alcoy, e no dia 12 em Carthage, onde os insurrectos se apoderaram do arsenal da marinha, e defenderam-se por muito tempo com os armamentos que lá encontraram. A insurreição, que tomou tambem um certo character politico, alastrou-se por diversas provincias até que o general Pavia conseguiu o restabelecimento da ordem.

Embora os insurrectos de 1873 já se proclamassem anarchistas, é certo que a organização do partido só começou a desenvolver-se desde 1880, com a propaganda do revolucionario Fanelli; no congresso celebrado em Barcelona em 25 de setembro de 1881 foi fundada a *Federação hespanhola da Associação Internacional dos trabalhadores*, que se declarou anarchista collectivista, propondo-se a destruição violenta da ordem estabelecida. « Os anarchistas hespanhoes, diz A. Crié, organizaram-se sob um duplo ponto de vista: syndical e local. Sob o ponto de vista local, formaram *secções locais e provincias*, unindo-se na federação nacional. Sob o ponto de vista syndical, os operarios anarchistas da mesma profissão formaram *sociedades communaes, reuniões provincias*, unindo-se n'uma federação nacional dos mesteres. Convençãou-se que cada grupo gosaria de uma autonomia completa. »

Ao congresso que se realisou em Sevilha em setembro de 1882 foram 254 delegados representando 10 uniões provincias, 209 sociedades communaes e 632 secções locais. Calcula-se que o partido tivesse então 58:000 adherentes, sendo o seu orgão *La Revista Social*, que se publicava em Barcelona e veio a desaparecer. Alem d'este jornal, que chegou a ter 10:000 assignaturas, publicavam-se alguns outros tambem anarchistas. Em 1882 fundou-se a sociedade da *Mão Negra (La Mano Negra)*, que promoveu varias agitações na Andaluzia, das quaes resultou o governo mandar effectuar

mais de 200 prisões. No programma d'essa terrível sociedade lia-se o seguinte: «A Sociedade declara os ricos fóra do direito das gentes; proclama que para os combater como merecem todos os meios são bons e necessarios, sem exceptuar o ferro, o fogo e até a calúnia.» A sociedade da *Mão Negra*, descoberta em fevereiro de 1883, empregava os mesmos meios de acção do nihilismo russo, promovendo o assassinato de diversos individuos.

Para concluirmos a noticia do movimento anarchista na Hespanha, mencionaremos rapidamente os acontecimentos que utimamente se deram n'aquelle paiz, abstando-nos de dar os pormenores referidos pelos jornaes.

Na noite de 8 para 9 de janeiro de 1892, os anarchistas dos arredores de Jerez, armados de espingardas caçadeiras, atacaram a cidade para a saquear. A guarda civil, que suspeitava do trama, repelliu-os, mas o fogo durou até de madrugada, quando os anarchistas se pozeram em fuga, sendo então presos muitos que foram perseguidos pela cavallaria. O movimento tinha um character exclusivamente social. A maior parte dos bandos que atacaram a cidade eram compostos de operarios das aldeias visinhas, onde havia dias se notava uma grande agitação, bem como a presença de emissarios estrangeiros, especialmente allemães. Os presos foram julgados em Jerez por um tribunal marcial, que condemnou á morte os quatro seguintes: Busiqui, Lebrijano, Zarzuela e Lamella, executados no dia 10 de fevereiro, depois de se confessarem e commungarem. Um outro anarchista, Caro Clavo, condemnado a vinte annos de grilhetta, morreu repentinamente na prisão no momento em que os seus companheiros eram executados.

Na noite de 27 para 28 de janeiro do mesmo anno, quando estavam em *greve* os operarios das minas de Bilbao, foram affixados em Saragoça muitos cartazes anarchistas contra o clero e a burguezia. No dia 9 de fevereiro houve em Barcelona uma explosão que parece ter victimado o seu auctor; no dia seguinte deram-se tumultos na mesma cidade. No dia 15 houve um *meeting* na Corunha, onde Pablo Iglesias pro-

testou contra as execuções de Jerez. Contra essas execuções também os anarchistas de Bruxellas protestaram em uma reunião que celebraram n'aquella capital, no salão Rubens, em 28 de fevereiro. No dia 3 de março rebentou em uma igreja de Valencia uma bomba de dynamite, que fez alguns destroços mas não produziu desgraças pessoas. No dia 4 de abril a policia de Madrid prendeu um anarchista francez, um hespanhol e outro portuguez, na occasião em que lançavam duas bombas, que não rebentaram, na camara dos deputados. Em 14 do mesmo mez foram lançadas em Cadiz tres bombas de dynamite que fizeram alguns estragos materiaes.

No dia 24 de setembro de 1893, quando o general Martinez Campos passava revista ás tropas da guarnição de Barcelona, o anarchista Paulino Pallas attentou contra a sua existencia, arremessando uma bomba aos pés do cavallo que elle montava, mas o general apenas recebeu um leve ferimento n'uma perna. No dia 30 do mesmo mez um tribunal marcial condemnou á morte o auctor do crime, que foi executado pouco depois. No dia 7 de novembro foram lançadas duas bombas no theatro Lyceo de Barcelona; rebentou uma, que produziu a morte de varias pessoas e muitos ferimentos. O anarchista Salvador, auctor do attentado, foi, como se sabe, executado mezes depois, tendo-se fingido por algum tempo arrependido e convertido á religião, na expectativa de que assim obteria a commutação da pena.

(Continúa.)

FORTUNATO DE ALMEIDA.



CHRONICA CONTEMPORANEA

I

INTERIOR

A situação politica — Um morto illustre — A expedição a Lourenço Marques — Africa oriental portugueza — O julgamento dos srs. capitão Augusto de Castilho e tenente Oliver.

Parlamento fechado, o governo legislando dictatorialmente sobre materias para as quaes só as côrtes teem competencia, o thesouro roubado por banqueiros que fogem para o estrangeiro, o paiz cada vez mais descrente dos homens que occupam o poder, — tal é, verdadeiramente e em resumo, a triste situação politica a que nos conduziram os partidos que nos teem governado, situação consideravelmente aggravada pelo actual gabinete.

Ha uma constituição em Portugal, e ninguem sabe para quê. As dictaduras existiram sempre em todos os paizes constitucionaes, para se governar em condições extraordinarias, quando se não pode consultar o voto dos representantes do povo, ou quando assim o exija a segurança do Estado; mas governar em dictadura por systema, revogar arbitrariamente leis do paiz sancionadas pelas camaras, sem que necessidade alguma imperiosa o reclame, cremos que só em Portugal.

Talvez que, com o parlamento aberto, não corre sem melhor os negocios do paiz. Mas nem por isso fica destruido o principio de que deve respeitar-se a Carta, e a consideração de que é summamente prejudicial que venha do alto o mau exemplo de desacatar a lei. E depois ninguem sabe quaes são os verdadeiros preceitos legais. Como ainda ha juizes em Portugal, já appareceu um que se recusou a fazer executar um decreto dictatorial do sr. Dias Ferreira, por ser contrario aos principios da Carta, e agora apparece segundo que, n'uma execução movida por divida de contribuições, proferiu sentença contra a fazenda nacional, por não serem exigiveis os impostos que não tenham sido auctorizados pelo parlamento. E até onde será levada esta confusão de espiritos? Ninguem o pode prever, mas as consequencias hão de ser lamentaveis.

O conflicto aberto entre os partidos regenerador e progressista parece que é a causa, ou ao menos o pretexto, para esta dictadura sem fim que atravessamos. Mas como esse conflicto está cada vez mais longe de uma solução, seguir-se-ia que o sr. Hintze e os seus collegas continuariam a ser os insubstituiveis dominadores d'estes reinos. A este respeito devemos

aqui registrar algumas noticias e boatos politicos, começando pela versão de que o sr. José Luciano, cansado dos dissabores da politica, vae retirar-se á vida particular. Do partido progressista passa uma parte para o sr. Dias Ferreira, e a outra para os republicanos. Isto já se tem dado principalmente em algumas terras do norte e por consequente não é simples boato. Affirma-se tambem, e com muito fundamento, que o partido do sr. Dias Ferreira, reforçado por influencias do proprio ministerio e de um alto persônamagem que não nomeamos, será chamado opportunamente a substituir o actual gabinete.

Essa oportunidade, porém, deve chegar tarde. Agora mesmo acaba o governo de se reconstituir, sahindo da pasta da marinha o sr. Neves Ferreira, substituido pelo sr. Ferreira de Almeida. Se os ministros estivessem resolvidos a sahir brevemente do poder, não procuravam fortalecer-se com elementos novos, e não perderiam a bella occasião de se demittirem collectivamente depois do *verdictum* do tribunal que julgou o sr. Augusto de Castilho.

Uma outra noticia que convem registrar é a nomeação do ministro do reino sr. João Franco para conselheiro de Estado em substituição do sr. João Chrysostomo. Essa nomeação é mais uma prova da desorientação e da decadencia a que chegou tudo n'este paiz. O homem naturalmente indicado para essa vaga era o sr. Dias Ferreira, o unico presidente de conselho que não é conselheiro de Estado e que a esse respeito recebêra do monarcha uma promessa em forma. Mas quando o gabinete quizesse no conselho mais um voto regenerador tinha homens de muito valor, experimentados nos negocios publicos, a quem conferir essa honra. Pois o nomeado foi o sr. João Franco, cujos altos merecimentos ainda ninguem viu bem; para a primeira occasião deve entrar o sr. João Arroyo, que falla pelos cotovellos, e o sr. Carlos Valbom, que é bom rapaz.

Na madrugada do dia 7 de janeiro falleceu em Lisboa o sr. general João Chrysostomo de Abreu e Sousa, ministro de Estado honorario, e um dos mais nobres caracteres da politica portugueza. O sr. João Chrysostomo, nascido em 27 de janeiro de 1811, filiou-se no partido progressista, e deixa na politica um dos nomes mais honrados e uma das reputações mais illustres. Fez parte do ministerio do duque de Loulé em 1864-1865 e do ministerio Braamcamp em 1879; em 1890, quando o paiz se achava n'uma das circumstancias mais difficeis que tem atravessado, foi chamado a organizar gabinete, ficando com a presidencia e a pasta da guerra. O fallecido general, que pertencia á arma de engenharia, elaborou trabalhos de grande valor, como vogal effectivo que era da junta consultiva de obras publicas e minas. Com a sua morte perdeu o paiz um dos seus homens de mais prestigio, e a monarchia um dos seus mais dedicados amigos.

São animadoras as noticias recebidas de Lourenço Marques. As forças expedicionarias começaram as suas operações contra os revoltosos, indo por terra fazer a reoccupação de Anguana. Ao mesmo tempo marcharam em direcção ao rio Incomati dois vapores armados em guerra para destruir as povoações dos indigenas e perseguil-os tanto quanto possível no continente e na ilha Xefina. Os nossos bateram o inimigo sempre com vantagem, causando-lhe muitas mortes e bastantes damnos materiaes, ao passo que as perdas nas forças portuguezas são insignificantes.

A proposito occorre mencionar uma intriga que se forma ha muito contra a nossa colonia de Lourenço Marques, e que agora, segundo parece,

muito especialmente preoccupa a politica ingleza. O conhecido Cecil Rhodes chegou a Inglaterra a fim de conferenciar sobre negocios a que não anda estranha a nossa Africa oriental, e até se diz, com visos de verdade, que ao governo foram feitas propostas em sentido que é facil de presumir. Por outro lado a Allemanha tambem alimenta ambições e esperanças acérra dos nossos territorios da Africa oriental. Oxalá que o governo conheça e saiba interpretar os sentimentos do paiz sobre um assumpto de tão alta importancia para a nossa honra e para o nosso futuro.

Começou no dia 7, e terminou no dia 12 de janeiro, o julgamento do sr. capitão de fragata Augusto de Castilho, commandante que foi da esquadriha portugueza no Rio de Janeiro por occasião da ultima revolta, e do sr. tenente Oliver, official da mesma esquadriha. Como se sabe o sr. Augusto de Castilho era accusado de ter dado asylo aos revoltosos, na occasião em que terminou a lucta, e de ter offerecido a Saldanha da Gama, antes do desfecho da revolução, asylo a bordo dos navios portuguezes; o sr. tenente Oliver era accusado da fuga dos revoltosos de bordo do *Pedro III*, navio que, arvorado em flammula e sob o seu commando, devia conduzir os refugiados á Europa.

Este processo, cujo desfecho foi a unanime absolvição dos accusados, ficará celebre nos annaes do paiz, não só como um notavel acontecimento forense, mas ainda e principalmente como uma monstruosidade elaborada no cerebro do governo actual.

O sr. Augusto de Castilho, um dos officiaes que, pelo seu talento, pela sua dedicação e pelos seus grandes serviços, mais se distinguem na marinha de guerra portugueza; que mereceu a consideração de ser nomeado, pelos commandantes das esquadras das principaes potencias, commandante das forças que porventura houvessem de desembarcar no Rio para collectivamente protegerem os subditos estrangeiros; o sr. Augusto de Castilho, que soube em todas as circumstancias honrar a sua farda de marinheiro portuguez, foi levado ao banco dos reus por ter cumprido o seu dever em uma missão difficil e espinhosa. Com effeito, o asylo concedido pelo sr. Castilho constitue um dos mais elementares principios de direito internacional, e tanto que o seu procedimento foi elogiado pelos representantes de todas as potencias e pelo proprio sr. Hintze Ribeiro que o levou ao tribunal; mas como o governo portuguez, depois de ter patenteado uma attitude indecisa e vergonhosa, em que a situação foi salva pelo sr. Castilho, não teve coragem de se sustentar perante as exigencias insolitas de Floriano Peixoto, quiz alijar responsabilidades que só a elle pertencem; porque não se dariam os acontecimentos que depois se verificaram, se o sr. Hintze tivesse seguido as indicações e os conselhos do sr. Castilho.

O sr. tenente Oliver, encarregado de guardar, a bordo do *Pedro III*, navio desprovido de todas as commodidades e até dos mais indispensaveis instrumentos nauticos, algumas centenas de revoltosos; tendo contra si todas as circumstancias, inclusivamente a tripulação affeiçãoada aos refugiados, que um consul portuguez lhe impingira; tendo como unico meio de resistencia trinta e tantas praças que não chegavam para metade do serviço, o sr. Oliver foi processado por um acontecimento que de forma nenhuma podia evitar, e pelo qual só era responsavel o governo que se recusara a fretar um bom navio e mandar reforços para completa segurança dos revoltosos.

Finalmente, o tribunal inspirou-se nos principios da justiça e unanimamente absolveu os dois accusados, sendo altamente applaudido pela opinião publica.

II

EXTERIOR

Acontecimentos politicos em França — A questão politico-religiosa na Hespanha — O padre Denza.

Em França têm-se passado ha dias acontecimentos de uma gravidade excepcional. O ministerio Dupuy, tendo commettido a imprudencia de não entrar na campanha da eleição do presidente da camara dos deputados, deu occasião a que fosse eleito o sr. Brisson, radical. O resultado foi soffrer varias derrotas até que teve de pedir a sua demissão. O presidente da republica, sr. Casimiro Périer, allegando falta de elementos constitucionaes, apresentou egualmente a sua demissão as camaras. Procedendo-se á eleição de novo presidente da republica, receiu-se por um momento, e com razão, que o radicalismo triumphasse, o que seria um verdadeiro desastre para a França. Felizmente não aconteceu assim, porque ficou eleito o sr. Felix Faure.

Parece que a politica conservadora e pacifica, cuja base consiste em conformar-se com as maiorias parlamentares, encontrará um grande elemento de força no sr. Felix Faure. Deve recordar-se n'este momento a nobre missão de que o novo presidente se encarregou, combatendo, em fevereiro de 1883, as leis de perseguição contra os principes das antigas familias reinantes, em fevereiro de 1888 reclamando a conservação das despesas com o culto no orçamento colonial, e, finalmente, arvorando-se em campeão da ordem nas questões sociaes contra as ameaças do socialismo e da anarchia. O sr. Felix Faure deve comprehender que a sua missão é fazer a republica conservadora, para lhe garantir a existencia, sustentando sempre um longo principio de conciliação nacional, de tolerancia e união entre todos os partidos purdentes e honestos em vista ao fim commum da patria franceza e da paz européa.

O tempo do radicalismo em França passou, porque o paiz está cansado de agitações inuteis. Os conservadores e os opportunistas poderam tolerar a companhia dos radicaes, enquanto julgaram que deviam combater os conservadores catholicos como monarchicos.

Mas poderá o novo presidente desempenhar agora cabalmente a sua missão? As difficuldades que têm surgido na organização do gabinete deixam-nos perplexos. A obra de salvação é possivel, embora muito mais difficil que no principio do anno anterior. Felix Faure não tem uma alta reputação de homem politico, e isso não é proprio a inspirar grande confiança, mas Carnot tambem a não tinha quando foi elevado ao alto cargo que desempenhou exemplarmente. O novo presidente não deve ter más intenções, mas é necessario que as tenha excellentes e que mostre uma grande firmeza no exercicio da sua missão. Não antecipemos o nosso juizo, e esperemos que elle se revele.

A parte sensata da imprensa franceza foi unanime em condemnar o procedimento de Casimiro Périer, que uns taxam de traição, outros de deserção e outros ainda de abdicação. Mas as apreciações são sempre terriveis para Casimiro Périer, que, dizem, embora capitulasse, devia primeiro combater.

A situação era difficil quando Casimiro Périer foi eleito; pela sua inercia timorata, durante os seis mezes da sua presidencia, tornou-a má, e pela sua demissão tornou-a perigosa. Atraiçou o partido conservador e abriu

a porta aos socialistas. Pelo seu nome, pela sua posição, os sete annos de Casimiro Périer tornavam possível a consolidação de alianças poderosas e de grande valor para a França; mas agora não hão de as potencias amigas hesitar em fazer compromissos com um governo tão pouco firme?

Certamente, Casimiro Périer pode queixar-se das instituições e dos homens; mas elle conhecia os homens e as instituições quando foi eleito, e, desde que acceitava a presidencia, devia preparar-se para a lucta, organizar um plano, uma politica, e sujeitar-se aos perigos para conseguir o fim. Se assim procedesse teria achado recursos na constituição e homens para aproveitar. Mas apenas soube hesitar: na scena politica fica de menos um mediocre.

Em supplemento á *Revista Contemporanea* daremos aos nossos leitores a traducção de uma carta dirigida por Sua Santidade Leão XIII aos bispos de Hespanha. N'esse documento, notavel por muitos titulos, o Papa refere-se á questão politico-religiosa do paiz visinho, ultimamente exacerbada por occasião do congresso catholico de Saragoça, e de novo proclama os mesmos principios que já expressamente recommendára aos catholicos da França e de Portugal.

Os catholicos hespanhoes, diz Leão XIII, devem testemunhar o seu respeito e legitima obediencia aos que dirigem os negocios publicos, e isto com uma vontade tanto mais firme quanto é certo que, «á frente do reino e do povo hespanhol, se acha uma mulher que, pelas virtudes da sua alma e pela sua especial dedicação á Santa Sé apostolica, tem direito a toda a honra e a toda a estima»

Vê-se mais uma vez que os principios proclamados á França sobre a obediencia aos poderes constituídos deviam applicar-se a todos os paizes em identicas circumstancias, e portanto tinham toda a razão os que desde o principio adaptaram a Portugal as instrucções de Leão XIII.

No dia 14 de dezembro falleceu em Roma o padre Denza, da ordem dos clérigos menores de S. Paulo chamados barnabitas, sacerdote virtuosissimo e um dos mais illustres sabios d'este seculo.

O padre Francisco Denza nasceu em Napoles em 7 de junho de 1834. Logo que completou o curso de letras e de mathematica, entrou na congregação dos barnabitas, onde, depois de ter percorrido os tramites pre-scriptos á educação religiosa e scientifica, teve liberdade de seguir os seus predilectos estudos de physica e mathematica, nos quaes teve por guia e mestre o celebre padre Secchi, que depois o tomou como amigo e companheiro em trabalhos importantes. Em 1856 foi nomeado director do observatorio de Moncalieri, onde teve occasião de desenvolver plenamente as singulares aptidões do seu espirito. Enquanto desempenhou esse cargo foi tambem professor de physica e mathematica no Real Collegio Carlos Alberto, e por alguns annos foi chamado a instruir em sciencias naturaes os filhos do defunto duque de Aosta. Publicou um grande numero de trabalhos sobre meteorologia, fructos das suas continuas investigações e dos seus profundos estudos; fundou a Associação Italiana para as observações dos meteoros luminosos com o concurso e apoio de Schiapparelli, e dirigiu por muito tempo o Observatorio do Castello Medieval de Turim. Finalmente, depois de um grande numero de trabalhos scientificos que lhe valeram uma alta reputação no mundo sabio, o padre Denza foi chamado em 1889 para dirigir o Observatorio do Vaticano, onde realisou importantes trabalhos para a obra monumental da carta celeste.

A ANTIGA ESCOLA
DE
PHILOSOPHIA CONIMBRICENSE

INTRODUÇÃO

Disciplinar os espiritos de hoje, recordando-lhes o fecundo exemplo de gerações passadas, reconstruir algumas paginas da historia nacional que podem servir de incitamento aos que agora começam, de certo é obra de algum valor e digna do apreço publico, se não pelo merito de quem a intenta, ao menos pelo que o seu esforço traduz de boa vontade e dedicação.

Entre nós lavra um grande desprezo das cousas nationaes, e por essa orientação cerrada estabeleceu-se em axioma que Portugal é incapaz de produzir uma philosophia que lhe seja propria, nem possuiue obras de valor n'esse ramo scientifico. Ignora-se geralmente que entre nós floresceu uma escola philosophica, das mais afamadas do seu tempo e honrada por espiritos verdadeiramente superiores. Alguns conhecem-n'a superficialmente, mesmo quando por dever especial a devam estudar com ponderação, — e julgam-se por esse facto no direito de a amesquinhar; pouquissimos têm a louvavel diligencia de lhe investigar o valor e o desprendimento de fazer justiça aos homens que a formaram. ¹⁾ Os menos escrupu-

¹⁾ O livro que com mais proficiencia se tem occupado do assumpto é a *Historia da Philosophia em Portugal* (Coimbra, 1868) do illustre cathedraticeo da

losos ajuizam pelas monstruosidades que o marquez de Pombal mandou escrever no *Compendio historico*,¹⁾ e, inspirados pelo odio que as suas paginas respiram, julgam-se bastante eruditos para magistralmente condemnarem os vultos prominentes da philosophia conimbricense. D'estes, infelizmente, é o maior numero.

Ainda bem que os estrangeiros, n'este ponto, não nos tractam com o mesmo desdem. Lá fóra é mais conhecida que em Portugal a famosa escola de *Philosophia Conimbricense*, á qual os mais illustres representantes da critica philosophica fazem referencias muito honrosas, occupando-se d'ella por vezes com uma profundeza de conhecimento que é rara em auctores portuguezes.

Ao menos sirva-nos isto de lenitivo, em presença de censuras tão abarrotadas de vaidade como destituidas de erudição.²⁾

Universidade sr. Dr. J. J. Lopes Praça, que escreveu a sua magnifica obra quando era ainda estudante de Direito. Infelizmente apenas ha publicado o primeiro volume, e este é já bastante raro. O auctor tambem publicou em opusculo varios documentos para servirem á sua obra.

Ultimamente o sr. Theophilo Braga occupou-se bastante da escola de philosophia conimbricense na sua *Historia da Universidade de Coimbra*, obra opulenta de erudição e muito digna de consultar-se, embora nem sempre isenta de preconceitos.

¹⁾ Esperamos ter occasião, no decurso d'este trabalho, de apresentar alguns dados valiosos e pouco conhecidos, para se aquilatar do espirito de justiça e da independencia de criterio com que foi escripto o *Compendio historico*. Note-se que, como este livro, ha um grande numero de publicações, entre as quaes a famigerada *Dedução chronologica*, mandadas fabricar expressamente pelo marquez de Pombal contra os jesuitas, apparecendo algumas d'ellas com os titulos mais ridiculos que uma imaginação de mau gosto podia inventar. Infelizmente ainda está por fazer a historia das relações entre o marquez de Pombal e a Companhia de Jesus.

²⁾ Em alguns dos seus eacriptos, como por exemplo na encyclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879, Leão XIII tem-se referido com louvor aos *philosophos conimbricenses*.

No *Dictionnaire des sciences philosophiques* de Ad. Franck (Paris, 1885) vem um artigo de Barthélemy Saint-Hilaire (*in verbo COÍMBRE*), que é tão notavel sob o ponto de vista critico como infeliz em algumas informações historicas. Assim, attribue a D. João III a fundação da Universidade de Coimbra: «Il y avoit quelques années que l'université de Coïmbre avoit été fondée par Jean III de Portugal», etc. Opportunamente nos referiremos a esse artigo, de um grande valor de critica.

Entre outras obras estrangeiras que podem consultar-se sobre o assumpto, não esqueceremos o *Nomenclator litterarius* (Oniponti, 1871-1881) do allemão H. Hurter, que prima por interessantes informações historicas de uma exactidão quasi irreprehensivel.

Para completa desfortuna d'essa afamada escola, como se não bastasse o esquecimento systematico das cousas nacionaes, procura-se, por um criterio inqualificavel, prejudicar os trabalhos dos nossos maïs distinctos philosophos, com o odioso arbitrariamente lançado sobre a Companhia de Jesus. Na verdade, o esplendor do aristotelismo em Portugal começa com a chegada dos jesuitas a Coimbra, embóra elles tivessem precursores tão illustres como Pedro Margalho e Antonio Luiz.

Esquece-se o importantissimo papel que os padres da Companhia tomaram no movimento philosophico dos seculos XVI e XVII, e proclama-se aos quatro ventos que elles opposeram uma barreira invencivel ao progresso das sciencias e das letras, não se reflectindo que, sem elles, nós ficaríamos quasi estranhos a essa grande evolução da philosophia. Por este processo de critica inconsciente chega a pretender-se que os nossos sabios de então se transportassem para longe da vida intellectual do seu tempo, empregando processos scientificos que a marcha do espirito humano só muito mais tarde alcançou.

É portanto cheio de interesse, embora por vezes ericado de difficuldades, o trabalho que nos propomos. Estudar as feições da escola de philosophia conimbricense, delinear os seus vultos mais notaveis, compendiar o nosso movimento scientifico d'esse tempo; e, por outro lado, examinar as circumstancias em que os jesuitas tomaram a direcção do ensino publico em Portugal e a orientação que imprimiram aos espiritos, determinar o valor da sua influencia, e averiguar quanto elles contribuíram para o levantamento ou para a decadencia das letras patrias, — eis o nosso proposito.

A questão é muito complexa; e cremos que é por isso mesmo, e pela razão de não se considerarem todos os seus pontos de vista, que muitas opiniões erradas se têm formado ácerca d'ella. Vejamos se é possivel, á luz de uma critica mais reflectida, estabelecer alguns factos de importancia capital na historia litteraria e scientifica do nosso paiz.

• •

I

A Universidade de Coimbra antes da vinda dos Jesuitas — Movimento philosophico na Europa — Escolasticismo e aristotelismo — Predecessores dos Jesuitas na Escola Conimbricense.

Seria um erro pretender avaliar a feição especial dos estudos da nossa Universidade n'uma determinada epoca, sem examinar o movimento scientifico realisado ao mesmo tempo n'outros paizes. Alem de que nenhuma escola permaneceu jamais absolutamente estranha e independente das idéas do seu tempo, e ainda aquellas que se nos afiguram mais originaes assentam em bases anteriormente estabelecidas de modo mais ou menos definido, — é tambem certo que a Universidade de Coimbra, por muitas vezes e em diversas circumstancias, se encontrou directamente influenciada por elementos estranhos.

Ao declinar da idade media, a philosophia dominante em todas as escolas da Europa era a escolastica peripatetica, que recebêra um grande impulso dos philosophos arabes e encontrára representantes tão illustres como Santo Thomaz e Alberto o Grande. Os arabes, entre os quaes se distingue Averroes, haviam traduzido e commentado as obras do celebre philosopho stagirita, e divulgaram-n'as no occidente por intermedio dos judeus. Os commentarios e as traducções multiplicaram-se, e era tal a auctoridade que Aristoteles alcançára nas escolas, que as suas obras foram traduzidas por cuidados do proprio papa Urbano V e do cardial Bessarion. Os doutores mais illustres entregavam-se ardentemente ao estudo d'essa philosophia, que havia de imperar nos espiritos por muito tempo e na qual Santo Thomaz de Aquino alcançára já o glorioso nome de *anjo das escolas*. N'essa epoca, diz Barthélemy Saint-Hilaire, já não era permittido pensar differentemente de Aristoteles, e uma doutrina contraria á sua era considerada nas escolas quasi uma heresia.

No seculo XIV opera-se uma reacção contra a escolastica

peripatetica, em virtude da reacção nominalista e sceptica de Guilherme d'Occam e do mysticismo ensinado por Gerson em França, por Eckhart e Tauler na Allemanha. Isso, porém, não obstou a que a philosophia aristotelica occupasse o primeiro logar entre todas as escolas suscitadas pelo movimento da renascença, e a que continuasse a predominar, sob varias phases, até ao seculo XVII, como teremos occasião de ver. Victor Cousin aprecia nos seguintes termos a philosophia da renascença, a que tambem poderemos chamar, com Zeferino Gonzalez, philosophia de transição escolastico-moderna :

« Entre a philosophia escolastica e a philosophia moderna está aquella que pode chamar-se com razão philosophia da renascença, porque se ella é alguma cousa, é sobre tudo uma imitação da antiguidade. Essa philosophia é quasi inteiramente negativa : rejeita a escolastica, aspira a alguma cousa de novo e faz cousa nova com a obra da antiguidade. Em Florença traduz-se Platão e os alexandrinos, funda-se uma academia cheia de enthusiasmo, desprovida de critica, onde se mistura, como outr'ora em Alexandria, Zoroastro, Orpheu, Platão, Plotino e Proclo, o idealismo e o mysticismo, alguma verdade, muitas chimeras. Estes adoptam a philosophia de Epicuro, aquelles o stoicismo, outros refugiam-se no pyrrhonismo. Se quasi em toda a parte se combate Aristoteles, é o Aristoteles da idade media, de Alberto o Grande, de Santo Thomaz, de Duns Scoto, aquelle que, bem ou mal comprehendido, servira de fundamento e de regra ao ensino christão; começam a estudar o verdadeiro Aristoteles, e em Bolonha, por exemplo, servem-se d'elle para atacar o christianismo. De facto, essa curta época não conta nenhum homem de genio que possa ser posto em parallelo com os grande philosophos da antiguidade, da idade media e dos tempos modernos; não produziu nenhum monumento de duração, e, se a julgarmos pelas suas obras, podemos ser justamente severos para com ella. » ¹⁾

¹⁾ FRAGMENTS DE PHILOSOPHIE MODERNE, 1.^{re} partie, *Vanini ou la Philosophie avant Descartes*, pag. 14.

No meio de todas as luctas que se travaram entre platonicos e peripateticos, pythagoricos, epicuristas e stoicos, Aristoteles conservou sempre o primeiro logar, até á nova phase philosophica especialmente produzida por Bacon e Descartes. Este facto harmonisa-se perfeitamente com o genio que informou o movimento da renascença, em que os espiritos, deslumbrados pelas obras da antiguidade, lhes consagravam um respeito supersticioso, mesmo, por vezes, com prejuizo dos ideaes do christianismo. O peripatetismo d'essa epoca, ao contrario da escolastica, era caracterizado por uma certa independencia da theologia, facto que deixamos explicado. Mesmo dentro do aristotelismo degladiavam-se escolas diversas, distinguindo-se a aristotelica alexandrina e a aristotelica averroista, esta illustrada por Achillini e Cesalpini, aquella por Pomponazzi, Zabarella e Cremonini. A reacção anti-aristotelica veio depois.

As universidades eram os centros d'onde se irradiava todo este movimento, e constituiam quasi sempre o theatro exclusivo d'estas luctas da intelligencia. Na Italia, por exemplo, as universidades de Padua e Bolonha adquiriram uma grande reputação e por conseguinte uma auctoridade de grande valor; em França, não fallando na universidade de Montpellier, a de Paris attingia um periodo de notavel esplendor, e na Hespanha a universidade de Salamanca egualava na sua fama as escolas mais illustres.

A reputação d'esta ultima universidade era tão grande, que, no seculo XIII, a ella concorria a mocidade da Hespanha, Portugal, Sardenha e até da Allemanha.

No seculo XIV chegou a ser frequentada por seis ou sete mil estudantes, e os seus professores foram por vezes chamados a ensinar em universidades estrangeiras, como Pedro Ciruelo em Paris, Bartholomeu Ramos em Bolonha, Raymundo Lullo em Paris e Montpellier, etc. ¹⁾ A philosophia aristotelica encontrou na universidade de Salamanca os mais

¹⁾ Vid. *Reseña historica de la Universidad de Salamanca*, por D. Manuel Hermenegildo Dávila, pag. 21, 24 e seg. (Salamanca, 1849).

insignes cultores. Ainda no seculo XVI Afionso de Cordova escrevia uma *Dialectica* moldada pelo *Organum* de Aristoteles; Diogo Hurtado de Mendoza fazia uma *Paraphrasis* ao philosopho stagirita; Diogo de Herrera glosava a *Metaphysica* do mesmo auctor, etc. ¹⁾ A escolastica era a philosophia professada em todas as escolas mais celebres: assim o attesta a historia da universidade de Tolosa, Avinhão, Alcala, Louvain, Douai, Ingolstadt, Colonia, e das outras a que nos temos referido.

Não era só na universidade de Salamanca que os estudantes portuguezes iam instruir-se, mas procuravam tambem as escolas da França e da Italia. Alvaro Paes ²⁾, que veio a ser bispo de Silves, estudou em Bolonha e em Paris, onde foi discipulo de João Duns Scoto. Em 14 de setembro de 1192, D. Sancho I doou ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra quatrocentos morabitimos de sua fazenda para sustentação dos conegos do dito mosteiro, « *que estudam em as partes de França* » ³⁾. Decerto o monarcha referia-se aos que frequentavam as universidades de Paris e Montpellier, tão preferidas pelos portuguezes d'esse tempo. Santo Antonio de Lisboa professou a theologia em Verceil, Bolonha, Montpellier, Padua e Limoges, deixando em toda a parte a fama das suas virtudes e do seu saber. ⁴⁾ O portuguez Pedro Hispano, ao depois papa sob o nome de João XXI e um dos homens mais illustres do seculo XIII, foi um dos logicos mais distin-

¹⁾ Obr. cit., pag. 34 e seg.

²⁾ D. Vicente Lafuente, na *Historia de las Universidades en España* (Madrid, 1884), tom. I, pag. 148, chama-lhe *Alvar Sampayo* e parece inclinar-se á opinião de que era gallego. A verdade é que era portuguez e Santarem orgulha-se de o ter por filho. Falleceu em 1353. — Vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tom. I, pag. 108 e seg.

³⁾ « Qui in partibus Gallie studiorum causa commorantur... » *Chronica dos conegos regrantes*, P. II, liv. VII, cap. XV.

⁴⁾ Em Bolonha teve Santo Antonio por companheiro, no ensino da theologia, Rolando Bandinelli, papa sob o nome de Alexandre III, e talvez tambem Santo Thomaz de Aquino. — Tiraboschi, *Storia della Letter. ital.*, t. IV, pag. 315, cit. por Theophilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra*, tom. I, pag. 91.

ctos da universidade de Paris. ¹⁾ A seu respeito escreve o sr. Theophilo Braga : « Pedro Hispano era natural de Lisboa, freguezia de S. Julião, arcediago de Vermoim, D. Prior de Guimarães, sendo nomeado cardeal de Frascati pelo papa Gregorio X no concilio geral de Leão em 1274, e successor de Adriano V em 1276 com o titulo de João XXI. D'este pontifice portuguez, cujo nome figura como bispo de Braga confirmando os documentos do reinado de D. Affonso III, diz Martinho de Fulda : « *Fuit magnus medicus, et scripsit librum de Medicina, qui Thesaurus pauperum vocatur.* » Porém a sua grande influencia nas escholas medievas foi com a Logica, as *Summulas*, ás quaes ainda alludia Kant, quando para dizer de um individuo que não tinha juizo, empregava a periphraze : *Falta-lhe a segunda de Pedro*. As *Summulae Logicales* foram attribuidas a Miguel Psello, escriptor do seculo XI, pertencendo a Pedro Julião apenas a traducção do grego, ²⁾ porém esta asserção não assenta em fundamento algum, ao passo que Dante, e Ricobaldi de Ferrara, do seculo XIII, affirmam que Pedro Hispano fizera tratados de logica ³⁾, sendo alguns d'elles traduzidos em grego trinta annos depois da sua morte. ⁴⁾ A grande reputação europêa de Pedro Hispano não deixaria de actuar na determinação do rei D. Diniz para fixar em Portugal os talentos que andavam elevando as Universidades estrangeiras. Durante

¹⁾ O nome de Pedro Hispano ou Pedro Julião foi immortalizado por Dante na *Divina Comedia*.

Ugo da San Vittore, è qui con elli
E Pietro Mangiator, e PIETRO HISPANO
Le qual già luce in dodici libelli.

(Paraiso, Canto XII).

Os *dodici libelli* a que o poeta se refere são os doze tractados em que se dividem as *Summulae logicales* de Pedro Hispano.

²⁾ « Bartholomeu Keckermmann, t. I *Op. Praecog., Log.* pag. 105 e 107. »

³⁾ « Eceardi, *Corpus hist. medii aevi*, tom. I, col. 1219. »

⁴⁾ « Nessel, *Catalogus, sive recensio specialis omnium Cod. Ms. grecorum Bibliothecae Caesareae Vindebon.* Part. 5. Cod. 128, onde se acha assim descripto : « *Excerpta miscelanea ex diversis etc. . . Ex Dialecticae Mag. Petri Hispani, interprete Georgio Schelario.* »

toda a Edade média as doutrinas de Pedro Hispano, vulgarizador da logica aristotelica, influiram constantemente na direcção do ensino europêu, especialmente dialectico.» ¹⁾

Uma das razões que o abba de Alcobaça, o prior de Santa Cruz e outros ecclesiasticos allegavam, quando pediram ao Papa que confirmasse o Estado geral de Lisboa, era a difficuldade que tinham os portuguezes de ir estudar nas Universidades estrangeiras: « Consideramos que muito convém aos reinos mencionados (*de Portugal e Algarves*) e aos seus habitantes terem dentro d'elles o estudo das lettras em todas as faculdades; porque, embora muitos queiram estudar e desejem ligar-se á ordem clerical, todavia, pelo inconveniente das despezas, pelo perigo dos caminhos e risco das pessoas, receiam e não ousam nem commodamente podem transportar-se a terras longinquas para estudarem, e assim contra sua vontade ficam leigos e teem de desistir do seu bom proposito acima referido.» ²⁾

(*Continúa*).

FORTUNATO DE ALMEIDA.



¹⁾ *Hist. da Univ. de Coimbra*, tom. 1, pag. 90 e 91. Acêrca de Pedro Hispano veja-se: Daunou, *Histoire littéraire de la France*, tom. XIX, pag. 330; Hauréau, *De la Philosophie Scolastique*, tom. 1, pag. 214; L. Hain, *Répertoire biographique*; Ch. Thurot, *De la Logique de Pierre d'Espagne*; Lopes Praça, *História da Philosophia em Portugal*, pag. 33 a 38; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tom. II, pag. 561. Teremos adeante occasião de fallar da obra philosophica de Pedro Hispano.

²⁾ ... «Consideramus valde expedire Regnis supradictis, vel scriptis, et habitatoribus in eisdem habere in qualibet facultate generale studium literarum, cum multi studere volentes, et cupientes ascribi ordini clericali, propter expensarum defectum, viarum discrimina, et pericula personarum non audeant, timeant, nec commodè possint ad partes longinquas ratione studii se transferre, et sic inviti efficiuntur laici, et oportet eos recedere a suo bono proposito supradicto.» — *Monarchia Lusitana*, Appendice á Parte V, Escriptura XXI.

A MISSÃO SCIENTIFICA DA EGREJA

(Conclusão da pag. 136)

Os Pontifices romanos foram sempre os melhores amigos dos povos, os mais decididos patronos da civilização, os homens providenciaes que, se bem que tinham por missão especial a eterna salvação das almas, não se esqueciam de mostrar praticamente que o christianismo a elles confiado como seus depositarios e interpretes, é a unica religião que pode realizar o bem temporal dos individuos e das collectividades, ainda que não é este, mas a felieidade eterna de todos, o seu fim supremo.

Só a obra dos Concilios bastaria de si para tecer a mais remontada apologia do Papado. Convocados pelo Papa, por elle presididos e sanccionados, os Concilios, firmando a fé, fulminando as heresias e scismas, restabelecendo a disciplina ecclesiastica e vingando a liberdade e independencia da Egreja, a dignidade e os direitos da razão humana, não só restabeleceram a ordem e a paz nas sociedades agitadas pelas violentas paixões dos falsos reformadores, não só imprimiram nos codigos o character d'uma civilização accentuadamente christã, mas ainda prepararam as grandes victorias da fé catholica, victorias que foram como que a aurora das grandes conquistas do genio do homem nos vastos dominios das sciencias.

O christianismo proclamou a egualdade e a fraternidade entre os homens ensinando os dogmas da unidade da especie

humana e da universalidade da redempção. A escravatura é a antithese d'aquella formosa doutrina sellada com o sangue de Jesus Christo. Pois bem: os Papas foram sempre os defensores natos dos pobres escravos contra a prepotencia e despotismo cruel dos senhores; ao Papado se deve o acabamento da escravatura. Alexandre III, Urbano VIII, Pio III, Bento XIV, Gregorio XVI, Pio IX e Leão XIII são outros tantos apóstolos da liberdade dos escravos: a palavra d'aquelles grandes Pontifices ou lhes minorou as agruras da sua desditosa sorte ou lhes quebrou as pesadas algemas da sua escravidão.

O prestigio da auctoridade, a obediencia á lei, a constituição eminentemente social da familia, as instituições sociaes que, em todos os tempos, produziram beneficos resultados e que ainda hoje se conservam como restos de passada gloria, como monumentos levantados ao genio, á prudencia e sabedoria dos Pontifices romanos, são obras inspiradas e levadas a effeito por estes homens benemeritos. Apoiando-se nas Escripturas e no ensino tradicional dos seculos christãos, os Papas fixaram a origem divina do poder, a grandeza sobrenatural da obediencia á lei, e, d'este modo, revestiram a auctoridade humana d'um prestigio verdadeiramente divino e coroaram a obediencia com a aureola d'uma virtude que torna o homem semelhante a Christo; definiram a unidade e a indissolubildade do matrimonio, verdadeiro sacramento da Nova Lei, e d'este modo realisaram na familia o ideal divino do Homem-Deus; abriram em toda a parte innumeraveis estabelecimentos de instrucção e beneficencia, e d'este modo derramaram a luz do espirito em todas as camadas sociaes e coroaram a dor, o infortunio, a miseria e a desgraça com o diadema celeste da caridade christã, que inspira a grandeza d'alma para todas as adversidades.

Com razão dizia o conde de Maistre: «Deus prometteu fundar sobre uma serie de homens como nós uma Igreja immortal, indefectivel e santa. E assim o fez, sem que o caracter moral dos Papas influisse jámais sobre a fé. Se as debilidades e paixões d'alguns mostraram por vezes que eram

homens, estes momentos foram de curta duração, e nenhum throno manifestou nunca tanta sabedoria, sciencia e virtude. N'uma palavra, os Pontífices presidiram á civilisação, foram os protectores da liberdade civil, os apóstolos infatigaveis da soberania, os inimigos do despotismo, os conservadores das artes, os destruidores da escravidão, os bemfeitores do genero humano.» ¹⁾

S. Gregorio o Grande é um assombro de sciencia e erudição. As suas cartas que, na pureza de linguagem, rivalisam com as de Cicero, exerceram grandissima influencia nos progressos da litteratura christã. Innocencio III é uma das mais bellas figuras da historia. Os principes, os jurisconsultos, as eminencias scientificas da sua epocha recorriam a este homem verdadeiramente grande e consultavam-n'o como a um oraculo de saber. Gregorio VII e Bonifacio VIII, o primeiro principalmente, nas suas luctas titanicas com os imperadores da Allemanha, traçaram os limites dos dous poderes, e d'este modo fixaram as verdadeiras noções do direito publico nas suas relações com a Egreja.

Leão X occupa na historia do pontificado uma pagina brilhante pelo seu amor entusiasta ás artes e letras. Foi elle que vulgarisou na Italia as inspirações poeticas de Dante, Petrarcha e Baptista de Mantua; foi elle que restaurou os estudos das linguas orientaes com grande proveito da critica biblica, que hoje não teria o esplendor que tem, se não fossem os trabalhos d'aquelle grande Papa; foi elle que deu novo impulso ás obras da basilica de S. Pedro, maravilha do genio, que ainda hoje se ostenta na Cidade Eterna com a sua cupula grandiosa, perdida na immensidade do espaço, proclamando aos seculos e ás civilisações a grande influencia do Pontificado romano sobre a concepção do bello e sobre a concretisação da esthetica christã; foi elle, enfim, que deu ao seculo XVI o nome glorioso por que hoje é conhecido.

«No seculo XVI, diz um moderno escriptor, a Italia era uma verdadeira terra da promissão, que todas as intelligen-

¹⁾ *Du Pape.*

cias desejavam conhecer. Os Alpes inclinavam-se, não deante dos passos d'um novo Annibal, mas para darem passagem a alguns homens obscuros que anhelavam estudar os progressos do genio, interrogar as ruinas e os manuscriptos recentemente descobertos, contemplar cheios de admiração os quadros de Giotto e passar por debaixo d'algumas d'essas elegantes cupulas que sahiram das mãos de Arnolfo ou de Brunelleschi, para se inspirarem nas maravilhas que a cidade lhes offerecia e ouvir os cantos do poeta, na epocha em que todas as lyras estavam mudas.

Tudo revivia na Italia: artistas, philosophos, senhores, monarchas e povo. Em Florença, o povo com a cabeça descoberta, com ramos de oliveira na mão, acompanhava respeitosa e, em procissão, uma imagem da Virgem, obra prima de Cimabue; em Ferrara repetiam-se em côro as estrophes de Rolando; nos Apeninos, os proprios malfeitores inclinavam-se com respeito deante de Ariosto. Quando Luthero levantava o estandarte de revolta proclamando a auctoridade infallivel da razão individual, Bandinelli creava o grupo do altar-mor de Santa Maria *del Fiori*; Angelo Politino e Pico de Mirandola desciam triumphantemente aos seus sepulchros da Igreja de S. Marcos de Veneza e Bounarrothe creava a *Noite*, o *Giorno*, o *Pensiero* e a estatua colossal de David. Veneza, Ferrara, Milão, Bolonha, Parma, Ravenna, Florença e Roma, n'uma palavra, cada cidade da Italia, era como que o ponto central das artes, das luzes e das sciencias.»⁴⁾

Leão X foi a alma de todas estas maravilhas, foi a vida de todo este movimento, foi a luz mais a inspiração de todas estas glorias que tanto illustram o Pontificado romano.

Bento XIV, grande theologo e profundo jurisconsulto, é um dos vultos mais imponentes e grandiosos do seculo XVIII.

Os Pontífices romanos foram os restauradores da litteratura grega e latina, foram elles que receberam com generosa hospitalidade os sabios perseguidos pelos imperadores iconoclastas, que conservaram nas escolas claustraes os pre-

⁴⁾ Citado por Gonzalez — *Le pape em tous les temps*, versão franceza,

ciosos thesouros do antigo saber, que protegeram os litteratos byzantinos expulsos da sua patria pelo despotismo musulmano. E vindo aos tempos actuaes, todòs sabem que na grande exposiçãõ de Londres, a secçãõ pontificia foi proclamada «a perola do Palacio de Crystal». Na exposiçãõ internacional de Dublin de 1866, a attençãõ publica fixou-se principalmente nos productos enviados pelo governo pontificio; os jornaes de Dublin unanimemente louvaram as obras magnificas pelas quaes a Roma papal conserva e augmenta a sua justa reputaçãõ artistica e scientifica ¹⁾. Esta reputaçãõ augmentou sobremodo na grande *feira do mundo*, na ultima exposiçãõ de Chicago.

Com justiça dizia Chateaubriand: «O Papado mostrou-se quasi sempre superior ao seu seculo. Tinha idéas de legislaçãõ e de direito publico, conhecia as bellas artes, as sciencias, a politica, na epocha em que as trevas das instituições gothicas se espalharam por toda a parte. O Papado não fazia monopolio da luz: derramava-a por toda a parte; destruia as barreiras que os prejuizos levantaram entre as nações, adocava os costumes, arrancava os povos da ignorancia e da pratica de costumes grosseiros e ferozes. Os Papas foram missionarios das artes enviadas aos barbaros, legisladores entre selvagens. — *Só o reino de Carlos Magno*, diz Voltaire, *teve uns clarões de politica que foi, provavelmente, o fructo de uma viagem a Roma.* — É um facto geralmente reconhecido que a Europa deve á Santa Sé a sua civilisaçãõ, uma parte das suas melhores leis e quasi todas as suas sciencias e artes.»

Ha porém uma creaçãõ admiravel, verdadeiramente prodigiosa, unica, que é um monumento imperecedouro levantado á missãõ scientifica da Igreja e á benefica influencia do Papado na civilisaçãõ da humanidade. Referimo-nos á congregaçãõ *Propagande Fide*, instituida por Gregorio XV em 1622. Parece que se reproduz n'esta admiravel instituiçãõ o milagre ha dezenove seculos realisado no Cenaculo em dia de

¹⁾ D'Arsac, *La Papauté*.

Pentecostes. Falam-se na *Propaganda* todas as linguas conhecidas, e em todas estas linguas se prega em Roma o Evangelho, em todas se imprimem catechismos de boa nova, dictionarios e obras para augmento das christandades formadas por missionarios enviados pelo Papa. A *Propaganda* envia actualmente illustrados apóstolos do Evangelho á Inglaterra, Escossia e Irlanda; á Dinamarca, Suecia e Noruega; á península dos Balkans; á Armenia, Syria, Palestina e Chypre; ás Indias orientaes e occidentaes; á Indo-China, ilhas Neerlandezas e Philippinas; á China occidental e oriental; á Africa septentrional, central e meridional; ao Canadá; ás provincias de Quebec, Halifax e Toronto; aos Estados Unidos, á Australia e Polynesia, á Terra do Fogo... a toda a parte onde ha almas para salvar. E estes benemeritos apóstolos enviados pelo Papa levantam em toda a parte Templos e altares, abrem asylos e escolas, constroem grandiosos edificios d'instrucção superior, dirigem soberbos observatórios astronomicos e meteorologicos, e mandam para os museus da Europa, para as sociedades sabias, para as academias, preciosos objectos, memorias e descobrimentos que são uma gloria para o catholicismo, uma riqueza para a sciencia, um beneficio inestimavel para a civilisação.

* * *

O pontificado de Leão XIII é mais uma prova d'esta le-historica induzida da analyse dos factos: o Papado é um elemento poderoso, o primeiro e mais effizaz de todos os progressos da actividade humana. Com referencia ao Pontifice felizmente reinante, ahí está, omittindo outros factos que já immortalisaram o seu pontificado, a Encyclica de 4 de agosto de 1879. N'esta memoravel Encyclica, Leão XIII restaura nas escolas a doutrina e o methodo scientifico de Santo Thomaz de Aquino. O alcance e transcendencia d'esta opportuna e providencial restauração, expõe-n'o o sabio Pontifice com admiravel clareza e precisão.

Levar-nos-hia muito longe, teriamos até de escrever um volume, se quizeramos indicar summariamente as obras mo-

numentaes que a Encyclica *Aeterni Patris* inspirou. É admiravel o movimento scientifico que ora se observa no mundo catholico. Parece que revivem os tempos em que os pensadores christãos, dedicados ao estudo e meditação das obras de Santo Thomaz, escreveram profundos tractados em que são discutidos os mais arduos problemas da philosophia, de theologia, do direito e das sciencias mais intimamente relacionadas com o dogma.

A luz purissima da doutrina de Santo Thomaz começa novamente a honrar os horisontes da sciencia. Academicos celebres, sabios de renome universal, especialmente na Allemanha, applaudem com entusiasmo a Encyclica providencial, e prenunciam um futuro de esplendor sem par para os differentes ramos do saber humano. A obra de restauração scientifica de Leão XIII, a julgar pelo grande movimento que já produziu no mundo sabio, será a obra mais gigantesca do seculo XIX. O seu fim é reconstruir o edificio das crenças religiosas e sociaes, lançar as bases solidas sobre que ha de erguer-se o edificio da sciencia illuminada pelos esplendores da fé.

É n'esta obra sublime do Papado, que se devem educar as gerações, os governos, os mestres, as corporações scientificas, todas as forças vivas da sociedade, para que sejam o que devem ser, elementos de progresso e ordem, factores poderosos da verdadeira civilisação, a civilisação christã.

A par dos nomes immortaes dos Pontifices que bem mereceram da sciencia, da litteratura e da civilisação, a historia escreverá o nome glorioso de Leão XIII. E o Papado, que sempre marchou á frente de todos os empreendimentos do genio do homem e que sempre os abençoou; o Papado, que civilisou os barbaros, que foi a arca santa onde se salvaram as lettras e os thesouros do saber antigo, que sempre conferiu corôas e palmas aos homens que assignalaram a sua passagem sobre a terra pelos seus serviços á sciencia e ao bem da humanidade, terá em Leão XIII mais uma prova esplendida da missão scientifica da Egreja e da sua indole eminentemente civilisadora.

DR. SILVA RAMOS.

MISSIONARIOS PORTUGUEZES NO BRAZIL

(Continuação de pag. 142)

A fama d'este zelo dos missionarios em defender a liberdade dos indios espalhou-se logo entre estes, de tal forma que, em qualquer parte onde um padre ia fazer a sua missão, os naturaes recebiam-n'o em festa e procuravam cobril-o de obsequios. Isto facilitava consideravelmente não só a instrução e evangelisação dos selvagens, mas o augmento da influencia e do prestigio do nome portuguez.

Em 1551, o padre Manuel da Nobrega, apostolo fervoroso e illustrado, que ganhára os laureis da sciencia nas universidades de Coimbra e Salamanca, e adquirira a fama da virtude em continuos trabalhos do ministerio sagrado, dirigiu se a Olinda, acompanhado do padre Antonio Pires, para intentar uma cruzada a favor dos pobres indios e contra a licença de costumes em que viviam os portuguezes d'aquella terra.

Os naturaes partiram logo de suas aldeias, carregados de presentes para offerecerem as padres, que elles consideravam como anjos salvadores, pela noticia que já tinham de suas obras. Mostraram grande empenho em ser catechisados, e extrema docilidade aos conselhos e exhortações dos abaréguaçús, como elles chamavam aos padres, que desejavam conservar em sua companhia.

Como sempre, as maiores difficuldades da missão appareciam n'aquelles que, tendo captivado os indios ou vivendo

vida escandalosa com as indias, não queriam largar as victimas da sua ambição ou da sua sensualidade. Desculpavam-se que o seu procedimento obedecia á necessidade, e portanto era licito, como se os principios da moral e da justiça podessem compadecer-se com o desregramento da carne ou com os desvarios da ambição.

Estas contrariedades não conseguiram afrouxar o zelo dos religiosos em trabalhar n'uma reforma dos costumes, principalmente no que respeitava á honestidade e á liberdade dos indios. O padre Nobrega era incansavel no seu apostolado, aproveitando todas as occasiões para o desempenhar. No pulpito, nas ruas e praças publicas, nas conversas particulares, em toda a parte onde se encontrava, opportuna e inopportunamente, como dizia S. Paulo, sempre o padre Nobrega estava na brecha, sereno como um justo, firme como um apóstolo, combatendo pela liberdade dos indios, atacando a immoralidade que lavrava no meio dos europeus.

E toda esta nobilissima campanha — ó seculo das luzes e da liberdade, ó philosophos que insultaes benemeritos da humanidade e do progresso! — toda esta campanha era emprehendida e executada por homens que envergavam a humilde sotaina da Companhia de Jesus, por esses mesmos jesuitas que todos os dias cobrís de improperios. Os verdadeiros obreiros da civilisação eram esses, que deixavam na Europa todos os commodos da existencia, todas as venturas da abundancia e todas as seducções da grandeza, e marchavam á porfia, humildes e contentes, a levar o nome de Christo e o nome de Portugal aos sertões do Brazil e ás terras do oriente.

As prégações do padre Manuel da Nobrega, tão exalçado pela fama de suas virtudes, produziram fructos abençoados. Muitos escravos foram postos em liberdade, a outros suavizou-se o jugo que os opprimia. Emendou-se consideravelmente a desenvoltura de costumes, e trabalhou-se com o mais generoso empenho na instrucção e educação dos indigenas. Colheita de almas para Deus e de espiritos para a civilisação!

E todavia, espiritos refractarios a tudo que não seja o seu interesse pessoal e a satisfação de instinctos brutaes, co-

meçaram logo a semear a discordia e amotinar o povo contra os padres! Foi preciso que alguns homens do governo, sinceros e verdadeiramente dedicados, castigassem a insolencia e reprimissem os desmandos de espiritos mesquinhos.

* * *

Outro apostolo da liberdade dos indios foi o padre Luiz da Gram, e como este podiamos nomear muitos outros benemeritos da civilisação.

Em 1564 os moradores da Bahia e de algumas aldeias visinhas, que tinham sido aggremiadas por cuidado dos padres, foram atacados pelo flagello da fome, que succedia ao da peste. A consternação era geral e os missionarios não se descuidaram de acudir com os soccorros do corpo ao mesmo tempo que ministravam os auxilios da religião. A necessidade obrigou a tudo os pobres indios, até a contractarem os seus serviços por toda a vida ou parte d'ella; outros vendiam os proprios filhos, a troco de alimentos. Muitos fugiam das aldeias e internavam-se nas florestas.

Os padres presencavam com profunda magua estes dolorosos acontecimentos, que inutilisavam os seus trabalhos de alguns annos. Augmentava o numero dos infelizes escravos, prejudicava-se consideravelmente a obra da colonisação, e os neophitos que fugiam para o interior corriam o perigo de voltar ás suas antigas superstições, esquecendo completamente os rudimentos da fé christã.

A todos estes inconvenientes procuraram os padres obstar o melhor possivel, arriscando por vezes a propria vida. Pelo que respeita aos indios feitos escravos n'aquellas apertadas circumstancias, consultou-se para Lisboa sobre a validade de taes acquisições. A resposta foi favoravel relativamente aos que se vendiam a si proprios ou vendiam seus filhos; mas fóra d'esta regra havia muitos escravos que eram dignos de commiseração e de justiça, e logo se tractou de lhes acudir. O bispo da Bahia, D. Pedro Leitão, o padre provincial Luiz da Gram, o governador Mem de Sá e o ouvidor geral Braz

Fragoso, resolveram publicar a consulta que chegára de Lisboa, e declarar livres todos os que tinham sido vendidos por pessoas que sobre elles não tinham direito.

Para evitar que os indios resgatados por esta fórma cahissem na miseria e no abandono, ou voltassem á vida selvagem que d'antes tinham levado, permittiu-se aos que os tinham em seu poder a faculdade de os conservarem, com diversas condições, entre as quaes a de lhes annunciarem a liberdade, darem-lhe uma remuneração e não os poderem vender, nem dar, nem trocar; não querendo possuil-os n'estas condições deviam entregal-os, recebendo o preço, aos que lh'os tinham vendido, mas sem titulo algum de dominio.

Isto não era tudo, mas ao menos era alguma cousa. Os padres da Companhia eram os primeiros a lamentar a deficiencia de taes medidas, sem todavia poderem completal-as e remediar o mal por completo. Em todo o caso não se fazia assim um beneficio aos indios e uma conquista para a civilisação?

Ha um outro facto que prova eloquentemente o grande empenho dos missionarios em defender a liberdade dos captivos. Segundo uma sentença que fôra promulgada, todos os indios caetés deviam expiar o assassinato do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, sendo reduzidos á escravidão elles e os seus descendentes. Abusou-se d'esta sentença, apresando não só os indios condemnados mas muitos outros que n'ella não estavam comprehendidos. Os missionarios conseguiram então que na Bahia, como na Europa, durante a edade media, as egrejas fossem um asylo seguro e uma garantia da liberdade para aquelles que alguém pretendesse reduzir á escravidão e n'ellas se refugiassem.

A mesma cruz que no velho continente salvára a sociedade nos seculos medievaes e guiára os povos atravez de todos os cataclysmos, até ao despontar da renascença e aos esplendores da civilisação moderna, — erguia-se tambem nas plagas da America, nos primeiros dias do seu convivio com a Europa, como estandarte de progresso e base de toda a organização social.

Dissemos anteriormente que um dos meios por que os jesuitas procuravam defender a liberdade dos indios era aconselhar ao governo da metropole medidas acertadas contra os abusos da escravidão.

Effectivamente foram publicadas muitas leis n'este sentido, em diversas épocas, segundo a necessidade dos tempos e a urgencia das circumstancias. Durante o governo dos Filippes, por exemplo, adoptaram-se muitas disposições, de que agora não daremos circumstanciada noticia, para não tornar demasiado extensa a nossa narrativa.

Ora, que essas leis eram inspiradas pelos missionarios jesuitas provam-n'o muitos documentos existentes na Torre do Tombo, em Lisboa, e nos archivos do Rio de Janeiro. Bastantes d'esses documentos foram copiados do original e publicados em diversos volumes da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. São geralmente cartas dos missionarios, cheias de um grande interesse historico, sendo para notar as do padre Manuel da Nobrega, que n'uma linguagem encantadora e singela descreve os progressos da colonisação do Brazil e os costumes dos seus habitantes.

Em carta de 9 de agosto de 1549, escripta ao padre Simão Rodrigues, referindo-se a alguns negros que barbaramente haviam sido reduzidos á escravidão e depois libertados a instancias dos padres, escreve Manuel da Nobrega: «Desejo muito que Sua Alteza encommendasse isto muito ao Governador, digo, que mandasse provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos a sua terra,» etc.

Taes palavras, e como estas podiamos citar outras muitas, demonstram não só que os missionarios se esforçavam por defender a liberdade dos indios, mas ainda n'isso empenhavam a sua influencia e o seu prestigio.

Santa obra de civilisação, que depois havia de ser paga com tantas perseguições e crueldades!

(Continúa).

FORTUNATO DE ALMEIDA.

PROBLEMAS DE PHILOSOPHIA NATURAL

I

O CONCEITO DE VIDA

(Continuação de pag. 103)

Ao passo que os seres não vivos são em parte simples e em parte chimicamente compostos ou mixtos, os seres vivos são todos compostos. Nos compostos não vivos, os elementos constituitivos são poucos; nos vivos apparecem, geralmente, numerosos elementos e estes combinados em proporções mais complexas.

Nos seres vivos ha elementos substanciaes que nunca se encontram nos não vivos, taes como o assucar, o alcool, o amylo e substancias gordurosas. A estrutura dos seres não dotados de vida é, em toda a sua extensão e espessura, homogenea; a dos vivos, pelo contrario, forma uma synthese, onde ha unidade e variedade, isto é, um todo harmonico, composto de elementos ou órgãos diversos, porque são destinados a diversas funcções. A planta, por exemplo, é *um* todo harmonico, mas não homogeneo, porque tem raizes, tronco, folhas, flores, órgãos de respiração e de circulação de seiva, etc.; o animal é *um* composto substancial, mas constituido de varios órgãos cada um dos quaes é adaptado a uma funcção physiologica especial. E este phenomeno da não homogeneidade dos seres vivos vae até ao ponto de cada um dos

orgãos que os constituem ser formado de varios elementos, tão admiravelmente dispostos e combinados, que é impossivel não reconhecer n'este surprehendente phenomeno, que a histologia nos revela, um designio providencial sabiamente concebido e realisado.

Santo Thomaz de Aquino dá a razão da diversidade de orgãos nos seres vivos, e da homogeneidade de estructura nos não vivos. « No corpo vivo, diz o angelico Doutor, é necessaria a diversidade de orgãos, por causa das diversas operações da alma. Sendo a alma a forma perfectissima entre as formas das cousas corporeas, é o principio das diversas operações e exige por isso diversidade de orgãos na materia que informa. Pelo contrario, as formas das cousas inanimadas, por causa da sua mesma imperfeição, são principios de poucas operações e não exigem por isso diversidade de orgãos nos seus sujeitos ⁴⁾ » Mas, apesar de diversos, os orgãos dos seres vivos auxiliam-se mutuamente, vivem intimamente unidos, sem que esta união harmonica e mutuo auxilio immediato ou mediato destrua a independencia de cada um, a subordinação d'um aos outros e a de todos ao principio unico que os informa, a alma, como em logar opportuno se demonstrará.

Nos corpos inorganicos, nada d'isto. São seres homogeneos que, estudados e analysados n'uma pequena parte em que os dividamos, estão estudados e analysados em toda a sua quantidade dimensiva. A homogeneidade dos seres não dotados de vida é, absolutamente, sem solução de continuidade.

Alem d'esta notavel carecteristica differencial entre os corpos não vivos e os vivos, temos outra que merece estudo mais detido. Os corpos não vivos apparecem e, digamos assim, reproduzem-se de novo ou pela synthese ou pela ana-

⁴⁾ Diversitas organorum necessaria est in corpore suscipiente vitam, propter diversas operationes animæ. Anima enim cum sit forma perfectissima inter formas rerum corporalium, est principium diversorum operationum; et ideo requirit diversitatem organorum in suo perfectibili. Forma vero rerum inanimatarum propter sui imperfectionem sunt principia paucarum operationum, unde non exigunt diversitatem organorum in suis perfectilibus. *De Anim.* liv. 2, lect. 1, § f.

lyse d'outros corpos, ou por transmutações substanciaes realisadas na materia mediante a acção de certas leis chemicas. Os seres vivos, pelo contrario, nascem d'um germen, d'uma cellula, d'um ovo fecundado por um individuo da mesma especie e d'elle proveniente, dando assim origem e desenvolvimento, pela evolução biologica, a um novo ser vivo. D'aqui o aphorismo: *Omnis cellula ex cellula*, ou como o formulam outros: *Omne vivum ex ovo vel semine*.

Mas aqui sae-nos a moderna escola de Hæckel, antigo professor de zoologia na Universidade de Iéna, com a sua theoria da « organização espontanea da materia », impropriamente chamada theoria da « geração espontanea ». Toda a substancia d'esta theoria, brilhantemente refutada, no campo da observação experimental, por Milne Edwards, no Muséum de Paris, em 1864, e mais ainda pelas admiraveis investigações e descobrimentos de Pasteur, pode reduzir-se a isto: « Os seres vivos não provém d'outros igualmente vivos; são o resultado da conversão espontanea da materia não viva em materia viva. » Segundo Hæckel, que bem pode considerar-se como o patriarcha do materialismo contemporaneo, todas as manifestações da vida, e particularmente os phenomenos de nutrição e reproducção, são devidos ás propriedades do carbone ou, pelo menos, da albumina. Os corpos vivos differem dos inorganicos em que n'aquelles o desenvolvimento opera-se por intus-suscepção, n'estes pela addição externa de materia nova. A forma de cada crystal ou de cada organismo, é simplesmente o resultado da lucta de dous factores: d'uma força plastica interna resultante da constituição molecular do corpo, e d'uma força plastica externa resultante da influencia do meio. A prova de que as combinações organicas não são necessariamente productos d'outros organismos, dá-no-la a chimica, que actualmente fabrica todos os elementos da materia organica, como o alcool, a urêa, etc. ¹⁾ O estudo das *moneras*, pequenas massas informes d'albumina sem differen-

¹⁾ E até fabrica ovos que na forma externa, na constituição interna e no sabor se confundem com os naturaes. Ainda, porém, não fabricou nenhum que sob a acção do calor necessario para a fecundação, produzisse um ser vivo.

ciações de funcções, subministra os mais valiosos argumentos em prol da « organização espontanea da materia ». Assim falam Hæckel e os seus admiradores, aquelles mesmos talvez que tanto se indignam contra o antigo *ipse dixit* do mestre. Bem servida está no entanto a sciencia, se os taes argumentos fornecidos pelo estudo das *moneras* em favor da « organização espontanea » da materia são tão valiosos como o famoso *Bathybius*, organismo sem orgãos, que parece formado espontaneamente no fundo dos mares, mas que não passa, como nol-o demonstrou uma rigorosa analyse chimica, d'um pouco de sulphato de cal.

Não é nova a theoria de Hæckel. Epicuro dizia : « A terra é a mãe commum de tudo que vive. E d'esta origem tão simples nem o homem é exceptuado. » Por sua parte Aristoteles accrescenta : « Ha animaes que são gerados por outros ; ha porém alguns que nascem espontaneamente, sem serem produzidos por outros animaes semelhantes. Estes nascem da terra putrefacta ou de plantas como a maior parte dos insectos. . . » Diodoro conta que alguns animaes nascem do lodo do Nilo aquecido pelos raios do sol ; Plutarcho, Plinio e Lucrecio, o cantor do materialismo de Epicuro, narram lendas semelhantes ; e, finalmente, Virgilio resumiu em elegantissimos versos, no quarto livro das Georgicas, a crença do paganismo de que muitos animaes eram gerados pela terra ou pela materia em putrefacção, mediante não sabemos que energia occulta inherente á materia, ou mediante o influxo dos corpos celestes. Estas e outras lendas analogas provenientes da ignorancia das sciencias naturaes encontraram ecco em alguns espiritos da edade media ; até que no seculo XVII Redi, medico florentino, Malpighi, Réaumur e Geer combateram com factos o erro das gerações espontaneas. A invenção do microscopio rasgou novos horisontes ás investigações scientificas sobre a genese dos seres vivos. Os trabalhos de Schultz, Schwann, Milne Edwards, Schröder, Dusch, Haine, Claude Bernard, Dumas, Balbiani e, sobre tudo, do immortal e benemerito Pasteur, mostram até á evidencia que a theoria da organização espontanea da materia é radicalmente falsa.

Antes, porém, de darmos uma noticia resumida d'aquelles trabalhos, que vieram confirmar a doutrina da philosophia christã sobre a origem da vida, é conveniente que indiquemos as tres hypotheses em que se desdobra a absurda hypothese a que emphaticamente chamaram *heterogenia*, ou formação physiologica dos seres vivos, completamente differente dos phenomenos ordinarios de reproducção natural, e em opposição á *homogenia*, palavra que designa o nascimento de plantas e animaes procreados por seres vivos da mesma especie.

O heterogenismo ora sustenta que os seres vivos foram formados pelo concurso exclusivo de elementos inorganicos (*agenesia*); ora afirma que as moleculas d'um corpo organizado teem a faculdade de se reconstituirem por si mesmas, depois da desorganisação d'aquelle corpo, em novos corpos vivos da mesma natureza (*necrogenesia*); ora, finalmente, proclama que todo o ser vivo é apto para gerar seres d'uma organisação differente da sua, aos quaes só transmite o principio vital sem character algum de especie ou familia. O fim principal da heterogenia hækkeliana é negar a creação. « Ou havemos de admittir, diz Hæckel, a geração espontanea, ou a idéa do milagre d'uma creação ¹⁾ » Soury, traductor francez da obra d'Hæckel — *Les preuves du transformisme*, diz, no prefacio d'esta obra: « Não ha, com effeito, outra alternativa, para explicar a origem da vida. Quem não crê na geração espontanea, ou antes na evolução secular da materia inorganica em materia organica, admite o milagre. É uma hypothese necessaria, e que não pode ser destruida por argumentos *a priori*, nem por experiencias de laboratorio. » Não se admirem os nossos leitores do entono e ar de infalibilidade com que falam estes sabios, porque falam assim todos os materialistas que preferem os mais repugnantes absurdos ás soluções positivas da sciencia, quando estas soluções vêm confirmar o veridictum da razão e da fé. E então decretam *a priori* a impossibilidade do milagre, da creação, de tudo, emfim, que pode esmagar o seu odio implacavel á fé. Pois vamos ver se as experiencias do laboratorio e a

¹⁾ *Histoire de la création naturelle.*

propria razão dizem alguma cousa em prol da tal evolução secular da materia bruta em materia viva.

A controversia ácerca das gerações espontaneas entre Pouchet e Joly, que as defendiam com todos os monistas ou transformistas da escola de Hæckel, e Pasteur, que as impugnavam, foi, em 1862, dirimida com factos indiscutíveis em favor d'este. Pasteur ganhou o premio decretado pela Academia franceza; os seus trabalhos « estabeleceram em toda a evidencia a doutrina segundo a qual a presença de organismos vivos em materias putrefactas e fermentadas é devida exclusivamente ao desenvolvimento de germens trazidos pelo ar. Não é possível descrever aqui a larga serie de experiencias tão habéis como engenhosas mediante as quaes o sabio academico chegou a uma demonstração sem replica. Uma das mais decisivas é esta: fazendo passar ar atmosferico atravez de uma almofada de algodão, e introduzindo, com minuciosas precauções, este ar filtrado n'um balão contendo substancias putrefactiveis, aquelle balão conserva-se indefinidamente sem alteração; por outra parte, examinando ao microscopio o fino pó adherente ao algodão, descobrem-se n'elle germens organicos misturados com materias mineraes; e se introduzirmos a almofada de algodão, com o pó de que está coberta, no balão onde até então não se desenvolveu organismo algum, tendo o cuidado de não deixar introduzir n'elle nenhuma parcella d'ar exterior, apparecem seres vivos e no mesmo lapso de tempo em que appareceram, quando se operou com ar ordinario não filtrado. ¹⁾ » Aqui ha a prova e a contraprova de que a materia bruta não se converte em materia viva, e de que todo o ser vivente provém d'outro da mesma especie. Porque é que não apparecem nem sequer vestigios de vida nas substancias vegetaes ou animaes, maceradas, isentas do ar atmosferico e sujeitas a uma temperatura capaz de matar quaesquer ovulos ou cellulas vivas que n'ellas existissem? Se a vida se forma espontaneamente pela transmutação da materia bruta em materia viva, a vida devia apparecer n'aquellas substancias. As experiencias mais escrupulosas mostram exactamente o contrario, e mostraram tambem que as observa-

¹⁾ Arduin, *La Controverse*, 1882, tom. 4, pag. 315.

ções dos defensores das gerações espontaneas eram defeituosas e falsas, pois que ou a temperatura a que sujeitaram as substancias putrefactiveis não era sufficiente para exterminar n'ellas todos os germens de vida, ou n'ellas se introduziu algum ar atmospherico que é um dos mais poderosos vehiculos de corpusculos vivos.

« Sabe-se, diz Milne Edwards, que ovulos ou grãos podem permanecer durante muito tempo, em estado de vida latente, sem perderem a faculdade de reaver a vida activa, quando as circumstancias são favoraveis ao exercicio das suas faculdades, e que animalculos adultos podem apresentar phenomenos da mesma ordem e conservar a sua vitalidade depois de reduzidos a um estado de morte apparente pela dessecação. Sabe-se tambem que a disseminação de corpusculos leves pelas correntes atmosphericas é cousa facil.

« Nenhum physiologista põe em duvida o poder gerador de animalculos e vegetaes microscopicos, e para nos convencer-mos da possibilidade do seu transporte pelo ar atmospherico, basta recordarmo'-nos da enorme quantidade de pó que fluctua sempre no ar e da difficuldade de preservar do seu contacto os objectos que não estão em vasos hermeticamente fechados. Corpusculos bem mais volumosos e pesados do que aquelles são levados pelo ar a immensas distancias, como se pode verificar observando o pó cahido da atmosphaera nos paizes situados sob a acção d'alguns vulcões em erupção. Sabemos egualmente que o transporte de grãos pelas correntes atmosphericas é um dos meios empregados pela natureza para effectuar a dispersão de especies vegetaes na superficie do globo. E por conseguinte, attribuindo a phenomenos analogos a apparição de corpusculos vivendo em aguas carregadas de materias proprias á nutrição d'aquelles pequenos seres, se explica a origem d'estes d'um modo muito mais plausivel do que suppondo-os formados por uma geração dita espontanea. 1) »

Estes e muitos outros factos que seria longo enumerar mostram que toda a cellula provem d'uma outra preexistente. « Julgaram alguns que os elementos de vida podiam apparecer no seio d'uma materia amorpha, fluida ou semi-fluida, a

1) *Leçons sur la Physiologie...*

que chamaram *blastema*, com o poder, graças á sua composição chimica, de dar nascimento a novas cellulas. Mas os trabalhos de Remak e de Virchow mostraram que tal hypothese não tinha fundamento serio ». ¹⁾

Aos trabalhos conscienciosos dos sabios citados poderiamos acrescentar os de Tyndall, Paulo Bert, Berthelot, Flourens, Quatrefages, Chanfard, Gratiolet, Béchamp, Cochin, Huxley, Muller e outros. Alguns d'estes são insuspeitos.

Da observação constante dos factos podemos induzir a lei de que a materia bruta não pode transmutar-se em materia viva; e esta lei é plenamente confirmada perante os principios da razão. A materia viva é especificamente diversa da materia inorganica e mais nobre do que esta. É por isso informada por um principio mais alto e radicalmente distincto, na energia, força e propriedades, da materia puramente inorganica. E como a causa adequada d'um effeito não pode ser menor em energia nem menos excellente do que o mesmo effeito, é evidente que a materia bruta, menos excellente que a materia viva, não pode por si produzir esta. Nem se nos diga que alguns escolasticos admittiram as gerações espontaneas, como Hæckel e os transformistas da sua escola. É certo que alguns escolasticos julgavam erradamente que na materia em putrefacção havia uma certa actividade para produzir, mediante o concurso de Deus, certos organismos d'ordem inferior. Admittiam por tanto a acção omnipotente de Deus na producção da vida. Hæckel e os transformistas atheus negam obstinadamente esta intervenção, não só d'um modo explicito, mas ainda quando affirmam que as forças inherentes á materia bruta produzem só de si a materia viva. A primeira hypothese é apenas, em parte, falsa; a segunda absurda á luz da razão, falsa á luz da observação experimental e sobre tudo impia.

A origem, pois, dos seres inorganicos, distincta da dos organicos, extrema radicalmente estes d'aquelles.

(Continúa.)

DR. SILVA RAMOS.

¹⁾ Sicard, *La évolution sexuelle*.

BIBLIOGRAPHIA

A Moderna questão do hypnotismo, por Manuel Anaquim, bacharel formado em theologia. ¹⁾ — Com o maior prazer annunciamos aos nossos leitores a publicação d'este livro, de muita actualidade e grande interesse scientifico. O sr dr. Manuel Anaquim, cujo talento ha muito se evidenciou, expõe á luz da sciencia a historia do hypnotismo, os seus processos, condições, phenomenos e perigos; estuda-o nas suas causas efficientes e nos effeitos que produz no paciente. Exposta a questão no terreno hypnotico, o auctor passa a occupar-se d'ella sob o ponto de vista hypnotico-prophetic; analysa o conceito, mecanismo e historia do prophetismo biblico, e conclue refutando proficientemente a pretendida identidade entre as predições hypnoticas e as prophcias biblicas.

Muito desejariamos, se o espaço de que dispomos nol-o permittsse, dar uma noticia desenvolvida do livro do sr. dr. Anaquim, que pode gloriar-se de ter feito um trabalho de valor sobre um assumpto quasi inteiramente novo na litteratura portugueza.

Entretanto bastam para chamar a attenção do publico as poucas palavras que ahi ficam, acompanhadas da nossa mais sincera recommendação e das nossas felicitações ao sr. dr. Anaquim.

Matinaes, por Alvaro de Albuquerque. ²⁾ — Este volume de poesias é ao mesmo tempo uma estreia e um valioso titulo de reputação. O auctor desligou-se completamente de todos os preconceitos de escola, e deu largas á sua inspiração e á sua originalidade, porque Alvaro de Albuquerque, um rapaz na flor da vida, tem uma e outra cousa. Os seus versos respiram

¹⁾ F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. in-8.º de 156 pag., 500 reis.

²⁾ F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. in-8.º de XII-104 pag., 500 reis.

uma suavidade tão encantadora, deixam-nos na alma uma impressão tão deliciosa, que nos attrahem irresistivelmente á leitura.

É assim que se comprehende a poesia, porque é assim que ella é, e não, como por ahí a querem fazer, uma linguagem sibyllina em linhas de pequeno tamanho.

Alvaro de Albuquerque ainda ha de ouvir, na nossa aldeia de Villar Secco, os seus versos convertidos em canções populares, e então receberá a prova plena de que o seu livro tem muito valor, porque, na opinião do nosso maior poeta lyrico, João de Deus, esse facto constitue a pedra de toque por onde ha de aferir-se o valor dos versos.

A Alvaro de Albuquerque enviamos um apertado abraço de felicitações pela sua brilhante estreia e pela magnifica recepção que encontrou no publico.

Missões dos Jesuitas no Oriente nos seculos XVI e XVII — Trabalho destinado á X sessão do congresso internacional dos orientalistas, por Jeronymo P. A. da Camara Manoel, S. S. G. L. 1) — N'este livro não se tracta, como diz o auctor no prefacio, de fazer a historia documental das missões jesuiticas no Oriente durante o periodo do seu desenvolvimento e apogeu; « é unicamente uma simples compilação annotada de nove cartas de S. Francisco Xavier, e mais alguns documentos, que pelo seu valor historico e geographico, e por serem desconhecidos entre nós, e por nos parecer de utilidade os publicâmos. »

Em todo o caso é o livro do sr. Camara Manoel de um grande interesse historico, e digno de ser lido por todos os poucos que ainda se entreteem a estudar as paginas gloriosas da historia nacional. O volume traz o fac-simile de uma carta original, e outro do retrato de S. Francisco Xavier, conforme se encontra na obra de Godinho de Eredia — *Malaca. L'Inde Orientale et le Cathay* (Bruxelles, 1881).

Alienados criminosos, cadeias, serviços medico-legaes e toxicologicos, pessoal judiciario dos tribunaes criminaes, por Antonio Ferreira Augusto, juiz de Direito servindo a commissão d'Ajudante do Procurador Regio junto da Relação do Porto, etc. 2) — O conhecido talento do sr. dr. Ferreira Augusto e a sua grande reputação como distinctissimo jurisconsulto que é, dispensam-nos dos largos elogios que merece o seu novo trabalho.

O illustre magistrado faz importantes considerações sobre o estado da nossa justiça criminal e sobre as reformas que se tornam indispensaveis n'esse ramo de serviço publico. São interessantissimas as observações

1) Lisboa, Imprensa Nacional, 1894. 1 vol. in-8.º XIV-162 paginas, 1\$000 reis.

2) Porto, Imprensa Commercial, 1894. 1. vol. in-8.º de XV-195 pag., 400 reis.

que faz acérca da deploravel organisação dos serviços medico-legaes em Portugal, e acérca do augmento de crimes nos ultimos tempos. Todo o livro, emfim, é de muito valor, como era de esperar da reconhecida competencia do seu illustre auctor.

Anno Christão, pelo padre João Croiset. — Como se achasse esgotada parte d'esta obra, já bem conhecida do publico, o seu editor sr. Antonio Dourado (Porto, Rua dos Martyres da Liberdade) fez a reimpressão e abriu nova assignatura para que todos mais facilmente podessem adquiril-a. A obra do padre Croiset, tão util a todos, é quasi indispensavel para o clero, especialmente para os que se dedicam ao ministerio do pulpito. N'isto se resume a sua apreciação. Consta de quatro grandes volumes in-4.º illustrados com numerosas gravuras, e pode adquirir-se de uma só vez, aos volumes ou por fasciculos, á vontade do comprador.

Nova Grammatica Portuguêza, por Bento José de Oliveira, emendada e acrescentada por Antonio Augusto Cortezão, bacharel formado em Medicina pela Universidade de Coimbra. ¹⁾ — O maior elogio d'este livro, destinado ás escolas primarias e secundarias, consiste em dizer-se que ainda nenhum compendio da sua natureza logrou fazer vinte e tres edições, tal é o acolhimento que tem obtido em todas as escolas do paiz. O sr. dr. Cortezão tem demais a mais o cuidado de introduzir na *Grammatica* todas as modificações necessarias e exigidas pelo ensino, com uma competencia que nada deixa a desejar. A concisão e rigor das definições, a simplicidade e clareza nas divisões da materia, a remodelação de diversas doutrinas, de forma a tornar o ensino mais facil e proveitoso, taes são as qualidades que, como nenhum outro, possui o livro de que nos occupamos.

Codigo do processo commercial, de 24 de janeiro de 1895. ²⁾ — De todas as edições, que temos visto, do Codigo do processo commercial, é esta a mais proveitosa, por trazer em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do codigo, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na forma, pelo governo. É tambem acompanhada de um indice alphabetico.



¹⁾ Vigésima terceira edição. F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. de 156 pag. in-8.º, 500 reis.

²⁾ F. França Amado, editor, Coimbra, 1895. 1 vol. in-8.º de 104 pag., 200 reis.

JOÃO DE DEUS

As nossas primeiras palavras são hoje para o sublime poeta a quem a mocidade das escolas acaba de prestar a homenagem mais imponente, mais entusiastica e espontanea que se tem feito em Portugal. A *Revista Contemporanea* saúda o grande lyrico portuguez, unindo-se ao entusiasmo com que sete ou oito mil estudantes portuguezes desfilaram perante João de Deus e o acclamaram nas ruas da capital.

Ninguem mais que os estudantes tinha direito a celebrar essa festa verdadeiramente nacional; porque se todos os portuguezes consideram João de Deus um benemerito das letras patrias, um poeta insigne que honra a lingua de Camões e Bernardim Ribeiro, a mocidade academica singularmente admira n'elle tambem o grande apostolo da instrucção popular, e agradece-lhe reconhecida a grande obra da *Cartilha Maternal*. E os estudantes portuguezes podem orgulhar-se de ter dado ao paiz um grande exemplo de civismo, celebrando em honra de um homem, que é a gloria da sua patria, uma das apotheoses mais brilhantes que Portugal tem visto.

A Academia de Coimbra, que soube glorificar o cantor das nossas glorias n'uma apothêose tão nobre e levantada, igualmente se assignalou n'este preito ao poeta illustre e grande educador nacional, indo em peregrinação a Lisboa honrar e saudar João de Deus. É que o poeta do *Campo de Flores* pertenceu tambem á familia academica de Coimbra;

revelou aqui o seu genio poetico, legou o seu nome ás gerações que se succederam n'uma tradição sempre viva, e tanta saudade conserva d'essa quadra da sua juventude, que, envolvido n'uma capa e com as lagrimas nos olhos, pediu que lhe tocassem o hymno academico.

* * *

A encantadora simplicidade dos versos de João de Deus, o seu character espontaneo e apaixonado, traduzindo em formas singelas e irreprehensíveis os sentimentos da sua bella alma, — eis as qualidades que fizeram do poeta um vulto litterario de primeira grandeza. Ninguem, como João de Deus, substanciou na sua obra o genio nacional, ninguem como elle traduziu as paixões de um coração que sente nem imprimiu á poesia aquelle suavissimo perfume que parece transportar-nos a um mundo melhor.

A frescura, a ingenuidade e a vehemencia do lyrismo de João de Deus recordam-nos as eclogas de Bernardim Ribeiro, o poeta apaixonado e terno, como a força da sua inspiração e a naturalidade das suas formas poeticas nos fazem lembrar o melhor ouro de Camões. As joias mais preciosas da litteratura portugueza encontram parallelas no grande poeta do *Campo de Flores*, que á delicada sensibilidade de Christovam Falcão reune a graça e o primor com que Sá de Miranda imprimia aos seus quadros um cunho de realidade seductora.

Que pode haver mais natural e singelo, mais gracioso e encantador, que a poesia *Beijo na face*, tão conhecida de toda a gente?

Beijo na face

Pede-se e dá-se :

Dá ?

Que custa um beijo ?

Não tenha pejo :

Vá !

.....

Guardo segredo,
 Não tenha medo...
 Vê?
 Dé-me um beijinho,
 Dé de mansinho,
 Dé!

.....

É tal a candura d'estas estrophes, revesté-as uma naturalidade tão frisante, que chega a gente a scismar porque é que não fazem todos versos assim. A esquesita sensibilidade do poeta revela-se em todas as suas producções, e só quem possui um coração e uma alma como João de Deus pode tambem vibrar na lyra notas tão suaves. Foi por isso que do nosso poeta disse o illustre escriptor italiano Marcos Canini: affectuoso, terno, original, João de Deus deve considerar-se como o primeiro poeta do amor, entre os vivos, não só de Portugal mas de toda a Europa.

A facilidade do verso, de forma a libertal-o do constringimento que a subordinação ao metro impõe a todos os mediocres, é inexcedivel, e tal que o poeta descreve todas as situações com a mesma perfeição e egual simplicidade. Admire-se o dialogo da poesia *Muito pedir*.

— Dá-me esse jasmim de cera,
 Minha flor?

« Mas e depois se lh'o dera,
 Meu senhor?

— Depois, era uma lembrança.
 « Mas de qué?

— De uma tão linda creança,
 Já se vê.

« Oh tão linda! Mas parece,
 Sendo assim,
 Que inda quando lhe não désse
 Tal jasmim...

.....

Que elegancia e que correcção! De que mimo e doçura estão repassados estes versos tão singelos e tão espontaneos! Parece que elles brotam dos labios do poeta como de um thesouro prompto e inexaurivel.

A poesia *Tristeza*, aliás tão original e encantadora, faz-nos lembrar a *Lua de Londres*, do nosso saudoso amigo e tambem illustre poeta João de Lemos:

Esse olhar silencioso
 Em que lingua se traduz?
 Fala-me, oh astro saudoso,
 Luz do céo, pallida luz!
 Que aereas visões me accordas,
 Que imagem, lua, recordas
 N'essa prateada côr?
 Que ha em ti que a dor mitiga,
 Que ha em ti, lampada amiga,
 De meigo e consolador?

Quando João de Deus passava descuidadamente a sua vida de estudante da Universidade, apaixonou-se um dia por uma das mais formosas meninas de Coimbra, a sr.^a D. Rachel Candida Nazareth. Mas a desventurada senhora, minada por uma tuberculose implacavel, em breve desceu ao tumulo, aonde alguns dias depois a seguiu sua inconsolavel mãe. O fatal desenlace foi um golpe vibrado muito fundo no coração do poeta. Compoz então algumas elegias que immortalisaram o nome da gentilissima senhora e bastariam tambem para immortalisar o auctor. Uma d'essas elegias, *A Vida*, começa assim:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
 A luz que n'esta vida me guiava,
 Olhos fitos na qual até contava
 Ir os degrãos do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
 Já se me a luz de tudo anuveava;
 Despontava ella apenas, despontava
 Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
 Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
 Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
 Nem saiba eu nunca a minha desventura
 Contar aos que inda em vida não choraram...

Esta melancholia tão apaixonada commove-nos até ao fundo da alma. A estrutura do verso, a solemnidade da phrase e a magestade do pensamento recordam os melhores sonetos de Camões.

Outra elegia sobre o mesmo assumpto, intitulada *Rachel* e dedicada á sr.^a D. Candida Nazareth, irmã da infeliz menina fallecida, começa:

Despe o lucto da tua soledade
 E vem junto de mim, lyrio esquecido
 Do orvalho do céo!
 Tens nos meus olhos pranto de piedade,
 E se és, mulher! irmã dos que hão soffrido,
 Mulher! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
 Quem de lagrimas suas nunca enxuto
 Possa as de outro enxugar:
 Não pode allivios dar quem vive triste,
 Mas é-me doce a mim chorar se escuto
 Alguem tambem chorar.

.....

Não ha palavras em que possa traduzir-se a impressão que nos deixam na alma estas sentidissimas estrophes. O poeta, mergulhado na sua dôr, leva-nos a chorar com elle a perda do seu coração.

* * *

João de Deus tem cultivado, e sempre com equal primor, todas as formas do genero lyrico. Não cabe aqui a aprecia-

ção de toda a sua obra, nem esse intuito presidiu á elaboração d'este despretençioso artigo, apenas destinado a prestar uma singela homenagem ao grande poeta, pondo mais uma vez á vista dos nossos leitores alguns trechos das suas composições. Todavia não deixaremos de accentuar ainda o caracter profundamente religioso de um grande numero das suas poesias. Não resistimos á tentação de reproduzir na integra aquella que se intitula *Christo* :

« Minha mãe, quem é aquelle
Pregado n'aquella cruz ?
— Aquelle, filho, é Jesus . . .
É a santa imagem d'elle !

« E quem é Jesus ? — É Deus !
« E quem é Deus ? — Quem nos cria,
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os céos ;

E veio ensinar á gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmãmente :

Todo amor, todo bondade !
« E morreu ? — Para mostrar
Que a gente pela Verdade
Se deve deixar matar.

Estes versos encerram a profissão de fé do poeta sob a forma ao mesmo tempo mais singela e mais sublime que se lhe poderia dar. Até sob o ponto de vista religioso João de Deus se identificou inteiramente com os sentimentos do nosso povo, traduzindo em verso a fé religiosa que lhe inunda a alma.

O sublime ideal do christianismo é constantemente aproveitado pelo poeta como fecundo manancial de inspiração. Os seus hymnos religiosos, repassados de suavidade evangelica, transportam-nos o coração e arrebatam-nos o espirito n'um extasis delicioso. Não é um sentimento de fervor pasageiro que n'elles se descobre, é um balsamo de fé que se

aspira, um voar constante das amarguras da vida para a serenidade da contemplação divina.

Sob a epigrapha — *Maria* — escreve o poeta :

Quantas maguas, quantas dores
Tendes vós alliviado,
Oh mãe do Crucificado,
Refugio dos peccadores !
Quem ouve os nossos clamores,
Quem accode a nossos gritos,
Senão vós, olhos bemditos,
Senhora da piedade !
Vós chamada com verdade,
Consolação dos afflictos !

Das *Loas á Senhora do Cabo* transcrevemos ainda estes versos, tão repassados de unção religiosa :

Virgem mãe do mesmo Deus !
Virgem filha do teu Filho !
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos !

De olhar fito n'esse olhar,
De olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar !

Vem a onda, sobrevem
Nova onda, e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem mãe !

.....

Sublime poeta do amor e de todos os sentimentos generosos : possa o teu estro grandioso enriquecer por largos annos a litteratura da tua patria, com joias de tão subido quilate como aquellas que te conquistaram a sympathia, a admiração e o reconhecimento de todos os portuguezes.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

QUESTÕES SCIENTIFICAS

I

As execuções capitaes por meio da electricidade — Diferença entre o effeito physiologico das correntes continuas e das correntes alternadas — A morte apparente dos executados — Um executado redi-vivo e as suas recrdações.

A applicação da electricidade ás execuções capitaes, tentada nos Estados Unidos da America, fez conhecer uma differença bastante notavel entre as correntes electricas, pelo que respeita ao effeito que produzem no organismo, quando succeda que tenham de o atravessar. Sabe-se que, segundo o processo empregado em estabelecê-las, essas correntes podem ser continuas ou intermittentes. Estas ultimas prestam-se melhor á illuminação e á distribuição da força por via da electricidade; e sendo muito usadas em New-York ambas essas applicações, segue-se que dos conductores podem derivar-se correntes poderosissimas, e que portanto se julgaram muito adequadas a produzirem a morte instantanea ao criminoso a quem fossem applicadas. Escusado é dizer que a instantaneidade do supplicio, quando se conseguisse, era largamente compensada pela agonia dos preparativos, demorados e em parte revoltantes. Na decapitação por meio da guilhotina, o furor com que os ajudantes do carrasco agarram e fazem cair o reu sobre o alçapão, necessariamente confunde o infeliz e

lhe distrae o espirito ao menos por um curto momento; e, antes que possa refazer-se d'essa confusão, cae o terrivel cutello e separa-lhe a cabeça do tronco. A morte á bala tambem não se apresenta mais horrorosa á phantasia do condemnado ao fusilamento. Pelo contrario, na *electro-execução*, palavra tão barbara e monstruosa como a idéa que significa, os preparativos fazem-se com toda a tranquillidade e com as minuciosas attentões de uma experiencia de gabinete; e, o que é peor para o paciente, não se deixa de tentar novas disposições para evitar, se for possivel, os inconvenientes da prova antecedente. Não sabemos se se renunciou ao emprego do capacete metallico e outros particulares de não menos pena por indecorosos. O caso é que fazem assentar o paciente n'uma cadeira de braços, pouco mais ou menos como costumam fazer os dentistas; e, na ultima execução, um dos conductores era passado para as mãos do paciente, emquanto o outro lhe era applicado ao peito. No acto, porém, como agora se conhece melhor pelas repetidas informações dos jornaes, sempre ou quasi sempre se presenceou o spectaculo de horriveis convulsões e tremores, e, finalmente, a incerteza de que se seguiria ou não a morte antes de se fazer a autopsia, por onde era licito duvidar se esta, mais que a electricidade, teria produzido a morte do condemnado.

Esta duvida, já fundada em diversas observações de Arsonval, encontrou um novo e poderoso reforço na ressurreição de um justicado, obtida recentemente com o methodo prescripto por aquelle physiologo. Sustentava elle ha muito tempo que havia uma grande differença nos casos de fulminação, conforme fosse continua ou intermittente a corrente que a produzia, verificando-se pelo exame de alguns factos que o organismo resiste muito melhor á segunda que á primeira: as correntes intermittentes, segundo parece, actuam sobre as cellulas a modo de choque, que de certo as magôa, mas dá-lhes tempo de reagirem e manterem a continuidade; as correntes continuas, pelo contrario, esmagam e desagregam os tecidos, sendo a sua energia, que pode ser menor, supprida pela continuidade da acção: de forma que por estas

se produzirá a morte, ao passo que das primeiras não resultará mais que uma syncope. A proposito cita-se um operario da estação de Saint-Denis, que recebeu uma descarga de 4:600 *volts*; e, privado dos sentidos por uma hora, recuperou-os pelo processo da respiração artificial. Egualmente outro electricista, fulminado em Pittsfield por uma descarga de 4:500 *volts*, ao cabo de uma hora de morte apparente, recuperou os sentidos. É provavel que dois lampeanistas que ha tres annos cahiram em Roma, fulminados pela corrente do conductor da illuminação, morressem da queda que deram de cima da escada, e não só por effeito da descarga. Pelo contrario, um operario foi morto por uma corrente só de 800 *volts*, mas que era continua.

Apoiando-se n'estas e n'outras observações, Arsonval sustentava que a morte dos justicados pelo processo americano era apenas apparente. Em Nova York, pelo contrario, o doutor Edwin Houston dava-a como real; mas para resolver definitivamente a questão resolveu-se a recorrer ás provas da experiencia, logo que lhe apparecesse occasião; e esta não tardou, com a condemnação e execução do criminoso Cutler. O reu foi fulminado como os seus predecessores, e «cahiu como cae um corpo morto». Decorridos alguns minutos depois do supplicio, fez-se-lhe uma incisão na trachêa para auxiliar a respiração artificial, e d'ahi a poucos instantes voltou a si e vive ainda hoje, porque a justiça tinha exaurido com elle todas as armas legais, e não podia começar de novo.

Este facto produziu, como era de esperar, grande impressão não só na America mas em todo o mundo civilizado por onde se divulgou. Portanto é de esperar que se abandone, no proprio logar onde appareceu, este repugnante e barbaro invento das execuções electricas, digno de apparelhar com a selvageria dos fornos crematorios: ao que ajudará a difficuldade de obter correntes continuas de tão grande força como seria necessario.

Cutler, que escapou felizmente a uma operação tão rara, teve depois que satisfazer a curiosidade de quantos quizeram informar-se do que com elle se passára n'aquelle acto. Se-

gundo dizia, no momento em que se fechou o circuito, pareceu-lhe ver scintillar chammas, que pensou serem trinta e seis, o que provavelmente significa que n'aquelle momento se lhe fixou esse numero na imaginação. Depois pensou ver lampadas que repetidas vezes se accendiam. Experimentou depois uma sensação como se alguém lhe agarrasse o braço para o deitar por terra, pelo que se recorda de lhe terem posto na mão um dos conductores. Viu agitarem-se algumas luzes, ao que se seguiu uma escuridão profunda e a perda dos sentidos. Entretanto os assistentes tinham-lhe ouvido dois gemidos, dos quaes depois não se recordava. Apertava na mão o conductor com tanta força, que só a custo poderam tirar-lh'õ. A morte apparente só durou dez minutos, durante os quaes cessaram as palpitações do coração, que apenas se tornou sensível um quarto de hora depois que começou a respiração artificial.

Pelo que respeita á perda da consciencia, Parville confronta este caso com o do operario de Saint-Denis, fulminado por uma corrente intermittente de 4:500 *volts* e por elle examinado. Qualquer cousa que se lhe perguntasse, respondia: Não me recordo de nada; e depois continuou a repetir durante algumas semanas: Não me recordo. Cutler lembrava-se de mais cousas, e a memoria voltou-lhe mais promptamente, como se viu. Mas que se deduz d'este confronto? Nada. A verdadeira utilidade da ressurreição do executado americano será que, d'ora avante, os fulminados por correntes electricas, que não são raros nas officinas, curar-se-hão mais universalmente á maneira dos asphixiados, por meio da respiração artificial, com esperança de se salvarem alguns que se teriam julgado mortos.



II

Novos para-raios — Incerteza ácerca da extensão da área protegida pelo pára-raios — A experiencia de Larroquet — Vantagem da multiplicação das pontas — Propriedade do novo systema.

Não vem fora de proposito, depois do assumpto a que nos temos referido, dizer alguma cousa sobre para-raios, materia em que a sciencia ainda não deu a ultima palavra. Ultimamente publicou o professor italiano Borghini um opusculo ¹⁾, em que novamente propõe e confirma, em substancia, as observações já anteriormente apresentadas ao Instituto Lombardo pelo professor Murani, e manifesta que, postas repetidas vezes em pratica, essas observações dão um bom effeito correspondente á theoria.

As principaes innovações introduzidas pelo methodo mais recente são: 1.º Abolição das hastes altas e raras, substituindo as por outras baixas e numerosas; 2.º Transformação da ponta simples n'um pennacho de fios aguçados; 3.º Ligação de todos os conductores existentes no edificio, para obter o livre escoamento do fluido electrico até á terra.

Em que condições e quanto valha o novo processo para dar verdadeira segurança, só o pode decidir uma experiencia repetida e multiplicada; porque n'estas materias não ha peor vicio que a pressa de concluir e formular leis, que, mudadas as condições, não correspondem depois ao facto e augmentam a confusão. Encontramos um exemplo nas medidas assignadas por varios physicos á area de protecção do pára-raios. Borghini, na obra citada, refere algumas. Segundo Gay Lussac, uma haste protege um perimetro circular duas vezes maior que a sua altura. Leroy affirma que a acção preservadora se effectúa em todos os sentidos n'um raio igual ao triplo da altura. Deforviel dá como garantido um cope que tem por vertice a ponta do pára-raios e de raio na base o dobro da

¹⁾ *Il Fulmine: proposte scientifico-pratiche sulla costruzione e posa dei Parafulmine.* Typografia Sociale. Arezzo.

altura. A Commissão official de Paris, Chapman, Meardi, Adams, Messens, todos os physicos, emfim, differem na determinação da área protegida, e o notavel physico italiano Canestrini observa: «Não se pode realmente dar uma regra geral ácerca da extensão da superficie protegida, porque isso depende de muitas circumstancias que não é facil apreciar. Não é raro o caso de cahir uma faisca entre dois pára-raios.» Em Ancona, em 1891, cahiu uma faisca n'uma chaminé apenas desviada quatro ou cinco metros de uma haste de 7^m,50 de altura; como este, podiamos citar outros factos. Enganam-se aquelles que, vendo erguer-se um pára-raios na parte mais elevada de um edificio, julgam seguras todas as partes inferiores. A torre *Asinelli*, em Bolonha, por varias vezes tem sido fulminada de flanco, apezar de no cimo ter uma haste implantada segundo todas as regras, de forma que precisa de ser guarnecida de outras hastes nos lados. Eguamente a experiencia tem demonstrado que não basta, nos navios, um pára-raios levantado no mastro maior. Ha poucos annos cahiu um raio n'um flanco da cupola da cathedral de Florença, e estragou a cornija n'um ponto inferior á torre, que, como a cupola, é protegida por pára-raios. Pela mesma razão se projecta na mesma cidade de Florença collocar pára-raios horizontaes para defeza da igreja de S. Lourenço.

Para derramar alguma luz n'estes factos estranhos, cita-se a experiencia de Larroquet. Este physico, tendo disposto no meio de uma camara de 30 metros quadrados uma ponta em communicação com uma machina electrica, observou que, quando o ambiente estava enxuto, a ponta descarregava continuamente a electricidade da machina posta em movimento; mas quando pelo contrario a atmospherica estava carregada de vapores aquosos, cessava o efluvio, embora continuasse a produzir-se a electricidade, o que demonstra, segundo Larroquet, ter-se n'estas condições estabelecido um equilibrio potencial entre a ponta e o vapor d'agua.

Durante um temporal, continúa elle, pode succeder o mesmo, de forma que, se pela humidade atmospherica os pára-raios chegam a pôr-se em equilibrio potencial com a area

circumjacente, succederá que o edificio, a cuja protecção é destinado o pára-raios, fica comprehendido n'uma zona de equilibrio, e o raio que entrar poderá indistinctamente dirigir-se á ponta, ou ao edificio subjacente. D'onde se conclue que o systema de pára-raios munidos de uma boa quantidade de pontas pouco elevadas e disseminadas por todo o edificio é preferivel ao outro, usado até hoje. De resto é sabido que muitos physicos antes e depois de Larroquet foram da mesma opinião, que em nossos dias prevalece na maior parte.

A razão parece favorecel-a. Colladon, por exemplo, deduz de muitas observações, que o fulgor na maior parte dos casos não consta de uma só scintilla, mas de muitas com varios centros de intensidade; d'onde se vê que os corpos terrestres não são feridos n'um ponto só, mas em diversos. Borghini cita, em confirmação d'isto, observações feitas em diversos pontos; e allega o testemunho do padre Bertelli, que observou um exemplo n'um collegio perto de Florença. Parece ainda que a multiplicação das vias de descarga, multiplicando as hastes, e fazendo outras mais baixas, e substituindo alem d'isso em cada uma a ponta simples por um penacho, deve augmentar consideravelmente a efficacia da protecção. Isto observou-se especialmente a respeito dos raios globulares, contra os quaes, segundo Planté, os velhos pára-raios se mostram completamente inefficazes.

Confirmou-se isto no santuario de Canoscio, que fôra ferido por aquella especie de meteoros, os quaes não se repetiram depois que se applicaram os pára-raios do novo systema. Conviria que podessem apresentar-se muitos d'estes exemplos evidentes, para que, assim como estamos convencidos da insufficiencia do antigo systema, tambem nos certificassemos experimentalmente da efficacia do novo. É porem certo que este, alem da probabilidade intrinseca, já tem por si a pratica de alguns annos e o favor sempre crescente dos theoreticos e dos interessados.

Para informarmos melhor os nossos leitores diremos que o aparelho segundo o novo systema se compõe: 1.º De uma haste (ou mais, segundo a grandeza do edificio) de metro e

meio de altura, collocada no ponto mais elevado, o qual tem na extremidade superior um feixe de pontas especiaes muito agudas. 2.º De feixes semelhantes estão tambem munidos todos os corpos mais elevados, como chaminés, claraboias, etc.; e assim tambem os cunhaes e angulos das gotteiras. 3.º Da dita haste ramificam-se varios fios metalicos que, postos em comunicação com todo o systema de pontas, correm ao longo do telhado e descem para a terra, onde acabam como outros tantos descarregadores. 4.º Estes descarregadores, de cobre e de ferro zincado, segundo a natureza do terreno, são formados por centenares de pontas e construidos com outros reparos que lhe asseguram os effeitos segundo as regras da arte. 5.º O apparelho do pára-raios é posto em contacto immediato com todas as massas metallicas, como canos de agua, tubos de gaz, etc., de modo que o edificio se encontra envolvido como que em uma rede protectora, em quanto que no seu interior tudo se presta a uma troca, não violenta, mas continua e facil, das electricidades.



A EGREJA E AS UNIVERSIDADES

Já demonstrámos com factos, que são os melhores argumentos para embotar sophismas e destruir calumnias, que á idéa christã devem as sciencias as suas conquistas, as letras o seu esplendor, as artes as suas obras primas, o passado toda a sua grandeza e o presente as suas mais lidimas glorias. Não admira por isso que fosse a Egreja, como fiel depositaria, interprete e propagadora d'aquella idéa, a creadora das Universidades, que em todos os tempos representaram um papel importante na historia litteraria das nações.

É um facto de immensa gloria para a Egreja que á sciencia ergueu e dedicou templos o genio christão, e, abrindo as portas d'esses templos ás gerações avidas de luz, formou um sem numero de sabios, que ainda vivem e falam nas suas obras, e preparou os maravilhosos progressos de que legitimamente se orgulham as gerações presentes. As escolas christãs de Alexandria, Edessa, Cesarea, Antiochia, Milão, Roma e Carthago foram como que o prototypo das escolas que mais tarde floresceram á sombra das cathedraes e dos claustros, como estas foram como que os primeiros lineamentos das Universidades.

Se a Egreja não tivesse tantas e tão brilhantes provas de que lhe pertence, por direito, a suprema direcção do pensamento humano na sua triplice tendencia para a verdade, o bem e o bello, bastava ter sido ella a creadora e organisadora das Universidades para merecer, ao menos, o respeito e o re-

conhecimento de todos. Appareceram as Universidades informadas pela idéa christã que presidia ao seu organismo, ás suas pompas e ceremonias exteriores, e tornaram-se desde logo tribunaes supremos das sciencias, centros da civilisação europêa, areopagos illustres onde a philosophia e a theologia, principalmente, scintillam fulgurantes nas licções e nos escriptos de pensadores como Pedro Lombardo, Alberto o Grande, Santo Thomaz de Aquino, S. Boaventura, Duns Scoto, Alexandre Hales e um sem numero de sabios que bem mereceram da Egreja, das letras e da civilisação.

Na sua origem antiquissima, as Universidades eram simples escolas cathedraes ou monachaes, onde principalmente se professavam as sciencias philosophicas, theologicas, juridicas e as artes liberaes. A cathedral e o claustro eram, n'aquelle tempo, os unicos centros de ensino não só para os que aspiravam ao sacerdocio, mas ainda para os leigos. Nos mosteiros beneditinos, abertos á instrucção de todos, o *escolastico* ensinava a Sagrada Escriptura; as mathematicas, a astronomia, a poesia e a rhetorica eram explicadas por monges doutissimos, que era um seminario d'elles a inclita ordem do grande patriarcha do Occidente. No seculo XII é que as Universidades começam a constituir-se e a organizar-se como corporações scientificas, com governo próprio, em certo modo independentes da cathedral e do mosteiro, e a dilatar a esphera do seu magisterio, graças ao immenso prestigio do Papado, ao espirito de associação largamente desenvolvido, á liberdade municipal, á sabedoria e prudencia com que a Egreja, que sempre se amolda ás circumstancia do tempo sem nunca alterar a pureza e integridade da fé, dirigia o movimento intellectual dos seculos medievaes.

Já então se reconhecia a justa e bem entendida autonomia universitaria, elemento indispensavel para o progresso e desenvolvimento das sciencias. Reclamamos esta autonomia, porque é justa, ainda para as Universidades catholicas e para as faculdades de theologia n'ellas existentes. Sobre este ponto perfilhamos as idéas do dr. Häusle, falando da origem das Universidades: « Devemos ainda notar, em proveito das fa-

culdades de theologia, a differença essencial que existe entre a theologia considerada como sciencia, e o ensino dogmatico da religião christã, e, por consequencia, entre a cadeira academica e a cadeira evangelica, visto como não raras vezes se confunde o principio scientifico da theologia com o principio da auctoridade do catechismo, transformando-se d'est'arte os cursos da faculdade de theologia em lições mais ou menos eruditas sobre as cinco principaes divisões do catechismo... É de necessidade hoje mais que nunca proclamar que o ensino do padre na Egreja e a sciencia catholica não são processos que se devam confundir; que a cadeira evangelica não é uma cadeira academica, que a Egreja e a escola marcham parallelamente como a graça divina e a liberdade humana; que a Egreja ensina directamente e dirige com auctoridade, ao passo que a escola sua filha, livre e fiel, deve esforçar-se por meio d'uma submissão filial, mas tambem por um trabalho independente e pelas suas proprias forças, em comprehender scientificamente e demonstrar *ad hominem* o que comprehendeu.»

Não queremos a liberdade absoluta da sciencia, note-se bem, mas uma liberdade bem entendida, e, como consequencia d'esta, a autonomia universitaria, com governo e vida propria, se bem que regulada e dirigida pela acção harmonica dos poderes que legitimamente superintendem sobre os estabelecimentos d'instrucção publica. Na idade media reconheceu-se esta grande verdade, a escola sahiu da cathedral e do claustro, expandiu-se e desenvolveu-se, e chegou a constituir-se um organismo vigoroso, livre, independente, a elevar o nivel intellectual do ensino, abarcar a universalidade dos conhecimentos humanos, graças ao governo que a Egreja e o concurso de principes tão piedosos como amantes de sciencia, souberam imprimir nos institutos universitarios.

No meado do seculo XII começou o ensino superior da medicina ¹⁾, e ainda que pertencem ao clero os primeiros professores da sciencia de Hippocrates e de Galeno, e a mesma

¹⁾ Foi n'esta epocha que se desligou a medicina da cirurgia.

escola de medicina de Paris foi primitivamente installada no convento beneditino de S. Victor, é certo que, sob as abobadas das cathedraes goticas e nas soledades do claustro, estavam muito bem as disciplinas necessarias para a educação scientifica do clero, mas certamente em meio inadequado as sciencias medicas e chirurgicas. D'aqui a necessidade da organisação dos institutos especialmente dedicados ao ensino superior das sciencias não necessarias para a educação intellectual dos aspirantes ao sacerdocio.

A Universidade de Salerno era uma escola principalmente medica, a de Bolonha professava apenas o direito romano, Paris, embora mais tarde desenvolvesse a esphera do seu magisterio, porque assim o reclamavam as necessidades da civilisação, na sua origem ensinava exclusivamente a philosophia e a theologia.

Deixando, porém, a inquirição historica da origem e desenvolvimento progressivo das Universidades e da sua constituição definitiva como corporações scientificas, autonomas, de character universal pela universalidade das disciplinas que professavam, é certo que a organisação scientifica das Universidades da idade media era perfeita por ser perfeitamente adaptada ao movimento intellectual d'aquelles tempos. Vimos com effeito na idade media as faculdades de theologia, de jurisprudencia, de medicina e artes. N'esta organisação, adoptada por todas as Universidades da Europa e ainda hoje conservada em algumas da Allemanha, estava perfeitamente compendiado todo o saber dos tempos medievaes.

A theologia representava a sciencia divina em intima harmonia com a sciencia humana; a jurisprudencia era o direito romano purificado pelo direito canonico; a faculdade de medicina estava, no seculo XIII, tão sabiamente organisação que serviu de modelo para a organisação da celebre escola de Montpellier, e mereceu o elogio do grande naturalista Cuvier; a faculdade de artes comprehendia aos demais sciencias conhecidas e as humanidades. Tão disvelada era a protecção que a Igreja prestava às Universidades desde o seu começo, tão relevantes eram os serviços que estes admiraveis institu-

tos creados pelo genio inspirador do christianismo prestou á mesma Igreja e á civilisação que o Concilio geral de Constança poudo condemnar com justiça esta proposição de Wiclef: «*Universitates, studia, collegia, graduationes et magisteria in iisdem sunt vana gentilitate introducta, et tantum prosunt Ecclesiae sicut diabolus.*»

O golpe mais profundo e mais certo que se pode descarregar sobre o christianismo é certamente a supressão das escolas superiores de ensino religioso; o beneficio mais levantado que se lhe pode prestar é a restauração e o esplendor das sciencias e das letras. E antes de adduzirmos alguns factos historicos em abono d'esta verdade reproduzam as opportunissimas palavras de Leão XIII na sua allocução ao Sacro Collegio, de 3 de março de 1886. Depois de reccordar que os Pontifices romanos foram sempre os mais dedicados amigos e protectores das sciencias, letras e artes diz o Santo Padre: «Os asylos mais vastos do saber humano, referimo-nos ás Universidades, foram fundadas por Pontifices romanos ou por elles amplamente favorecidos, como o provam as recentes conclusões d'uma critica severa apoiadas em documentos incontestaveis. Por esta razão, possuido d'esta lembrança, convencido de que o desenvolvimento das sciencias e das boas doutrinas não pode deixar de ser util e glorioso para a Igreja e o Papado, consideramos como um dever nosso dar ao estudo protecção e amparo.

«E mais nos confirmou n'este proposito a verdade de que a Igreja e até o character da nossa epocha exigem, no clero especialmente, uma doutrina sã, vasta e segura para se oppor aos multiplices assaltos dirigidos pelas armas d'uma falsa sciencia não sómente contra a verdade da fé, mas tambem contra os principios da ordem social e moral.»

O apostata Juliano não duvidou affirmar que, fechar as escolas christãs, o mesmo era que apagar as crenças religiosas e privar a Igreja d'um auxiliar poderoso para a propagação e defeza do Evangelho. Lutherio, o mesmo que ahi nos apregoam como emancipador do espirito humano, chamou *Synagoga de Satanax* ás academias christãs. É que nas

academias onde floresciam as sciencias e nomeadamente a theologia, encontrou o pseudo-reformador invenciveis fortalezas da verdade catholica e denodados defensores das crenças religiosas. O cardinal Hosis attesta que se as provincias allemães contiguas ao Rheno ficaram immunes da heresia lutherana devem-no principalmente á Universidade de Colonia, que soube conservar puro e intacto o ensino tradicional da Igreja. O mesmo se pode dizer de Portugal e Hespanha. As Universidades de Coimbra e Salamanca então famosissimas, ao esplendor dos estudos theologicos n'estes dois grandes centros de instrucção que n'aquelle tempo gozavam de renome universal, se deve, em grande parte, o não ter sido invadido pela heresia lutherana a peninsula iberica.

Carlos Magno que, em 799, recebeu a corôa imperial das mãos do Papa Leão III, para formar em bases solidas o seu vasto imperio que se estendia desde o Eyder até á baixa Italia, desde o Theiss até ao Ebro, para restaurar as crenças religiosas nas quaes tinham feito enormes estragos os barbaros, para dar mais uma prova da verdade com que se appellidava: *devotus sanctae Ecclesiae defensor, atque adjutor in omnibus apostolicae sedis*, começou por instaurar as sciencias e as lettras creando academias e escolas onde fossem professadas. Foi um amigo dedicado dos sabios, a elles confiou a restauração dos estudos no Occidente, porque d'esta restauração esperava a gloria e o esplendor da fé catholica e a prosperidade do seu imperio.

Na França havia de florescer, diziam os sabios ao grande imperador, uma nova Athenas que se elevaria sobre a antiga tanto quanto a sabedoria de Christo se elevou sobre a de Platão. Carlos Magno entendeu, e muito bem, que a restauração religiosa dependia em grande parte da scientifica, e para lograr aquella começou por esta.

O mesmo pensamento inspirou á Igreja a protecção decidida que sempre e em todos os tempos dispensou ás Universidades. Dos legitimos progressos da sciencia o christianismo só tem a esperar novas e brilhantes provas da sua origem divina.

DR. SILVA RAMOS.

Congresso Nacional de Tuberculose em Coimbra

No dia 24 de março inaugurou-se em Coimbra, na vasta e majestosa sala dos actos grandes da Universidade, o primeiro congresso nacional de medicina, especialmente consagrado ao estudo da tuberculose na actualidade. A idéa d'este congresso, verdadeira obra humanitaria quando a tuberculose faz numerosissimas victimas, apresentou-a o quintannista da faculdade de Medicina sr. Leite de Faria, quando ha tempo se lançou na Guarda a primeira pedra de um monumento em honra do dr. Cruz Sobral, um benemerito que se assignalou pelos serviços medicos prestados nas circumstancias mais graves.

Escolhida para inauguração do congresso a data do anniversario do dia em que o Doutor Koch revelou ao mundo scientifico a descoberta do *bacillus* da tuberculose, o sr. Leite de Faria encontrou nos seus collegas estudantes, em alguns professores da faculdade de Medicina e muito particularmente no illustre cathedratico sr. Dr. Augusto Rocha, a mais decidida boa vontade e o apoio mais incondicional. O sr. Dr. Augusto Rocha foi verdadeiramente a alma do congresso, e pode orgulhar-se de ter prestado um bom serviço ao paiz e á humanidade, promovendo a realisação de um certamen que, apesar de todas as contrariedades, está destinado a produzir importantes resultados.

Posto isto, passemos a fallar das sessões do congresso.

Como dissemos, o congresso nacional de tuberculose inaugurou-se no dia 24 de março, á nma hora da tarde, na sala dos actos grandes da Universidade. Depois que a banda de infantaria 23 executou o hymno academico na Via Latina, ao mesmo tempo que na Alameda de Camões subia ao ar uma grande girandola de foguetes, o sr. Dr. Augusto Rocha começou a pronunciar um magnifico discurso inaugural.

Ha muito que não ouvimos um discurso em que tão alliados se encontrassem os primores da eloquencia com a erudição scientifica. S, ex.^a, cheio do enthusiasmo que dá a comprehensão dos seus deveres profissionaes, conseguiu arrebatár o numeroso auditorio, composto das maiores celebri- dades medicas do paiz. Depois de expor os fins do congresso, disse o distincto professor:

«... Os algarismos, no seu brutal significado, dir-vos-ão muito mais do que as minhas pallidas expressões. Calcula-se em cerca de vinte mil a cifra annual dos obitos pela tubercu- lose em o nosso paiz. Imaginae que esta cifra é cinco vezes superior á da emigração para o Brazil, e tereis formado idêa segura do formidavel poder, que, minando nas trevas, dizima a população das grandes cidades como das mais reconditas e mesquinhas aldeias!

«Os algarismos obituarios calculados para Portugal adqui- rem um valor mais impressivo, se é possivel, confrontando-os com a cifra correspondentente na Europa toda. Mais de dois milhões de individuos são sacrificados annualmente ao morbo devastador e crudelissimo. Deante d'elle esmorecem as de- vastações das outras pandemias, que aterrorisam as gentes.

«Se não, vêde.

«Considerae a cholera gangetica, ou a febre das Antilhas, irrompendo n'um povoado indemne. A epidemia começa a manifestar-se por alguns casos isolados, benignos; ou ataca repentinamente, como um açoute. Em breves dias attinge o fastigio da furia. O morticinio enche de pavor os vizinhos do sitio, pois a todo o passo se lhes depara o cadaver de um parente, de um amigo, de um collega, de uma pessoa emfim, que, ainda ha pouco, era partcipe de suas esperanças, de

suas tristezas ou de suas alegrias. Depois os ataques começam a diminuir, os obitos a rarear; ao cabo de pouco tempo tudo entra de novo na rotina da vida quotidiana. Ficaram, é certo, vestígios de lagrimas, sulcados fundo nas faces dos opprimidos que lograram escapar; mas em summa a fatalidade do cyclo vital e social impõe os seus direitos imprescriptiveis. Renasce o socego; restabelece-se a tranquillidade e a confiança; os negocios retomam a sua marcha entrecortada por um doloroso periodo de amarguras e de lucto.

«Nada d'isto, porém, se póde esperar da tuberculose. A ameaça que ella contém, impende sobre todas as cabeças. Lembra aquella synthese da guerra, que gravou a golpes de buril o maior orador portuguez: — nada está seguro; ninguém está seguro!

«Nenhum dos sexos, nenhuma idade, as condições humildes, como as poderosas, tudo curva a cabeça, como condemnados á vista do patibulo. Os seus ataques são traiçoeiros e inesperados. A sua acção permanente e imperturbavel, por fórma que para uma mesma povoação a percentagem, além de superior, permanece sensivelmente igual durante muitos annos. Depois é molestia que abala uma familia inteira, que desarranja por mezes e annos o seu viver economico, que envolve no seu lugubre manto, sem complacencias, os circumstantes, que, por mais fugida e evitada, mais os illaquea e os cinge.

«Ella possui o dom da ubiquidade; ella penetra por todos os póros do nosso corpo em todos os contactos inevitaveis. A cholera, a febre typhoide, seguem-se muitas vezes n'um curso de agua, e cortado elle, a molestia extingue-se; ainda hontem o vimos aqui, n'esta mesma cidade. A tuberculose, essa, vai por igual nas bebidas e nos alimentos, no aperto de mão que nos dá um amigo; e quantas vezes o homem não morre, como o rei da ballada allemã, bebendo o subtil veneno no copo de finissimo ouro que lhe legou a amante estremecida!!

«Por muito tempo a origem, a causa da molestia, permaneceu intangivel. Debalde se cançavam os medicos, prescru-

tando a nos esconsos cadavericos sobre as gelidas mezas da autopsia; debalde se esforçaram por devassar o recondito arcano nas mutações da atmospheria, nas depressivas miserias da vida, nos tragicos lances da pobreza na sua ingloria e eterna pugna; ou ainda procurando reatar os élos das fatalidades hereditarias. A esphyngue permanecia na sua mudez inquebrantavel.

«Um dia, porém, fez-se lá para o norte uma grande luz, subita, viva, levando ao pensamento do investigador enorme allivio, e desprendendo suas tensas energias cerebraes n'um contentamento inexprimivel; e ao coração do philantropo o balsamo das esperanças cariciantes, que projectam nos perdidos e raros oasis da existencia do homem a miragem da felicidade.

«A sciencia ficára registrando mais uma descoberta, e os fastos da sua historia o nome de mais um benemerito.

«No dia 24 de março de 1882 um allemão, até esse momento quasi obscuro, communicou á Sociedade de Physiologia de Berlim, em sobria e simples linguagem, a descoberta de um ser, de minimas dimensões, que só podia revelar-se á custa de fortissimos augmentos opticos e de singulares artificios de córamento. Este organismo microscopico, de estrutura simplicissima, de apparencia insignificante e desprezível, era comtudo uma realidade palpitante, o implacavel portador da destruição e do aniquilamento das vidas e das fazendas.»

.....

«Eu sempre quero esboçar-vos, nos mais fugitivos e imperfeitos traços, o perfil do sabio descobridor da causa da tuberculose, — o frio doutor Roberto Koch. Quando elle trouxe ao mundo o presente da sua immortal descoberta contava apenas trinta e nove annos. É a idade, em que os nossos melhores estudantes de ordinario já têm pelejado nas luctas parlamentares e descoberto algum processo novo de viciar as eleições! Dezeseis annos antes terminára os seus estudos em Goettingen, onde usára galhardamente, de 1862 a 1866, o historico bonnet, agalado a côres, dos clubs academicos. Estes dezeseis annos passou-os successiva e modestamente,

como simples medico, no hospital geral de Hamburgo, em Langenhagen no Hanover, depois em Rackwitz, na provincia de Pozen, e por fim em Wolstein. Ao exercicio de deveres clinicos impreteriveis soube Koch roubar o tempo necessario para os seus estudos bacteriologicos ácerca da baceira, da infecção das feridas, coroando-os a final em 1882 com a descoberta capital do bacillo do tuberculo. Então era, desde 1880, simples membro ordinario do Instituto Imperial de Hygiene Publica de Berlim. Só em 1885, depois de haver descoberto tambem o microbio curvo da cholera, é que foi eleito professor de hygiene publica na Faculdade de Medicina d'aquella capital.

«Teve a descoberta precedentes notaveis e sabios predecessores que a prepararam: — Villemin, Cohn, e pairando sobre elles o genio de Pasteur!

«Ahi tendes uma historia muito simples: — uma vida dispendida na sciencia e pela sciencia. Creio que isto geralmente se considera entre nós pura utopia; mas é o viver commum dos professores n'essa prodigiosa Allemanha que, nos dominios da psychologia especulativa produziu Kant e Hegel; nos ambitos da psychologia physiologica, His, Fleessig e Meinert; na historia Momsen e Niebuhr; e nas regiões do devaneio e da phantasia poetica, o peregrino Goethe, o semi-deus de Weimar, cujo metro deriva majestoso e accidentado de lendas e pavores, como deriva entre as fragoas e alcantís, no recorte de suas florestas de abetos, o majestoso Reno, que consubstancia a patria allemã, do mesmo modo que outr'ora o Tibre consubstanciava a propria Roma, e ainda hoje o Ganges sagrado resume as vivas aspirações patrioticas do Indú.»

.

«É inútil inspirarmo-nos de um altruismo cosmopolita para justificar a empreza, em que se lançaram generosamente os estudantes. Ponderai sómente que aos tuberculosos é antes de tudo necessario uma atmosphaera oxygenada, livre e pura; — o ar das montanhas é porventura o seu melhor tratamento. Os povos da Europa aproveitam afanosamente a topographia

das suas altitudes para asylo dos doentes. A Italia, a França, a Allemanha, a Suissa possuem todas as gradações necessarias de clima, que podem beneficial-os, nos contrafortes alpinos, que hoje regorgitam com soberbas accommodações, penduradas nas vertentes e escondidas na dobra das penedias afestoadas de verdura. Recordae que maravilhosa alliança da arte e da sciencia com a natureza vai entontecendo o viajante, que, de encosto ao bordão aferroado do alpinista, percorre os sanatorios, subindo gradativamente desde as Rivas de Nice e de Genova até ás alturas de Davos-Platz ou Saint-Moritz!! A vizinha Hespanha pensa em aproveitar os cumes e os contrafortes dos montes ibericos; e poderá desde a Serra Nevada até aos pinaros das Asturias, dilatando as vistas sobre o mar cantabrico ou sobre o atlantico, e desde o Guadarrama aos Pyrneos, instituir magnificas series de sanatorios.

«Nós, que a partir das ermidas do Bussaco até ás cumiadas selvaticas dos Herminios possuímos de certo condições optimas para constituir e graduar as nossas estações, apenas fundámos n'um recanto da Estrella uma pequena e desvalida aldeia pela benemerencia e iniciativa de espiritos arrojados.»

.....

«... O divino e mysterioso poeta, de quem se orgulha a cidade que entrelaça na sua corôa deslumbrante de artista os festões e as grinaldas das flores, ao entrar no inferno, ficou inquieto com os suspiros, os prantos e os dolorosos ais que o envolviam:

*Quivi sospiri, pianti, ed alti guai
Risonavam per l'aer senza stelle.*

«Eis o que nós, os medicos, podemos exclamar, quando contemplamos as dolorosas estancias, onde se albergam os tuberculosos: — os gritos de desespero, as ancias lancinantes de afflicção cortam os ares negros, sem estrellas e sem esperanza. E em nosso peito, que o vulgo, injustamente, julga

empedernido pela contemplação de soffrimento, e em nosso cerebro, a que o estudo deu mais acuidade e mais nobreza, insurgem-se as masculas energias n'uma potente revolta de protesto! »

.....

Depois da leitura d'este brilhante discurso, que deixou em toda a assembléa a mais assignalada impressão de entusiasmo, o sr. Dr. Augusto Rocha propoz, e foi approvada por aclamação, a seguinte meza geral do congresso :

Presidente, dr. Costa Simões, reitor da Universidade; vice-presidente, dr. Bernardo Mirabeau, decano jubilado da faculdade de medicina; 1.º secretario, Ayres de Ornellas, representante da Sociedade de Sciencias Medicas; 2.º secretario, João Sabino de Sousa, representante do Hospital Veterinario de Lisboa; 1.º vice-secretario, Agostinho Lucio da Silva, representante da Sociedade de Geographia; 2.º vice-secretario, Annes Baganha, delegado de saude pecuaria de Lisboa.

A falta de espaço e de tempo inibem-nos de dar circumstanciada noticia do congresso. No proximo numero alguma cousa mais diremos, e desde já podemos annunciar aos nossos leitores que o illustre congressista, distinctissimo clinico e nosso respeitavel amigo sr. dr. Lopo de Carvalho, dignou-se conceder para as paginas da *Revista Contemporanea* um artigo extrahido da notavel memoria que apresentou ao congresso sobre o tractamento dos tuberculosos na Guarda, — honra que muito nos penhorou e cordealmente agradecemos.



Uma pagina brilhante na historia da Universidade de Coimbra

(Continuação da pag. 89)

COLLEGIO DOS CONEGOS SEculares DA CONGREGAÇÃO DE S. JOÃO EVANGELISTA

Eu Manuel dos Reis, Professor da S. Theologia e Reitor do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Gaspar dos Anjos, Professor Jubilado da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, Censor da S. Inquisição, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Antonio de Santa Clara, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Bento da Espectação, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM CISTERCIENSE

Eu Fr. João Ribeiro, Leitor Primario da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bernardo Lopes, Leitor de Vespera da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Affonso de Mello, Leitor da S. Theologia e Dr. da mesma Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João Cesar, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Nicolau Pereira, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Gregorio de Almeida, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM BENEDICTINA

Eu Fr. Gaspar Barreto, Professor da S. Theologia e Dom Abbade do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de Santo

Antonio, Leitor Primario da S. Theologia e Dr. da mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel dos Seraphins, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Bento da Ascensão, Pregador Geral, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco de S. Bernardo, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DAS ORDENS MILITARES DE JESUS CHRISTO

Eu Fr. José Carlos, Reitor do Collegio das Ordens Militares, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel Coutinho, Leitor Jubilado da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. Eu Fr. Feleciano de Nossa Senhora, Leitor Primario da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Christovam de Moncada, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DOS CONEGOS REGULARES DE SANTO AGOSTINHO

Eu D. Ignacio de Santa Thereza, Leitor da S. Theologia, e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu D. Agostinho da Gloria, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA SANTISSIMA TRINDADE

Eu Fr. Manuel da Ave Maria, Leitor da S. Theologia e Dr. na mesma pela Academia e Reitor no Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. João da Cruz, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Domingos da Silva, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM DOS MENORES DA PROVINCIA DO ALGARVE

Eu Fr. Manuel de S. Boaventura, Censor da S. Inquisição, Leitor Primario da S. Theologia e Guardião do Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Leandro da Conceição, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José dos Remedios, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS

Eu Fr. Pedro de S. Bernardo, Leitor Primario da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. André do Santissimo Sacramento, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Clemente do Rosario, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

CONVENTO DE S. FRANCISCO DA PROVINCIA LUZITANA

Eu Fr. Francisco de S. Gualter, Professor Primario da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel da Piedade, Professor de Vespera de S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel do Sacramento, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de Santo Thomaz, Leitor da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

COLLEGIO DE S. PEDRO DA TERCEIRA ORDEM DE S. FRANCISCO

Eu Fr. Manuel de S. João Baptista, Leitor Primario da S. Theologia e Reitor do mesmo Collegio, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. Manuel de Santa Clara, Leitor de Vespera da S. Theologia, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Fr. José do Espirito Santo, Jubilado na S. Theologia e Censor da S. Inquisição, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

**JURAMENTO PRESTADO PELA FACULDADE DOS S. CANONES
SEGUNDO O SENTIDO DA FACULDADE DE THEOLOGIA**

Eu Antonio Teixeira Alvares, do Conselho de S. Magestade, Desembargador do Paço, Conego doutoral na Sé do Algarve, Juiz Extraordinario da S. Inquisição, Doutor em ambo: os Direitos, Professor Primario dos S. Canones de Vespera, Jubilado de Direito Civil, sinto o mesmo e juro. — Eu Manuel Borges de Cerqueira, Conego Doutoral na Sé do Porto, Juiz Extraordinario no Tribunal da S. Inquisição, Dr. nos S. Canones e Professor de Vespera, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Francisco de Almeida Cayado, Juiz Extraordinario no Tribunal da S. Inquisição, Conego Doutoral da Sé de Lamego, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Doutor e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Antonio d'Andrade Rego, Desembargador dos Aggravos, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Tavares Coutinho, Collegial de S. Paulo, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor dos S. Canones,

sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Braz Anjo, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Manuel Nobre Pereira, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu João de Araujo Ferreira Rebello, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Alexandre de Vasconcellos Coutinho, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu João de Moura Gouvêa, Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu Silvestre da Silva Peixoto, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p. — Eu José Pedro da Camara Coutinho, porcionista no Real Collegio de S. Paulo, Arcediago na Sé de Lamego e Dr. e Professor Extraordinario dos S. Canones, sinto o mesmo e juro. A. m. p.

JURAMENTO PRESTADO PELA FACULDADE DE DIREITO CIVIL
SEGUNDO O SENTIDO DA FACULDADE DA S. THEOLOGIA

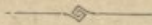
Eu Manuel da Gama Lobo, Juiz Extraordinario no Tribunal da S. Inquisição, Conego Doutoral na Sé de Braga, Mestre na Faculdade de Artes, Dr. e Professor Primario da Faculdades de Direito, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Geraldo Pereira Coutinho, Desembargador dos Aggravos, Dr. e Professor de Vespera de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Bernardo Pereira da Silva, Desembargador dos Aggravos, Mestre na preclara Faculdade de Artes, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel de Mattos, Collegial no Collegio de S. Paulo, Conego Doutoral na Sé de Vizeu, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu João da Costa Leitão, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Sebastião Pereira de Castro, Collegial no Collegio das Tres Ordens Militares, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Francisco Pereira da Cruz, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Gomes de Carvalho, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Mestre na preclara Faculdade de Artes, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Fernando José de Castro, Collegial no Real Collegio de S. Paulo, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Bernardo Antonio de Mello, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. e Professor interino de Direito Civil, juro o mesmo. A. m. p.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.

A CIDADE DA GUARDA

CONSIDERADA COMO ESTAÇÃO PARA TRACTAMENTO DA TUBERCULOSE PULMONAR ¹



.....

A escolha da Guarda para séde do tractamento climato-therapico da tuberculose pulmonar é de data relativamente recente. Foi em 1888 que o sabio redactor da *Coimbra Medica*, tendo ali ido em serviço clinico, impressionado talvez pela recente observação de um doente, cuja affecção pulmonar elle tinha anteriormente seguido, publicou n'aquelle jornal um artigo editorial, onde entrevia as vantagens que se poderiam tirar das excepçõaes condições de hygiene e de altitude, a par das commodidades que offerece aquella pequena cidade, para o tractamento dos tuberculosos. Alguns doentes, os mais ousados, pelo conhecimento d'aquelle artigo, e sem que para esta resolução entrasse em linha de conta uma justa e sabia direcção que satisfizesse aos preceitos scientificos, foram fixar temporariamente a sua residencia na Guarda, aproveitando uns este ponto como estação de transição para a serra da Estrella, e outros, os que não podiam lutar contra a exploração ignobil que então se fazia n'aquelle estação, fixando-se ahi definitivamente na esperança de uma cura proxima. N'esse e nos annos subseqüentes, ahi affluiram tuberculosos em maior ou menor numero, luctando ordina-

¹ Graças á amabilidade do nosso respeitavel amigo e distincto clinico sr. Dr. Lopo de Carvalho, temos o prazer de publicar na *Revista Contemporanea* este trecho da esplendida conferencia que s. ex.^a realisou no Congresso de tuberculose. Pena é que nos não seja possível publicar toda a conferencia do sr. Dr. Lopo, que n'aquelle trabalho verdadeiramente notavel evidenciou mais uma vez o seu poderoso talento. Agradecemos-lhe a honra que com este artigo foi concedida á nossa *Revista*. — F. A.

riamente com a cachexia dos ultimos periodos da doença, sem distincção de formas, com o desespero do aggravamento constante, errantes de medico para medico, sem conseguirem minorar o seu soffrimento.

E, cousa notavel, ahi os suores desapareciam-lhes immediatamente, o appetite voltava-lhes, o organismo levantava-se tonificado pelo ar excitante e pela alimentação, e com este benefico mas transitorio resultado, renasciam as esperanças de uma cura provavel n'esta nova terra da promissão.

O prolongamento da vida em alguns, a melhora consideravel de muitos e a cura definitiva de poucos, fizeram da Guarda uma estação de verão para os tuberculosos, tendo ahi estado na epoca passada perto de cincoenta, e deixando de ir egual ou maior numero pela falta de hoteis e de casas que se arrendassem e onde podessem fazer uma estação regular.

Foi n'estas condições que eu, como medico d'aquelle municipio, comecei prestando os meus serviços clinicos a esta ordem de doentes, vendo-os e observando-os com regularidade, estudando assim a acção que o clima e a therapeutica exercem sobre a evolução da tuberculose pulmonar.

No segundo anno, comprehendi a necessidade que tinha de deixar consignada a historia do doente e da doença, registando regularmente as modificações por que passava o estado geral e o processo morbido local: em 1889 iniciei pois este trabalho, accrescentando mais tarde a descripção graphica das lesões e alterações consecutivas por meio de figuras schematicas, onde, servindo-me de signaes convencionaes, eu deixava gravados, após cada observação, a extensão das lesões, os phenomenos inherentes e alterações supervenientes. Este processo tem a vantagem de exigir maior precisão na observação, e de orientar rapidamente o clinico sobre a historia e evolução da doença, quando o tuberculoso se apresenta novamente á consulta.

É o resumo d'este trabalho, realisado sem intenção de um dia ser publicado, que eu venho apresentar a este congresso.

A Guarda, situada na extremidade norte da serra da Estrella, á longitude de $7^{\circ},14'$ do meridiano de Greenwich e latitude de $40^{\circ},32'$ norte, tem uma altitude de 1:039 metros acima do nivel do mar. A media annual da pressão barometrica corrigida é de 0,674; a temperatura media annual é de $9^{\circ},5'$, apresentando os extremos de minima e maxima absolutas de -8° e $+30^{\circ}$. A tensão do vapor varia entre 6 e 7, e a humidade relativa é, segundo a media dos ultimos annos, de 64 e $\frac{1}{2}$, sendo porém de 62 em abril, de 63,1 em maio, de 56,3 em junho, de 43 em julho, de 35 em agosto, de 49 em setembro e de 66 em outubro.

O total da chuva é de 800 a 900 millimetros: predomina o vento noroeste, seguindo-se depois o norte e sul na ordem da frequencia. A media da evaporação expressa em millimetros é de 200, chegando a subir nos mezes de agosto a 450. A media do ozone oscilla entre 6 e 7.

Ha durante o anno 115 dias em que chove; 130 dias de nevoeiro, de que a cidade quasi sempre está completamente livre, conservando-se porém nas zonas inferiores semanas consecutivas; e quando, durante os mezes de inverno, o nevoeiro ahi sobe, é sempre transitoriamente, sendo raro que permaneça dois ou tres dias consecutivos. Ha dezenove dias de neve, de janeiro a abril; vinte dias de gelo, quasi sempre em janeiro; quarenta de geada, de novembro a fevereiro; cinco de sincêlo, em janeiro; cento e vinte dias o céu apresenta-se coberto, e ha vinte dias de vento forte, tempestuoso durante o inverno e primavera.

A população da Guarda é de 5:000 habitantes approximadamente; as ruas, em geral largas, são naturalmente inclinadas de forma a serem rapidamente lavadas pela agua das chuvas mais insignificantes.

A differença media entre as temperaturas maxima e minima do dia e da noite é de 6° , exceptuando os mezes de junho, julho, agosto e setembro, em que essa differença sobe a 12° cent. A differença media das temperaturas diurnas observadas ás nove horas da manhã e ás tres horas da tarde não chega a 3° cent. As aguas potaveis, como todas as que

provêm de terrenos exclusivamente graníticos, são de boa qualidade; ainda que a sua analyse bacteriologica nunca foi tentada, é certo que, em algumas, ha ausencia quasi completa de materias organicas, de forma a permittirem o seu emprego nos collyrios dos saes de prata, sem mudarem apreciavelmente de côr. Não tenho tambem presenciado epidemias, se exceptuar a grippe, variola e sarampo. A febre typhoide, tão frequente em todo o concelho e districto, é ahí etiologicamente desconhecida; os casos que lá evolucionam adquiridos fora d'aquelle meio, rarissimas vezes se transmitem ao pessoal que presta serviços ao doente. Não ha focos de infecção palustre, e em dez annos não presenciei nenhuma epidemia de diphteria. A tuberculose, até ha poucos annos, era quasi desconhecida dos naturaes, que tambem se julgam, pelas condições de altitude, ao abrigo de epidemias do cholera. A canalisação deixa muito a desejar; é mal feita e está incompleta; a arborisação está pouco desenvolvida.

A athmosphera é de uma pureza e transparencia extraordinarias; diz-se que só o Piemonte tem um ceu tão azul como o da Guarda, — engano de certo, porque esta propriedade é característica de todos os pontos elevados.

O numero de germens athmosphericos deve ser ahí muito restricto, porque tendo tido necessidade, por mais de uma vez, de preparar meios de cultura, e principalmente o caldo de gelatina peptonisada, tenho observado que, após a sua transvasação para os tubos, estes dispensam esterilisação consecutiva, se aquella operação é effectuada ao ar livre e durante um dia sereno; perdem-se apenas 7 a 12 por cento, e todos elles inquinados pelo mesmo micro-organismo do genero cladotrix. Existem tres ou quatro hoteis, que recebem indistinctamente individuos doentes e saudaveis; a alimentação, que para estes ultimos pode ser considerada como regular durante alguns dias, não satisfaz ás exigencias dos primeiros, que necessitam maior variedade e mais cuidados culinarios, de forma a estimular-lhes o appetite ordinariamente decadente.

O clima da Guarda é pois um clima de serra, onde a sua altitude e pureza do ar devem exercer uma influencia

favoravel em algumas formas da tuberculose; a estas vantagens reune algumas commodidades dos centros populosos, sem os inconvenientes das grandes cidades que teem fabricas, industrias, e onde a população é agglomerada. No entanto estas commodidades estão muito longe de se poderem comparar aos confortos que as estações da Suissa e Allemanha offerecem aos seus doentes; não temos passeios, nem sequer bancos onde os doentes possam descansar nas suas sahidas para as estradas e para a montanha; não ha um kiosque nos pontos mais frequentados pelos doentes, onde se lhes venda leite quente ou café, e onde elles se abriguem do calor, ou da chuva nos dias tempestuosos; falta a educação apropriada ao tratamento d'estes doentes.

N'estas condições é necessaria toda a energia de vontade, para que o doente possa persistir ahi o tempo necessario para uma cura completa; a muitos fallece-lhes a coragem, e aquelles em que o clima exerce uma influencia manifesta, vão por meu conselho, durante a estação de inverno e primavera, procurar a Davos-Platz a commodidade e o bem estar que aqui não podem ter com o rigor da estação.

Muito peor do que a Guarda está a serra da Estrella, cujas condições excepçoes de alguns pontos elevados deveriam fazer d'ella a primeira estação da peninsula. Ahi não ha hoteis, nem habitações supportaveis, nem alimentos, nem medico; o sanatorio está na zona dos nevoeiros, onde as neves fundem facilmente, e não é abrigado dos ventos tempestuosos; exceptuando duas ou tres casas, o resto são choupanas absolutamente inhabitaveis durante oito ou nove mezes; a alimentação vae procurar-se a distancias enormes, quando os caminhos são transitaveis; a estrada para Gouveia não está concluida, e a ausencia de um facultativo, que o espirito economico do governo d'ahi retirou, fez quasi abandonar aquelle ponto, onde tantas esperanças estavam concentradas.

.....

DR. LOPO JOSÉ DE FIGUEIREDO CARVALHO.

A DEFEZA DAS COLONIAS PORTUGUEZAS



A campanha que actualmente sustentamos em Lourenço Marques, com grande dispendio de vidas e dinheiro, e que nos custa muito mais pela nossa imprevidente administração ultramarina que pelo proprio facto da guerra, desperta naturalmente a questão da defeza das colonias, que agora mesmo preoccupa os espiritos em França, a proposito da campanha de Madagascar.

Estamos ha muito convencidos que uma organização militar sensata, mais fundada nos interesses do paiz que em conveniencias particulares, podia garantir-nos a segurança das colonias com pequeno augmento de despeza nos primeiros dez annos, e sem augmento algum depois de curto praso. Mas officialmente nada se tem feito n'esse sentido que nos dê segura esperanza do futuro, porque só ha muito pouco tempo é que os governos, marchando vagarosamente a reboque da opinião publica, vão olhando para os interesses coloniaes, com uma orientação mal segura, parece, e menos definida.

Depois de tantos desastres que temos soffrido na Africa e de tantas campanhas que, por serem feitas em condições inteiramente anormaes, nos teem custado rios de dinheiro, a idéa que naturalmente occorre a todes os espiritos é a da formação de um exercito colonial, sufficientemente aguerrido e disciplinado para nos garantir a segurança dos nossos dominios. A convicção d'esta necessidade é tanto maior quanto

são extensas as colonias portuguezas, e quanto se acham ameaçadas pela ambição de estranhos e pelo espirito de revolta de regulos irrequietos.

No campo da realisação practica, a idéa está envolvida em difficuldades consideraveis; mas se a sua execução é indispensavel para a economia colonial, não haverá meio de vencer taes difficuldades?

O primeiro alvitre que se offerece é o de obrigar os habitantes das colonias ao serviço militar, como são obrigados os da metropole. O alvitre não é realisavel em todos os pontos das nossas colonias, e offerece vantagens deseguaes segundo as diversas circumstancias. Vejamos.

Para se organisarem corpos militares com elementos indigenas, isto é, com os mancebos filhos de cidadãos portuguezes e nascidos nas colonias, é necessario que a colonia respectiva satisfaça a diversas condições. A primeira é que a sua população garanta um alistamento annual bastante para compensar as despezas de organização, e capaz de prestar os serviços que d'essa organização devem esperar-se. Outra condição é que o alistamento se faça de forma, se é possivel, que não prejudique muito consideravelmente os serviços de agricultura, desbravamento e saneamento de terrenos, tão indispensaveis ao desenvolvimento das colonias. Podemos affirmar que nenhuma das nossas colonias satisfaz de um modo absoluto a esta ultima condição; mas devemos ter sempre em vista que é necessario conciliar os interesses do desenvolvimento agricola com os outros interesses, não menos importantes e respeitaveis, da segurança da colonia.

Demais, cremos que nada obstaría a que um corpo militar fosse ao mesmo tempo e até certo ponto uma colonia agricola. É claro que, como não é necessario que os soldados estejam sempre em campanha e de prevenção contra o inimigo, cada corpo militar podia e devia ter á sua disposição uma certa extensão de terreno para o desbravar e cultivar, o que não prejudicaria o tirocinio das armas nem a disciplina militar. Para incitar os soldados ao trabalho, todo o producto da cultivação, feitas as deducções a que o estado tivesse

legitimo direito, seria por elles distribuido. Por certo que não tinhamos assim regimentos á europêa, mas teriamos indubitavelmente, e isso é o que importa, colonos que augmentavam a riqueza, desbravando campos, e soldados que n'um momento pegavam em armas para defender as colonias contra os seus inimigos.

Estamos a ver certos leitores sorrirem-se chamando a isto uma utopia; a verdade, porém, é que pelo preconceito de se dar esse nome a muitas cousas uteis ellas se não realisam, apesar de todas as vantagens que promettem.

Poderão dizer que semelhante organização era completamente opposta à liberdade de trabalho; mas aqui não se tracta d'isso, nem a occupação principal do soldado é o trabalho agricola, mas os serviços que tem a prestar com as armas: tracta-se apenas de servir a patria defendendo as colonias, de pagar o tributo de sangue que todos devem, procurando o Estado offerecer em troca todas as vantagens possiveis e compativeis com o exercicio das armas.

Outra condição essencial para regularmente se constituir um exercito colonial é, como dissemos, a que se refere ao numero de habitantes de cada colonia.

A população da provincia de Angola ascende a mais de 12.000:000 de habitantes. Deduzindo a parte da população em que poderia julgar-se inexequivel o alistamento ao menos por agora, ficariam ainda, supponhamos, 6.000:000 habitantes, que poderiam fornecer, na peor das hypotheses, um alistamento sufficiente para a conservação permanente de 12:000 homens armados. E que pôdem fazer esses doze mil homens n'uma area de mais de 1.300:000 kilometros quadrados, isto é, mais de quatorze vezes a area de Portugal? Seria pouco, bem sabemos, mas seria muito mais e melhor do que aquillo que lá temos hoje, que quasi não é nada. Esses doze mil homens occupariam os pontos principaes da provincia, dividindo-se, por exemplo, em doze corpos, e convergiriam, n'um momento de perigo, para onde a sua presença fosse reclamada. Esses soldados, acclimados e conhecedores do paiz e de todas as circumstancias necessarias ao soldado em campanha, pres-

tar-nos-iam muito melhores serviços do que uma expedição de soldados europeus que vão á Africa morrer de febres sem poderem prestar serviços importantes, apesar da sua boa vontade, porque se sentem victimados pelo clima, pela falta de aquartelamentos e de todas as mais vulgares necessidades.

Essas forças estacionando, ao norte do Zaire, em Landana e Cabinda, e ao sul em Santo Antonio do Zaire e S. Salvador do Congo; no districto de Loanda em Encoge, Bengo, Loanda, Duque de Bragança, Golungo Alto, Pungo Andongo, Ambaca, Malange, Dondo e Novo Redondo; no districto de Benguella, em Bailundo, S. Philippe de Benguella, e Dombe Grande; finalmente, no districto de Mossamedes, no planalto de Chella, em Huilla, Mossamedes e Humbe, — constituiriam outros tantos pontos de defeza, e poderiam marchar mais para o interior ou para qualquer ponto de perigo. Em certas circumstancias podiam até transportar-se pelo Cabo da Boa Esperança para a Africa oriental, o que seria bem menos dispendioso e mais util que enviar tropas da metropole.

A provincia de Moçambique tendo apenas pouco mais de metade da area e um oitavo da população da provincia de Angola, podia formar um exercito de tres mil homens disciplinados, capazes de satisfazer ás mais urgentes necessidades e ao menos constituirem um nucleo de resistencia até á chegada de reforços em circumstancias extraordinarias. Essas forças occupariam os pontos mais importantes da provincia, e teriam em tudo uma organização igual ás das forças de Angola.

Mas um exercito não se forma pelo simples alistamento de mancebos: o que é sobre tudo importante é disciplinal-os e educal-os, e para isso não se pode contar simplesmente com elementos africanos. Nos primeiros seis ou oito annos, portanto, era necessario enviar tropas da metropole para a formação de um nucleo de exercito colonial.

Mas, dirão, se já hoje existe em Portugal uma grande repugnancia pelo serviço militar, o que constitue uma das causas da emigração para o Brazil, — que será quando aos

nossos soldados se fallar em ir para a Africa, que ainda hoje se afigura a muita gente como terra de degredados?

A difficuldade não é tão grande como á primeira vista parece. Em primeiro logar as tropas da metropole deviam ir para regiões salubres, que as temos, e muitas, na nossa Africa, pois nem mesmo era necessario transportal-as para terras doentias. Depois deve considerar-se que, no actual estado de cousas, os nossos soldados sabem que podem ser obrigados, de um momento para outro, a embarcar para a Africa, como agora está succedendo, e n'este caso vão para onde a necessidade os reclama, e não para um local salubre. Finalmente, alem de que muitos soldados se prestariam voluntariamente a marchar para a Africa nas condições indicadas, o governo podia vencer essa repugnancia de varias formas, como, por exemplo, reduzindo a metade o tempo de serviço d'aquelles que fossem para as colonias depois de aprendido o exercicio na metropole.

Finalmente para tornar menos onerosas as despezas que este plano importaria, ao menos nos primeiros annos, era conveniente reduzir as despezas com o exercito da metropole, o que não seria muito difficil.

Isto é simplesmente o esboço de um plano que é perfeitamente exequivel e offerece incontestaveis vantagens, sob qualquer ponto de vista que se considere. Acabariamos assim com o nosso pessimo systema de fazer campanhas em Africa, tinhamos com mais economia e maior segurança garantida a integridade dos nossos dominios, e augmentariamos o nosso prestigio colonial.

FORTUNATO DE ALMEIDA.



OS MILAGRES DE LOURDES

E AS OBJECCÕES DOS MEDICOS

Conferencia lida na Academia dos Arcades, em Roma,
em 20 de fevereiro de 1895, pelo Doutor José Lapponi,
medico particular de Sua Santidade Leão XIII

Eminencia, ¹⁾

Excellencias, ²⁾

Meus senhores e minhas senhoras:

Acceitando o convite que recebi de fallar novamente ácerca de Lourdes n'esta assembléa, reconheço que o meu compromisso é grave, porventura superior ás minhas humil-des forças; porque se é sempre difficil egual tarefa, essa difficuldade redobra perante um audictorio tão selecto como este.

Todavia accedi de boa vontade a este lisongeiro convite, por confiar na santidade do fim do meu discurso e na amavel indulgencia dos que me ouvem. Vou, pois, fallar novamente de Lourdes.

Mas, para escapar á censura que Apelles fez outr'ora áquelle que tinha a pretensão de se arvorar em critico, circumscreverei o meu discurso em limites perfeitamente em harmonia com o genero de estudos a que ha muitos annos

¹⁾ O Cardeal Vicente Vannutelli.

²⁾ Membros do corpo diplomatico acreditado junto da Santa Sé.

me tenho inteiramente consagrado; e tractarei do valor das afirmações que, em nome da sciencia medica, são allegadas por alguns a fim de explicarem os factos singularissimos — e porque não hão de chamar-se pelo seu nome? — miraculosos, que ha mais de trinta e cinco annos se verificam em Lourdes.

Parece-me de muita oportunidade examinar essas afirmações, porque foram recentemente formuladas por alguns sabios de fama, e alem d'isso porque um romancista ousado procurou além dos Alpes vulgarisal-as e espalhal-as entre o povo, para recusar a Deus o que é de Deus fingindo dar a Cesar o que é de Cesar.

A meu ver não basta combater, como fizeram todos os outros depressores, as maravilhas de Lourdes com as armas do ridiculo, porque o ridiculo não é um argumento; e no caso de Lourdes, por motivos de que me não occuparei, o ridiculo tem servido muito pouco até hoje a causa da verdade.

Bem sei que, desenvolvendo esta delicadissima questão, vou attrahir sobre mim os sarcasmos e o desprezo de collegas numerosos e até muito estimados. Mas quando se tracta de prestar uma terna homenagem de devoção e de fé á Virgem Mãe de Deus, consideraria uma fraqueza recuar perante semelhante obstaculo.

I

Quem não conhece a historia dos maravilhosos acontecimentos de Lourdes? — Ninguem ousa levantar a menor duvida ácerca d'ella, — tão luminosas são as provas da sua authenticidade!

Em França, nos arredores de Lourdes, ergue-se um rochedo em que a natureza cavou grutas; tem o sitio o nome de Massabielle, e domina o curso do Gave.

Uma candida pastorinha de quatorze annos, Bernardette Soubirous, filha de paes muito pobres mas honestos, debil de corpo, conhecendo apenas o caminho dos campos, a casa de seus pobres visinhos e a humilde egrejinha da sua parochia, encontrava-se um dia perto d'esse rochedo, occupada

em apanhar lenha, com uma de suas irmãs e uma sua companheira.

Era em 17 de fevereiro de 1858: ainda hontem festejavamos o anniversario d'esse dia memoravel.

A menina preparava-se para atravessar um regato a fim de ir ter com a irmã e a companheira, que se tinha adeantado um pouco, quando de repente, no ambiente sereno, ouve um ruido semelhante a uma rajada de vento impetuoso.

Volta casualmente os olhos para a abertura de um dos rochedos visinhos, e na cavidade, por sobre uma roseira sem folhas, vê, entre os esplendores de uma luz indescriptivel, uma senhora de sobrehumana belleza, vestida de branco e com um cinto azul. Das mãos, como que em piedosa oração, pendia-lhe um rosario, contas cõr de leite em fios de ouro. Surprehendida a principio, depois tomada de respeito e temor, a menina ajoelha e começa a orar tambem, com os olhos fixos na doce visão. O spectaculo sublime dura um quarto de hora; depois a senhora sorri-se e desaparece, e Bernardette não vê deante de si mais que a roseira secca e a escavação do rochedo.

Desde esse dia a visão renovou-se ainda dezeseite vezes, mas sempre e exclusivamente quando a pastorinha tinha um vivo desejo e o presentimento de que ella appareceria.

Testemunhas oculares d'essas aparições affirmam, que, no extasis, o aspecto da ingenua creança como que se transfigurava e illuminava pelo reflexo de uma luz indizivel.

A menina não perdia os sentidos: via tudo, ouvia tudo, comprehendia tudo o que os outros viam e ouviam como ella; fazia pedidos e orações, mas alem d'isso via e ouvia cousas que escapavam aos outros. Desapparecida a visão, conservava a memoria de tudo o que se passára.

Uma vez, durante um dos seus arrebatamentos, tinha Bernardette um cirio acceso na mão; emquanto o cirio se consumia, a chamma lambeu durante uns quinze minutos os dedos da mão que o sustentava; mas, com grande surpresa das testemunhas d'este facto, e principalmente do doutor Couzons, Bernardette não accusou dôr alguma, e a sua carne não offereceu o menor vestigio da acção do fogo.

A senhora da visão ordenou um dia á innocente menina, que annunciasse ao clero o desejo que tinha de ver concorrer as multidões ás grutas de Massabielle, onde queria que se levantasse um templo em sua honra.

Como a joven vidente, a instigação de seus vizinhos, pedisse á senhora que fizesse florescer, como prova da realidade das suas aparições, a roseira que seus pés calcavam e que o inverno seccára, a senhora sorriu-se. Poucos dias depois diz á pastora que beba. Esta não vendo agua, quer correr ao rio Gave ; mas, chamada pela Senhora, determinase a cavar com as suas mãos uma pouca de terra accumulada a um canto da gruta. E immediatamente vêem-se surgir algumas gottas de agua, que pouco e pouco sahem mais abundantes e, ao cabo de algumas horas, tornam-se uma nascente bastante consideravel. ¹⁾

Mezes depois tentam desviar as aguas e cobrir a bocca da fonte prodigiosa. Esforço inutil! as aguas continuam a correr, como ainda hoje.

« Mas quem sois vós, Senhora, que tantas vezes vos tendes dignado apparecer-me e que, sob os meus dedos, fizestes brotar no meio de aridos rochedos uma fonte tão fecunda? Por Deus, dizei-me o vosso nome! »

A pedido de todos, a menina repetidas vezes fez esta pergunta á visão. A senhora a principio nada respondeu; mas enfim pronunciou estas palavras que Bernardette provavelmente ouvia pela primeira vez na sua vida: « *Eu sou a Immaculada Conceição.* » Acabadas estas palavras, a visão desapareceu. Depois d'isto ainda a senhora se mostrou duas vezes, e eis tudo.

Nem antes, nem durante a visão nem depois d'ella a miraculada soffreu qualquer doença nervosa; nunca, nas funcções das suas faculdades mentaes, mostrou um desarranjo ou uma alteração. Repetindo o que vira ou ouvira, foi sempre logica e consequente, e nunca ninguem conseguiu,

¹⁾ Depois de algumas horas, as gottas que brotaram a principio tornaram-se uma fonte copiosa e inesgottavel, que hoje dá 120:000 litros por dia, ou sejam 5:000 em cada hora, ou ainda mais de 80 por cada minuto.

mesmo com os artificios mais enganadores, induzil-a a uma contradicção. De character vivo, instrucção mediocre, até ignorava o francez e apenas fallava o dialecto do seu departamento; e apesar d'isso deslumbrou e confundiu, com as suas sabias, promptas e surprehendentes respostas, aquelles que procuravam convencêl a da inanidade das suas visões.

Perfeitamente equilibrada na intelligencia, no coração e nas inclinações, Bernardette portou-se sempre como uma mulher a quem nada préjudicou as faculdades; e, cheia de merecimentos perante Deus, morreu ainda nova n'um convento da cidade de Nevers.

Exceptuando os seus extasis e as suas virtudes, nada foi extraordinario na sua vida nem na sua morte.

Quanto ás aguas que, durante uma visão, tinham brotado debaixo das mãos de Bernardette, a analyse chimica dos sabios nada encontra n'ellas que as distinga de todas as aguas potaveis. Mas desde o primeiro momento da sua irrupção mostraram admiraveis virtudes curativas. Por ellas, os cegos recuperaram a vista, os surdos o ouvido, os mudos a palavra, os paralyticos o uso dos membros sem movimento, os moribundos a vida. Com o tempo nada perderam da sua virtude; pelo contrario, affirmaram-se cada vez mais efficazes contra os males mais diversos. E até quando a sciencia teve de confessar-se impotente ellas produziram muitas vezes fructos maravilhosos.

II

Em presença d'estes factos, o bom senso popular bradou: « milagre! » Mas a este grito respondeu o protesto d'aquelles que, em nome da sciencia medica, pretenderam reduzir os prodigios de Lourdes a simples acontecimentos de ordem natural.

Dizem elles: o elemento extraordinario das visões de Bernardette é devido ao seu temperamento nervoso e sobre tudo hysterico; tudo se limita a *hallucinações*. O elemento extraordinario das curas obtidas pelas aguas de Massabielle é apenas o effeito de um erro, ou de facto ou de apreciação: tudo se limita a *illusões* ou a *suggestões*.

Taes affirmações constituem, para os prodigiosos acontecimentos de Lourdes, outras tantas objecções graves contra o milagre; porque é incontestavel que o milagre não existe desde que ha hallucinação, illusão, suggestão.

Felizmente, semelhantes affirmações, embora especiosas, são de tal forma destituidas de todo o fundamento solido, que será facil demonstrar a sua extrema futilidade. O seu effeito foi chamarem mais a attenção sobre o character miraculoso dos acontecimentos de Lourdes, verificados na gruta de Massabielle; porque ninguem podia negar o milagre, quando a sciencia confessa que as leis mais ordinarias e mais conhecidas da natureza foram alteradas.

Para evidenciar plenamente a nullidade das asserções por meio dos quaes se pretende atacar os milagres de Lourdes, podiamos observar previamente, que aquelles que vêem n'esses factos hallucinações, illusões ou suggestões, nunca quizeram examinal-os de perto, quando todavia esse exame era um dever, sem constituir um grande trabalho.

Poderiamos accrescentar que aquelles que quizeram julgar esses factos de um modo tão estranho, dêram prova da mais insigne má fé, inventando sem pudor circumstancias puramente imaginarias.

Para poderem concluir que Bernardette foi uma hallucinada, chegaram até a dizer que ella, como louca, teve de ser internada n'uma casa de saude.

Podiamos ainda dizer que com habilidade procuraram confundir com os milagres os factos particulares que os crentes consideram como graças.

E poderiamos enfim estabelecer que, para determinar a authenticidade das prodigiosas curas de Lourdes, chegaram até a recusar aos doentes todo o attestado da existencia ou da natureza da sua enfermidade, ou a redigir certificados que, tendo algum respeito pela sua pessoa ou pelos outros, nunca passariam sem pejo.

Debalde, n'um desafio publico divulgado pela imprensa, foram promettidos vinte mil francos áquelle que demonstrasse, deante de tres professores da faculdade de Paris designados